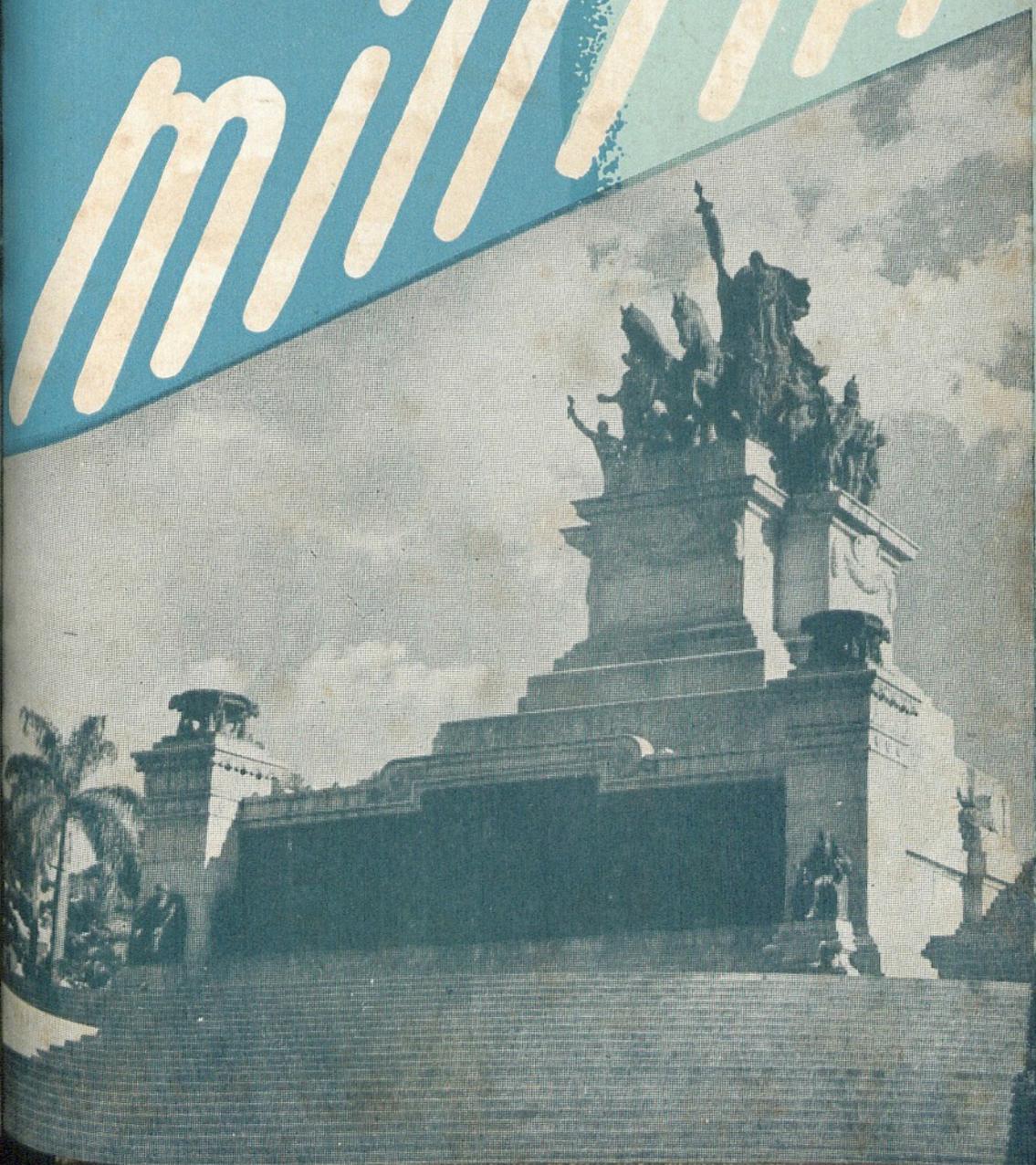


militia



...Uma mão na roda



QUANDO, com o passar dos anos, se tornar penoso o trabalho produtivo que, hoje, lhe oferece segurança, será "u'a mão na roda" a possibilidade de entregar-se a justo descanso amparado pelas suas economias. Seja previdente e garanta o futuro, subscrevendo, ainda hoje, títulos da Prudência Capitalização, na medida de suas posses. Formará, assim, um pecúlio que lhe há de proporcionar velhice tranqüila, a salvo de privações e constrangimentos

Solicite a presença de um nosso agente ou procure, consultando-nos, conhecer as vantagens seguras que os nossos diversos planos oferecem.

PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO

★ COMPANHIA NACIONAL PARA FAVORECER A ECONOMIA ★

Sumário

EDITORIAL

Sombras do Ipiranga	3
---------------------------	---

ASSUNTOS TÉCNICOS PROFISSIONAIS

Comissão Central de Compras — maj. Aparício de Barros Messias ..	8
Comentário da Hora que passa — cap. F. V. da Fonseca e 1.º ten. Monte Serrat	10
Fórmula para determinação do Jato Sólido Vertical — 1.º ten. Plínio Rolim de Moura	13
Como deve agir a Polícia — dr. Rogério Machado	20
Padronizar — cap. Romeu de Carvalho Pereira	23
Origens e demonstração do cavalo — cap. Ubirajara da Silveira	34
Como gostaria de ver a Fôrça — 1.º ten. F. Rodrigues Gimenez	40
Aspirantes na Polícia Civil — asp. Evandro Francisco Martins	45
Conselhos Técnico-Administrativos — 1.º ten. R. Rufino Freire	46
A Fotografia e sua importância em Criminalística — prof. Raimundo Firpo	48
Polícia Acadêmica	64

LITERATURA E HISTÓRIA

Res Nostra — 1.º ten. Sérgio Caldas	4
Forte do Rio Formoso — cap. Arrisson de Souza Ferraz	15
Coronel Pedro Arbues — 1.º ten. Cálío Campos Montes	26
Boêmio — Tancredo Collaço	44
A Inauguração — 1.º ten. Mário Wanderley de O. Pimentel	56
A ignorância — Coelho Netto	59
Convite para o amor — cap. Efraim B. Lastebasse	62
Favêla — 1.º ten. Felix de Barros Morgado	69

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Campeonato Geral de Fôrça	85
Torneio da Primavera	86
Provas Populares de Tiro	87

NOTICIÁRIO

Aniversário do Regimento de Cavalaria	72
Aniversário do Batalhão de Guardas	75
Centro Social dos Sargentos	76

RECREAÇÃO

Secção de Édipo	89
-----------------------	----

DIVERSOS

O petróleo, objetivo nacional — ten. cel. H. Trigueirinho	6
Nós os civilizados — 1.º ten. Aduato Fernandes de Andrade	24
Despedida — cap. Nelson de Carvalho Rosa	32
Galeria dos heróis anônimos — 1.º ten. Ary Prado Marcondes	43
Santos Dumont — 1.º sgt. Sílvio Pedroso	60
Guerreiros de Marte — Centurinha	70
Honestidade	94
Legislação	93
A Marcha Vermelha — 2.º ten. Hildebrando Chagas	97

BICICLETAS



Das melhores procedências europeias. Linhas elegantes e sóbrias, fino acabamento, tanto nos tipos para trabalho como nos de desporto.

VENDAS POR
ATACADO, A VAREJO E
PELO "PLANO SUAVE"

PANAM — Casa de Amigos

Isnard & C

R. 24 de Maio, 70-90 — São Paulo
Telefone 4-8191 (Ramais)

Militia



criada em 19-10-1919 - reorganizada
em 3-8-1933 - Utilidade Pública
Lei 521 de 1-12-1949
Sede própria, Rua Cel. João de Deus, 106
Tel. 227-5687, Luz

REVISTA PUBLICADA NA FORÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO,
DE ACÓRDO COM O ART. 2.º, F, DO ESTATUTO DO C.M.P.F.S.P.

A N O I — SETEMBRO/OUTUBRO DE 1948 — N.º 6

DIRETOR: — ten. cel. José Maria dos Santos.
REDATOR-CHEFE: — major adm. Aparício de Barros Messias.
SECRETARIO: — 1.º ten. Paulo Monte Serrat Filho.

CORPO REDATORIAL: —
Assuntos técnico-profissionais: cap. Ubirajara da Silveira, 1.º ten. João Vieira de Matos, 1.º ten. Francisco Guedes de Lacerda e 1.º ten. Teodoro Nicolau Salgado.
Assuntos científicos: cap. Arrisson de Souza Ferraz, cap. Milton Marques de Oliveira, 1.º ten. Alfredo Marchetti e 1.º ten. Plínio Rólim de Moura.
Literatura: cap. capelão pe. Paulo Aurisol Cavalheiro Freire, cap. Efraim B. Lastebasse e 2.º ten. Hildebrando Chagas.
Educação física e desportos: 1.º ten. Adauto Fernandes de Andrade, 1.º ten. Osvaldo Feliciano dos Santos e 1.º ten. Ulisses Teodoro dos Santos.
Noticiário: cap. Brasilino Antunes Proença, cap. Francisco Vieira da Fonseca, 1.º ten. Olívio Franco Marcondes e 1.º sgt. José Antunes.
Recreação: 1.º ten. Iolando Prado, 2.º ten. Antônio Silva e José de Campos Montes.
Legislação: cap. adm. José Arimatéa do Nascimento.
Fotógrafo: 1.º sgt. João T. Tancler.
GERENTE: — cap. adm. Germano Ribeiro Scartezini.
TESOUREIRO: — 1.º ten. adm. Nelson Martins da Silva.

Redação e Administração: — Rua Alfredo Maia, 106, (Tipografia da Força Pública) — Fone 4-8171, ramal 246.

Assinatura anual	Cr. \$ 25,00
Assinatura semestral	Cr. \$ 15,00
Número avulso	Cr. \$ 5,00

“Militia” destina-se a tratar de assuntos técnicos policiais-militares e culturais em geral.

A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários, os quais não se enquadram em seu programa.

Pede-se que os originais sejam dactilografados, com espaço duplo, sendo que não serão devolvidos, mesmo quando não publicados. Pede-se ainda sejam entregues à redação, no enderêço acima.

A Revista não assume responsabilidade de conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

LABORATÓRIOS

SILVA ARAUJO ROUSSEL

S/A

**VALE
SAUDE**

O Vinho Reconstituente
Silva Araujo tem todos
os elementos necessarios
á perfeita e rapida nu-
trição do sangue. Os
grandes medicos dizem:



VINHO RECONSTITUENTE

SILVA ARAUJO

É o tonico que VALE SAUDE!

SOMBRAS DO IPIRANGA

O chão paulista brindou a Nação Brasileira com o Grito do Ipiranga, rompendo os laços que prendiam a Colônia à Metrópole, e realizando o sonho acalentado muito tempo por uma legião de mártires. E' o capítulo decisivo na história da Nova Pátria.

Apresentaram-se as espadas para o combate que havia de firmar o conceito jurídico da Nação, destruindo os defensores da antiga ordem e dando solidez ao Império que nascia.

O Príncipe é aclamado Imperador pelo povo delirante, e se constitucionaliza pela orientação sábia do Patriarca.

Uma nova Côrte surge pelos títulos de mérito econômico e administrativo, com aqueles que haviam contribuído decisivamente para a nossa pontencialidade agrária.

O Segundo Império toma forma na figura de um cidadão de raras virtudes, enquanto o Mundo sofre os efeitos das arremetidas de um general audacioso.

Vão surgindo modificações nos elementos propulsores do progresso. O País vê filhos seus nas cumeadas das ciências e das artes.

Outro sôpro de renovação dá nova forma constitucional, abolindo a Casa Imperial reinante. Novo sistema de relações econômico-financeiras põe o povo em borborinho. Figuras empreendedoras, cheias de espí-

rito criador, vão levando a Nação para um lugar de destaque.

De Mauá a Simonsen, dois pináculos da economia pátria, há uma série de realizações notáveis. Antes, os caminhos-dê-ferro eram a preocupação para conduzir o produto da vida agrária e atirá-lo à circulação; hoje, as chaminés dão nova paizagem às cidades. Os elementos da indústria de transformação não mais criam problemas aos nossos homens; vive-se cogitando de como extrair minérios básicos, elevar altos fornos metalúrgicos, perfurar o sub-solo, transformar o panorama bucólico do Nordeste: carvão de Paraná e Santa Catarina, ferro de Minas Gerais e Espírito Santo, petróleo de Lobato e Candeias, fios elétricos de Paulo Afonso.

Tudo isso é a Pátria em movimento, no seu incontido anseio de progresso. A independência política que ecoara às margens plácidas do Ipiranga, vai cedendo lugar à independência econômica conduzida pelas mãos enérgicas de novos príncipes.

Volta Redonda é o monumento da nova-era. O mês de setembro nos faz lembrá-la com todos os seus satélites de empreendimentos massiços, enchendo de orgulho as perspectivas do futuro da vida nacional.

E' o Ipiranga se projetando sobre o mapa do Brasil.

“RES NOSTRA”

1.º ten. *Sérvio Rodrigues Caldas*

Pacífico dos Anjos nada tinha de extraordinário. Pelo contrário! Seu físico mirrado como essas folhas de palma que o sol resseca à beira das estradas, já pendia precocemente para a cova.

Mal ajambrado, membros finos, como que espetados num tronco de boneco, um sorriso frouxo a se alargar numa boca sem dentes, eis o Pacífico.

Nas formaturas, causava pena o esforço que fazia para relembrar a firmeza da velha instrução dos mestres franceses, que recebera com seu primeiro fardamento e seu primeiro sapato riuno.

Pacífico era uma ruína que aguardava a miséria duma reforma, velho demais aos quarenta e oito anos duma vida por demais sofredora.

Tudo isso, porém, lhe era completamente indiferente, como alheios eram, para êle, os anos da eletrizante vida moderna.

“— Quando Vossa Senhoria nasceu, meu tenente, eu já era ordenança do defunto senhor Comandante Godoi, que depois comandou o terceiro lá pras bandas de Itiuba, seu tenente!”

Aos poucos, foi-se destravando a língua do velho soldado.

Pacífico dos Anjos era um herói.

Um herói anônimo, pois eu conheci vários Pacíficos, no 5.º, no 4.º, em tôdas as unidades da Fôrça.

Eles foram me contando às suas pequenas “Histórias que a História não conta”, crescendo na minha admiração como as árvores gigantes do sertão que dominaram.

Através do linguajar pitoresco, irreverente e sempre sagaz do caboclo brasileiro, acompanhei a epopéia do Pacífico.

“— Meu tenente, foi verdade, aconteceu lá em Goiás! Vossa Senhoria veja êsse retrato!...”.
Pobre Pacífico! O árduo e incompreendido dever, levou-o a palmilhar desertos, descalço, faminto, sem remédios, na sagrada faina de policiar um país tomado pela guerra civil.

A sua história humilde levou-me de Piratininga ao Ceará, de Senador Pompeu aos sertões de Catanduvas, e de novo às plagas de Canção Uauá e Itiuba.

Sòmente nos olhos lhe restou aquele entusiasmo de outrora.

“— Essa moçada não presta, meu tenente, com o perdão da presença de Vossa Senhoria!”



O retrato, a fotografia eloqüente, mais forte que uma página de Euclides da Cunha, aqui está. Este grupo, com o sargento à frente, os pés envoltos em pano (porque a última botina ficou jogada, inútil, talvez ao lado da cova onde enterraram um camarada tombado), fala por si.

Quantos eram? Milhares!

Quem foram? Os nomes se perderam no anonimato generalizado dum simples número: o 5.º B.C., o 3.º B.C., o 2.º e tantos outros...

Hoje que vivemos gastando o cabedal da tradição que nós foi legado pelos Pacíficos dos Anjos, não podemos nem devemos esquecê-los.

Os nossos velhos soldados estão à espera de que os conduzamos a um útil acampamento nos arraiais da História Pátria.

Ali, êles, humildes e disciplinados, formarão ao lado daqueles bandeirantes orgulhosos, a quem poderão dizer: "*Nós fizemos o Brasil mais brasileiro!*".

Sentinela: — Alto! Quem vem lá?

A voz: — Ainda que diga o nome, voce não me conhece. Sou novo aqui no batalhão....

— O Petróleo, objetivo nacional —

Ten. cel. José H. Trigueirinho

Desde que o motor de explosão substituiu, no sistema de transporte e de força, a máquina animal e originou maiores velocidade, redução de tempo e rendimento econômico, uma revolução construtiva operou-se no seio dos povos mais adiantados e possibilitou-lhes um progresso incomum.

Desenvolvendo a indústria, o comércio e a agricultura, fontes inesgotáveis da produção da riqueza, o motor criou, paralelo, um sério problema para aqueles povos — o do petróleo — sem o que não tem o dinamismo necessário à criação daquela riqueza.

E a corrida dos povos mais avançados se fez, célere, ameaçadora e dominadora, em direção da busca do petróleo, onde quer que ele existisse, criando assim ameaças à soberania dos povos mais atrasados e indefesos, em cujos territórios houvesse indício do líquido motriz.

Iniciou-se a era da "pirataria econômica", nova forma de domínio que veio substituir a antiquada "pirataria salteadora", que conhecemos através da História da Civilização.

Bem por isso, com o objetivo de salvar a soberania nacional, os povos mais avisados preferem declarar o petróleo propriedade do Estado, como fator preponderante da sua autonomia, furtando-o à cobiça e ao domínio estrangeiro. É o monopólio estatal, a preservar o monopólio da soberania.

Outros, pouco prevenidos, preferem entregar o líquido motriz a companhias nacionais. Embora algo sugestivo, a tese não deixa de ser perigosa; porque, qualquer instante, essas companhias podem vendê-lo a estrangeiros e comprometer a soberania pátria.

Por fim, algumas coletividades atrasadas entregam o líquido vital a países estrangeiros, subordinando então sua independência econômica à discricção de outros mais adiantados e ousados.

A guerra 1939 — 44, pondo em evidência a transcendental valia do petróleo, tal o valor da motorização, agitou o problema e essa agitação sacudiu o Brasil.

Levantaram a bandeira do monopólio estatal, há mais de ano, os srs. Mattos Pimenta, Plínio Catanhede e Mário de Brito, nas páginas do "JORNAL DE DEBATES".

Defenderam a tese das companhias petrolíferas nacionais, Monteiro Lobato e os comunistas.

Pugnaram pela concessão a estrangeiros o valoroso general Juarez Tavora e outros.

A corrente nacionalista, isto é, pelo petróleo do Estado, tomou vulto: dr. Arthur Bernardes, generais José Pessoa, Horta Barbosa, Raimundo Sampaio, Centro de Estudos e Defesa do Petróleo, imprensa, povo etc.

Enquanto isso, as outras contavam um ou outro defensor isolado.

Percebendo a corrente de opinião que se formava, os comunistas, sempre tão espertos como ousados, abandonaram a tese esposada por Monteiro Lobato e infiltraram-se na sã dia campanha do nacionalismo!

Mas, quem são êles para defender qualquer causa nacionalistas?

Pois a sua tese sagrada não é a internacionalização?

E' que, sempre falazes, pouco se lhes dá que o petróleo seja brasileiro, francês ou rumeno; o que êles desejam é que o ouro negro não seja americano e sim russo.

Tornando-se brasileiro, francês ou rumeno, amanhã o petróleo será prêsa fácil da Rússia; em sendo americano, jamais cairá em poder dos patriotas de Stalin.

Fizeram, assim, solertes que são, da tese nacionalista uma tese anti-americana; de um problema de economia nacional, um movimento político contra os nossos antigos aliados — os Estados Unidos — que tanto nos auxiliaram na nossa emancipação política.

Por isso que, no início da Convenção Nacional do Petróleo, reunida no Rio de Janeiro, um orador comunista levantou-se para gritar: "Esta Convenção é uma vitória contra o imperialismo norte-americano"!

Enganam-se os nacionalistas internacionalistas de Moscou, ao suporem tão ingênuos os brasileiros.

Leiam bem e meditem naquelas palavras de Euclides da Cunha, escritas em "Os Sertões", quando se refere a aquele homem esquelético, amarelo, tímido e quieto, com ares de morto-vivo, que, de súbito, salta e luta como um leão!

Meditem no homem que, tendo por inimigos os lusos conquistadores e os negros escravizados, fez deles os maiores aliados para conquistar sua independência política.

Mas, já o joio se está separando do trigo, segundo se vê das seguintes declarações de um dos membros do Centro Nacional de Petróleo: "Não cogitamos de movimento contra o imperialismo norte-americano. Isso é exagêro. Isso é política. Cogitamos sim de convencer o Govêrno de que o petróleo deve sêr explorado pelo Estado. Tanto nos opomos à exploração por parte de norte-americanos, como por parte de particulares brasileiros. Não queremos ligar a nossa campanha, rigorosamente nacional, a interêsses de qualquer potência no jôgo das competições internacionais. Mesmo porque o Govêrno, como industrial do petróleo, poderá cumprir suas obrigações de ordem política e militar no Continente, em função de uma aliança eventual com os Estados Unidos".

Os brasileiros, hoje e no futuro, estarão como no passado: nacionalistas puros. Jamais internacionalistas.

Durante a última guerra, Ann Sheridan, foi eleita pelos soldados canadenses como sendo "a pequena de quem êles mais gostariam de receber uma transfusão de sangue".

"Comissão Central de Compras"

Maj. Aparício de Barros Messias

Da discussão nasce, quase sempre, discórdia; às vezes, nasce a luz.

A proposta orçamentária do Governo do Estado, para o ano de 1949, sofreu cuidadoso e trabalhoso estudo por parte da nossa Assembleia Legislativa, particularmente de sua Comissão de Finanças e Orçamento.

Dos debates travados — em plenário, na referida Comissão e nos gabinetes de altos agentes de administração pública — duas grandes vitórias foram conseguidas na "batalha do orçamento": o equilíbrio orçamentário e a criação da Comissão Central de Compras.

Estamos entre aqueles que se desiludiram quanto à eficiência do nosso sistema de compras: o regime de concorrência, instituído pelo Código de Contabilidade Pública da União e mantido por toda a legislação posterior sobre o matéria, federal ou estadual.

Dois objetivos principais teriam servido de fundamento à instituição da concorrência: primeiro, impedir que os ordenadores de despesas determinassem a aquisição da firma ou fornecedor de sua preferência; segundo, comprar mais barato.

Se o primeiro objetivo foi alcançado quase integralmente, o segundo não o foi, ou, pelo menos, não o está sendo na atualidade.

Numa época de produção farta, abundante (aquí bem caberia aquela conhecida pergunta **Sabe lá o que é isso ?**), seria possível admitir-se uma aquisição razoável, numa concorrência. Os próprios produtores ou vendedores procurariam as repartições interessadas para a colocação de seus produtos.

Mas, essa não é a época em que vivemos. Nos gabinetes, nas concorrências não se obtêm bons preços. Esta é uma consideração sobre a qual precisam meditar aqueles que vão regulamentar as atividades da Comissão de Compras.

Tal regime talvez não possa ser colocado definitivamente à margem. Mas, para que os interesses do Estado fiquem resguardados, duas condições essenciais devem ser estabelecidas: rigorosa e eficiente forma de se fixarem as **bases comparativas**, dados em que se fundamentam os julgamentos sobre uma concorrência; e a adoção de um inteligente e oportuno dispositivo que consta do R. n.º 3 do Exército e que transcrevemos:

"Quando, mesmo na vigência de qualquer concorrência, forem encontrados na praça artigos cujos preços sejam no mínimo 10% abaixo dos constantes das propostas dos respectivos vencedores, a Administração os adquirirá em detrimento da concorrência, somente quanto a estes artigos, desde que os mesmos sejam rigorosamente iguais".

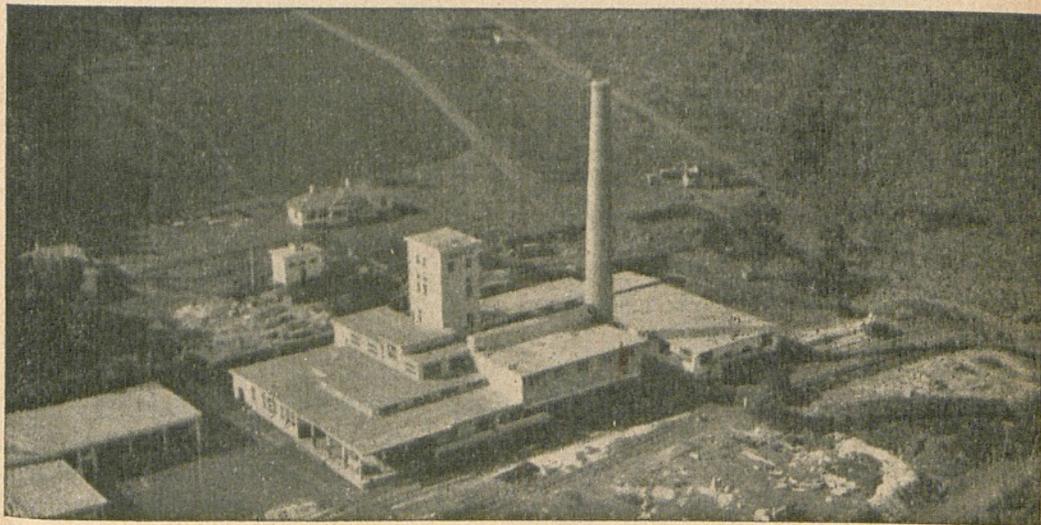
A tarefa da Comissão Central de Compras será árdua, não pode haver dúvida. Seus doze componentes grande trabalho irão ter, mas, se forem bem-sucedidos em sua missão, grande e valioso serviço terão prestado ao Estado.

O brasileiro não deposita integral confiança, nas múltiplas comissões que por aí vemos em funcionamento; há razão para isso: nem sempre essas comissões têm podido adotar medidas que favoreçam o povo, que não se sente protegido pelas "coordenações" e pelos "tabelamentos", antes, sente-se vítima.

Mas, à Comissão de Compras vamos dar um crédito bem elevado. Acreditamos que lhe seja dada uma boa organização e uma melhor regulamentação. Disso, apenas disso, dependerá o seu sucesso.

Este assunto, ao nosso ver, interessa muito de perto à nossa Força Pública. Não sabemos até que ponto será modificado o nosso sistema. Continuarão as unidades administrativas efetuando compras, ou cessará essa sua competência?

Pretendemos voltar ao assunto tão logo seja organizada a regulamentada a Comissão Central de Compras.



O cliché que publicamos acima, mostra a fábrica que a Companhia Industrial e Comercial Brasileira de Produtos Alimentares tem em Araraquara, no Estado de São Paulo, e onde são fabricados os Produtos Nestlé que, há mais de 25 anos, vem merecendo honrosa preferência no mercado do País e a confiança inabalável da Classe Médica Brasileira.

Comentário da hora que passa

A Real Polícia Montada do Canadá

Cap. F. V. Fonseca e 1.º ten. P. M. Serrat Fº

Com um efetivo de apenas 3.144 homens, cumpre-lhe executar um serviço que, nos Estados Unidos, exige os esforços conjugados de diversas organizações policiais especializadas.

Tivemos oportunidade de focalizar em artigo publicado em "Militia", sob o título "Acompanhemos a evolução", a necessidade de se estudar "in loco" os métodos empregados pelas melhores organizações policiais do mundo, na faina de combater o crime e seus agentes. Lembrámos, então, que na vanguarda das instituições policiais se encontram as corporações dos Estados Unidos da América do Norte, e a Real Polícia Montada do Canadá. E apelámos para o Comando Geral no sentido de que enviasse oficiais ao exterior, e principalmente aos dois grandes países do Norte que, sem dúvida, têm muito a nos ensinar.

Não passou despercebida essa sugestão. Dois camaradas já se encontram designados para um estágio de estudos na "Garde Mobile" e na "Gendarmerie", francesas.

E' já um apreciável passo no sentido de procurarmos ser mais eficientes e mais úteis no desempenho da nobre missão de assegurar a tranquilidade pública. No entanto, se considerarmos determinados fatores, como a vastidão territorial, a pequena densidade demográfica, e mescla racial, e os quatro séculos de existência do Canadá a par do renome de sua polícia, concluiremos estar na-

quele país a melhor solução a ser estudada e adotada para resolvermos os problemas de policiamento do interior do Estado.

Nas grandes metrópoles estadunidenses colheríamos conhecimentos para melhorarmos o serviço policial da capital paulista, que já alcançou a casa dos dois milhões de habitantes.

Temos notícias de que a Brigada Militar Gaúcha, precedendo-nos na iniciativa, estuda a criação de um Regimento Rural, organizado nos moldes das unidades da polícia canadense.

E, dentro de tal ordem de idéias preferimos nos estender em considerações sobre a Real Polícia Montada do Canadá, baseados em literatura diversa e no Relatório daquela organização, referente ao ano de 1946, que nos foi enviado no ano findo, pelo Quartel General da entidade em aprêço.

Encarregada de guardar desde a zona dos Grandes Lagos, — o centro industrial do país, — até as ilhas geladas do Círculo Polar Ártico, com apenas três quartos de século de existência, a R.P.M.C. continua a ser a mais extraordinária de todas as organizações mundiais que têm por missão o cumprimento da lei e a ordem, justificando o baixo e expres-

sivo coeficiente de criminalidade da região a que serve.

Naquela corporação a economia dos efetivos é considerada da maior importância. Com um efetivo de apenas 3.144 homens, cumpre-lhe executar um serviço que, nos Estados Unidos, exige os esforços conjugados de diversas organizações policiais especializadas. E' com a maior satisfação e orgulho que os membros da R.P.M.C. contam o caso daquela meia centena de índios não civilizados que estavam sendo conduzidos dos Estados Unidos para o Canadá, por uma coluna de cavalaria *yankee*, afim de serem internados num acampamento especial em terras do Domínio. Com grande espanto do coronel comandante da tropa americana, apenas um cabo e três soldados da Montada se apresentaram, na fronteira, para conduzir os índios ao seu destino. E não há notícia de que os novos escoltantes tenham cumprido mal a missão...

Para o efetivo acima referido, possuía 768 automóveis ou seja um veículo para cada quatro elementos, isto sem considerarmos outros recursos de transportes, como 40 caminhões, 29 motocicletas, 143 cavalos, 4 aviões e 280 cães tiradores de trenós nas regiões de neves permanentes.

Outros dados significativos são os relativos ao recrutamento de elementos para a Montada que, embora percebam sôlido modesto, se candidatam sempre em número elevado. Assim é que durante o ano — exercício que terminou a 31 de março de 1926, apresentaram-se 1.361 jovens que desejavam envergar a legendária farda da Polícia Montada. To-

davia, apenas 45 foram admitidos, depois de aprovados em rigorosos exames, após o que foram encaminhados ao Primeiro Grupo de Recrutas, com sede em Regina. De tal número, a maior parte se destinou ao serviço terrestre e os remanescentes, compreendendo jovens que haviam servido à Marinha Real ou ao Serviço Mercante, durante a guerra, foram destinados à Secção Naval, que então estava sendo reorganizada.

Um treinamento sumário para recrutas foi dado durante a guerra, devido à excepcional situação do país, totalmente empenhado na luta. Nos tempos normais o treinamento dos recrutas é dividido em dois períodos, cada um de três meses de duração. Um deles é normalmente dado em Regina, no Saskatchewan, a maior das duas bases de treinamento; o outro está sendo desenvolvido em Rockcliffe, no Ontario. De todo o treinamento a natação e salvamento de vidas têm sido objeto de especial atenção.

Relativamente aos engajados houve, no mesmo período, 209 realistamentos de licenciados da Montada, dos quais 135 foram para o serviço na Secção Naval, para a equipagem das diversas lanchas e 31 botes que então a compunham.

A Real Polícia Montada do Canadá é uma fôrça federal que vela pelo cumprimento das leis no Domínio do Canadá, especialmente o Código Criminal, os Estatutos Provinciais e os Estatutos Federais. Qualquer uma das províncias canadenses tem o direito de lhe contratar os serviços, para assegurar o fiel cumprimento daqueles diplomas legais. Assim é que, das nove pro-

víncias do Canadá, seis já assinaram contratos com a corporação: Alberta, Saskatchewan, Manitoba, Nova Brunswick, Nova Escócia e Ilha do Príncipe Eduardo, isso por período que variam de 14 a 18 anos. Três províncias: Ontario, Quebec e Colômbia Britânica mantêm suas forças regionais de polícia. Mas, coisa interessante: Ontario e Quebec, apesar de possuírem suas organizações policiais, têm pontos isolados dos respectivos territórios guarnecidos por *montados*.

Também cidades e vilas podem fazer contratos de policiamento, diretamente com a Corporação.

E isso se não quisermos nos referir aos territórios federais do Noroeste e do Yukon, cuja superfície é maior que metade dos Estados Unidos e onde a Montada é a única autoridade. Estes territórios são guarnecidos pela Divisão "G", cujos membros têm percorrido cerca de 100 quilômetros em trenós tirados por cães, no cumprimento de missões policiais. Contam-nos que um *montado*, utilizando-se de um calçado especial para neve, chegou a caminhar a distância de 2.250 quilômetros, atravessando regiões inóspitas e cobertas de gelos eternos, só para prender um homem que havia assassinado a um esquimó.

Para o Canadá a sua Polícia Montada é uma das maiores tradições, pois a corporação teve início quando se instalou a Confederação do Canadá, em 1867. Alguns anos mais tarde, 300 homens, com os seus conhecidos uniformes compostos de túnica escarlate e de culotes bem ajustados, então conhecidos como *Polícia Montada do Noroeste*, rumaram

para o Oeste, partindo de Dufferin, na província de Manitoba. Tinham por missão atingirem os contrafortes das Montanhas Rochosas e estabelecer postos militares e fortificações à medida do seu avanço. Mais tarde, com a marcha para o Oeste da ferrovia transcontinental, que maior extensão deu às terras do Domínio, os cavalarianos guardavam a ponta dos trilhos e cooperavam na pesquisa para a descoberta de passagens fáceis através do Divisor Continental, constituído pelas "Rocky Mountains". Já agora, embora tenham cessado as grandes explorações, a Polícia Montada continua a alargar as fronteiras do país, destacando-se a descoberta da célebre Passagem de Noroeste, por oito elementos da divisão "G", na escuna *Saint Roch*. Memorável viagem esta, do Alasca à Groelândia, através dos confins do Oceano Glacial Ártico, durante 27 meses! Embora com a perda de um dos *montados*, falecido em meio a uma tempestade em que a temperatura caiu a 60° C. abaixo de zero, a *Saint Roch* retornou ao ponto inicial em menos de três meses, após ter feito o levantamento de todos os canais. Com este feito, estuda-se presentemente a adaptação de navios que farão essa rota polar, ligando as fozes do Yukon, do Mackenzie e do São Lourenço.

No extremo norte do país é que a Polícia mais se assemelha com o que estamos acostumados a ver, nos filmes, sobre as aventuras dos seus membros. Ali é que se acham os postos mais isolados e onde praticamente os seus elementos são as únicas autoridades. Tem-se verificado que nas extensas regiões gela-

das do rio Yukon o comandante do destacamento era a maior autoridade judicial, dava assistência e socorria os índios e esquimós quando doentes, transportava a mala postal, arrecadava os impostos sobre peles e fazia o controle dos animais de caça e das armadilhas dos caçadores.

A maior responsabilidade dos guardas naqueles desertos de gelo são os índios e esquimós, que por constituírem a maior parte dos habitantes, daquelas paragens são o objeto dos maiores cuidados do governo canadense. Por isso os guardas têm por missão orientar as tribos nômades nas direções em que existe caça, para que não pereçam de fome, e de-

fender índios e esquimós dos salteadores, que ali existiam em abundância.

* *

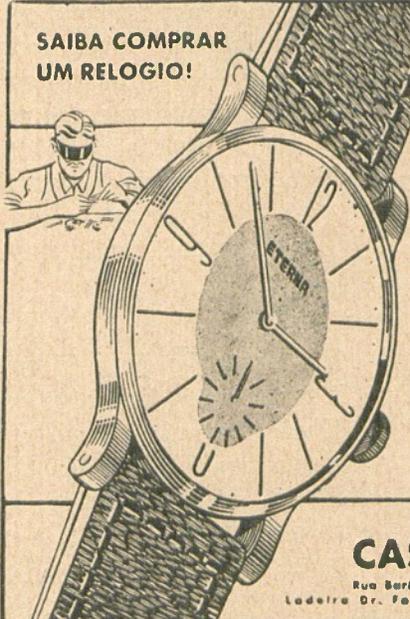
Este é um trabalho de colaboração, desprezencioso, sem mérito algum, por isso que se baseia em elementos de consulta que vieram ter às nossas mãos. A entidade canadense aqui apreciada sempre nos despertou e continuará a ser alvo das nossas atenções. Assim, — temos certeza absoluta — não só nós, como também outros companheiros, voltarão ao assunto, tecendo novas considerações em torno da magnífica ROYAL CANADIAN MOUNTED POLICE.

NEM SEMPRE A HISTÓRIA SE REPETE

Em 1876, na Exposição Internacional de Filadélfia, D. Pedro II, Imperador do Brasil, depois de experimentar o primitivo telefone de Graham Bell, exclamou admirado: "Meu Deus, isto fala!".

Em 1948, na redação de MILITIA, empunha-se um "Siemens" automático, da linha interna da Fôrça, e depois de muito insistir, exclama-se indignado: "Meu Deus, isto não fala!".

**SAIBA COMPRAR
UM RELOGIO!**



*Porque um
ETERNA
deve ter a sua preferencia*

porque na sua fabricação sempre foram cuidadosamente observados todos os pontos que dão a um relógio um grande valor

- Funcionamento perfeito pelo seu delicado maquinismo
- Proteção contra a pressão
- Anti-magnetismo
- Amortecedor de choque criado e patenteado por ETERNA.

É por isso que afirmamos:

que ETERNA é o relógio de "precisão protegida"

Distribuidores exclusivos:

CASA OINEGUE
Rua Barão de Itapetininga, 81 - Fone 4-7238
Ladeira Dr. Peixoto Filho, 73 - Fones 2-7271 e 2-7240

Fórmula para Determinação do Jato Sólido Vertical

1.º ten. Plínio Rolim de Moura

Todo o equipamento para bombeiros é padronizado e normalizado dentro das unidades anglo-americanas. Referimo-nos ao material usado no Brasil, onde os Corpos de Bombeiros têm dado preferência aos produtos ingleses e americanos. Dessa forma não podemos deixar, apesar da lei que impede, de nos basear em tais unidades e medidas, embora não se coadunem estas, pela sua complexidade, com o maravilhoso século da desintegração atômica.

Na hidráulica do Corpo de Bombeiros a carga manométrica somente é bem avaliada quando expressa em PSI (libras por polegada quadrada); nem a aceleração da gravidade é tomada como 98 cm/seg², mas sim como 32,2 pés/seg². E, como na prática é quase impossível introduzir naquele setor as unidades mais racionais do sistema métrico, não há como fugir ao "rançoso" sistema de medidas. Pedimos que nos perdoem pela expressão, mesmo porque consideramos a técnica anglo-americana como insuperável em muitos campos, mas tenham paciência êsses ilustres "stubborns", êles nos causam muita dificuldade com a sua imperturbável mania conservatória.

Desde há muito tempo que desejávamos juntar às chamadas "Underwriter Formulas" que até agora segundo o "Fire Stream Practices", Unit V, não passam de duas, isto é a que dá a perda de carga e a que permite determinar o escoamento, uma fórmula que nos desse a extensão do jato sólido vertical, conhecida a pressão requinte.

Freeman já em 1888 havia organizado várias tabelas experimentais que, sem dúvida alguma, ajudaram a retificar ou ratificar muitos cálculos e fórmulas matemáticas de aplicação hidráulica. Numa delas, encontramos no "Handbook of Fire Protection" de Crosby — Fish — Foster, os resultados de experiências sôbre a extensão de jatos apareciam como "fire stream reach" ou como alcance (horizontal e vertical) de jato sólido. Embora nada encontrássemos sôbre a mesma tabela, que esclarecesse a maneira de distinguir o alcance total do alcance sólido, supusemos que êste, pela perda resultante da resistência do ar, deveria ser aproximadamente uns 13 por cento menos extenso do que o total. Êste dado, entretanto, só pode ser considerando empírico, porque ninguém pode determinar o ponto exato em que o jato deixa de ser sólido para começar a ser total.

Baseados, a princípio, na tabela e depois obtendo uma confirmação pela dedução, conseguimos chegar à seguinte fórmula que nos permite determinar a extensão do jato sólido vertical, conhecida a pressão:

$$h = 2P - \frac{P^2}{100}$$

no qual:

h = extensão do jato em pés

P = pressão disponível em PSI

Dessa fórmula chega-se à expressão que nos dá P, mais útil para os projetos de instalações hidráulicas anti-incêndio:

$$P = 100 - 10 \sqrt{100 - h}$$

Esta fórmula desejaríamos chamá-la "fórmula Fred Shepperd" em homenagem ao grande técnico e publicista diretor do "Fire Engineering".

Vejam agora como se pode chegar a essas fórmulas. Um pé cúbico de água pesa 62,4 libras. Essa é portanto a pressão exercida pela água no fundo de um cubo da capacidade de um pé cúbico. Como um pé quadrado contém 144 polegadas quadradas,

$$PSI = \frac{h \times 62,4}{144}$$

(h em pés) ou

$$P = 0,434 h$$

e praticamente,

$$h = 2,3 P$$

Essa seria a altura teórica, no vácuo. Na atmosfera teríamos que levar em conta a resistência do ar e a redução do alcance total. Descontando 13 por cento encontraríamos:

$$h = 2 P$$

Entretanto isso não basta porque à medida que a pressão requinte se eleva, também aumenta a resistência do ar.

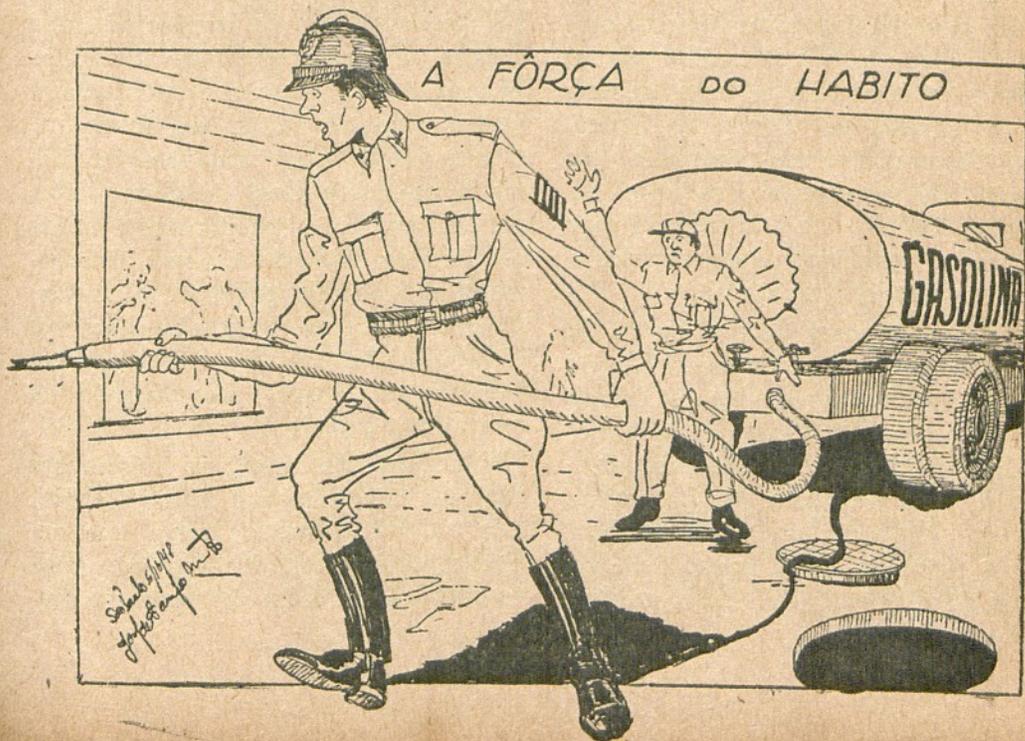
Essa influência poderá ser levada em conta com um segundo termo negativo e verificou-se experimentalmente ser ela da ordem da centésima parte do quadrado da pressão requinte. Nessas condições o alcance do jato sólido vertical deverá ser dado por:

$$h = 2 P - \frac{P^2}{100}$$

E' a fórmula já mencionada e que desejaríamos chamar como a "terceira fórmula Underwriter".

Para conhecer melhor a precisão e aplicabilidade dessa fórmula o nosso Comandante Geral resolveu consultar o Departamento de Hidráulica e Saneamento da Escola Politécnica o qual, após estudá-la para o caso de bocais de uma, uma e um oitavo, uma e um quarto e uma e meia polegada, se pronunciou favoravelmente à sua aplicação aos casos correntes.

A aplicação dessa fórmula, entretanto, está limitada às pressões capazes de lançar jatos verticais até 100 pés ou 30 metros. Aliás, muito raramente se apresentam casos de jatos sólidos verticais que ultrapassem a altura de 10 andares.



A tomada do Forte do Rio Formoso

Cap. Arrisson de Souza Ferraz

A Holanda era uma potência marítima de primeira ordem, no século XVII. Seus galeões dominavam todas as rotas oceânicas, levando o comércio flamengo a todas as paragens. De regresso, traziam grandes tesouros para o erário público e para companhias particulares, especialmente organizadas para a conquista dos mercados.

Um belo dia, voltam os batavos as suas vistas para o Brasil, atraídos, principalmente, pelo ouro das regiões centrais e pelo açúcar do nordeste. Atacam e dominam, em 1624, a cidade do Salvador. Mas, passada a surpresa da agressão inesperada, um príncipe da Igreja transforma-se em general, improvisa um exército — o legendário exército de pés no chão — e encurrula os invasores na antiga capital de Tomé de Souza. Uma esquadra luso-espanhola, ao mando do almirante Fradique de Toledo Osório, sitia a cidade por mar. Os flamengos são obrigados a voltar à pátria, derrotados.

Decorridos mais de um lustro da agressão à Bahia, os vencedores do Duque d'Alba e do almirante Tromp resolvem renovar a sortida, após meticulosa preparação. Traziam, desta vez, uma esquadra de 70 navios, mais de 7.000 homens de desembarque e cerca de 1.300 bocas de fogo. A 15 de fevereiro de 1.630, atacam

a capital pernambucana. Waerdénburch desembraca em Pau Amarelo e apodera-se de Olinda, depois de rudes combates. Loncq aborda Recife por mar, mas é obrigado a retroceder. Feitos novos desembarques sitiam a Veneza da América que resiste, heróicamente, até o dia 2 de março, quando a superioridade numérica triunfa sobre a bravura.

Capitulara Olinda, “a filha dileta de Duarte Coelho Pereira”. Capitulara Recife, não sem lutas memoráveis. Mas, nem tudo estava perdido. Era necessário continuar a resistência, até a expulsão do invasor, decidiram em Conselho os chefes pernambucanos, reeditando as famosas assembléias de guerreiros dos gregos, na luta contra os troianos. Matias de Albuquerque proclama a guerra sagrada contra as hostes intrusas e estabelece seu Quartel General no Forte Real do Bom Jesús. Índios, escravos, portugueses, todos os homens válidos acorrem pressurosos ao apêlo do governador da Capitania. Forma-se grande exército de libertação. Recife é cercada pelas nossas forças. Invertem-se os primitivos papeis.

Durante três anos, os holandeses ficaram insulados em Olinda e Recife. Cada palmo de terra que ou savam conquistar, custava-lhes muito caro. Para além da “terra de nin-

guém”, qualquer passo dado era morte certa. Se deixavam a linha de defesa para beber a água dos regatos ou colher frutos dos pomares, caía sobre eles, como que misteriosamente, mortífera saraivada de balas. Dia a dia, suas fileiras se desfalcavam. Foram três anos de bravura admirável! Três anos de lutas homéricas! Três anos de heroísmo e de fé!

—:—

A coroa lusa temia perder o precioso manancial do Atlântico-Sul que enchia as arcas do seu tesouro, mas quedava-se indecisa e vacilante. Da capital da colônia, também, nenhum auxílio chegava para os pernambucanos que já lutavam com falta de efetivos, munição, dinheiro, víveres e até indumentária. Do outro lado, desenhava-se quadro diametralmente oposto. Constantemente, chegavam à capital pernambucana mais tropas adestradas, mais numerário e mais recursos bélicos. A disparidade de forças não permitiria a continuação daquela resistência épica, por muito tempo. Tudo tem seu limite, na vida.

Em princípios de 1.633, os invasores começam a colher suas primeiras vitórias. Pouco a pouco, iam ampliando os seus domínios. As praças fortificadas que antes resistiam, com bravura incomum, começavam a capitular. Iguarassú, a primeira feitoria do primeiro donatário da Capitania, atacada de surpresa, em um domingo, quando a população ouvia missa, despreocupada, caía, irremediavelmente, nas mãos do inimigo. Novos ataques são planejados e, na ordem de urgência estabelecida, figuram o Arraial de Bom Je-

sús e o Forte de Rio Formoso. Contra o primeiro, baluarte intangível da bravura de um povo que mal despertara para o concôrto do mundo, foram baldadas tôdas as tentativas. Lá estavam Henrique Dias e Felipe Camarão, à frente de pretos e indígenas, firmes como rocha, para barrar tôdas as acometidas. Urgia, então, investir contra a segunda.

Rio Formoso, situada a cêrca de quarenta quilômetros de Recife, à margem do Atlântico, circundada de verdes palmas, era um retrato fiel de seu nome. Defendia-lhe uma fortaleza, em posição privilegiada.

Pelas informações colhidas, souberam os holandeses que a única defeza da cidade era o forte que trazia o seu nome, com duas peças e cêrca de 100 homens de combate. Organizam então, poderosa expedição para a emprêsa, com 600 soldados de desembarque, 30 canhões e copioso material bélico. Comandava-a o coronel Sigismundo Van Schkoppe.

Partiram os holandeses, na certeza de que a expedição seria apenas um simples passeio. Conheciam o valor dos brasileiros, mas era tão acentuada a diferença de meios que não podiam êstes resistir senão por alguns minutos, conjecturavam.

Era o dia 7 de fevereiro de 1.633. Alta madrugada, protegidos pela escuridão, os navios atracam em Rio Formoso. A tropa desembarca, em silêncio, e cerca o Forte. Quando os primeiros raios do sol começam a despertar, Van Schkoppe inicia o ataque. Os brasileiros respondem, enêrgicamente. E a luta se trava, intensa e terrível. Sempre que os atacantes deixam suas trincheiras

para tentar uma avançada, sofrem pesadas baixas.

Vários assaltos são lançados e todos repellidos com energia. Por vezes, os sitiantes chegam a conceber a idéa de terem sido ludibriados nas informações. Não era possível — conjecturavam — que 100 homens pudessem realizar aquele prodígio. Em meio a êsses pressentimentos, o chefe flamengo alimenta a idéa de resolver a parada de outro modo. Quando os defensores souberem do nosso efetivo e do nosso material — pensava Sigismundo — deporão as armas. A seguir, ordena “cessar fogo”. Dois oficiais, empunhando bandeiras brancas, são enviados a parlamentar com os brasileiros.

Pedro de Albuquerque, comandante da praça forte os recebe. Depois da troca de cumprimentos, falou um dos enviados:

— Em nome de nosso chefe, coronel Sigismundo Van Schkoppe, viemos convidar-vos a uma rendição honrosa. Temos 600 homens de combate, 30 canhões, munição e alimentos para uma semana de luta. Já cumpristes, herôicamente, vosso dever. Entregai-vos. Não sacrificais mais vidas, inútilmente.

Depois de ouvir os emissários, calma e serenamente, Pedro de Albuquerque responde-lhes:

— Dizei ao vosso comandante que ao invés de 600 homens, o seu efetivo podia ser de um milhão. Só entregarei êste baluarte, quando, aqui dentro, não existir mais um homem vivo para empunhar uma arma.

Transmitida a resposta a Van Schkoppe, êle bradou: “Fomos enganados. Ali deve ter um exército

e não 100 homens”. E para a tropa ordenou o reinício do fogo. A luta recomeçou com mais ímpeto.

Ao meio dia, mais ou menos, a fuzilaria do forte começa a declinar. Um tiro agora, outro mais tarde, outro daqui a minutos. Às 14 horas, a praça forte de Rio-Formoso emudece completamente.

Pela segunda vez, Van Schkoppe manda cessar fogo. Passa-lhe, rapidamente, pela imaginação, a idéa de que os sitiados conseguiram fugir. Logo a seguir, bane do cérebro tal conjectura, visto que o cêrco, por mar e por terra, era completo. Depois, dá ordens à tropa de avançar; desembainha a espada e, à frente de seus homens, marcha em direção à fortaleza. E' êle o primeiro a galgar as muralhas. Quando chega ao interior do forte, depara com um quadro doloroso e dignificante, ao mesmo tempo: 19 homens, abraçados às suas armas, jaziam sem vida, enquanto o comandante do forte, Pedro de Albuquerque, à frente, arquejava com corpo ensangüentado.

O coronel ficou parado, mudo, perplexo! Contou um a um os morimundos e cadáveres, e disse consigo mesmo: “Foram êsses 20 homens que eu, velho soldado, cheio de condecorações e de glórias, triunfador na Europa e na Ásia, levei quase um dia para vencer com 600! E foram êsses 20 homens que me mandaram dizer que enquanto tivessem vida, combateriam, mesmo que o adversário possuísse um milhão de lutadores!

Ao fim dêsse diálogo mudo, o primeiro grupo de soldados, com gran-

de alarido, penetra na plataforma do forte. Vendo-os entrar, o coronel exclamou: "Silêncio". E descobrindo-se, acrescentou: "Curvemo-nos, são heróis!". Os soldados holandeses, parados, surpresos, decobrem-se, respeitosa-mente, diante dos 20 cadáveres ensangüentados.

Os pernambucanos inscreveram, no bronze da imortalidade, lá mesmo no reduto defendido com tanta bravura, o feito épico daqueles Leôni-

das das terras americanas, para admiração das gerações.

— :: —

"Aqui, ao mando de Pedro de Albuquerque, vinte intrépidos guerreiros, a 7 de fevereiro de 1.633, repeliram quatro ataques de seiscen- tos holandeses, produzindo-lhes a perda de oitenta homens. Intima- dos a capitular, preferiram morrer pela integridade da pátria. Nunca soldados cumpriram melhor o seu dever".

Escritório de Advocacia

O capitão dr. José Nogueira Sampaio, mudou o seu escritório de advocacia para a rua Barão de Itapetininga n.º 50, 7.º andar, salas 725 a 729, telefones 6-6216 e 4-4210, onde estará à disposição de seus amigos, colegas e clientes.

RECORDANDO

Soldado Velho

A disciplina férrea que imperava na F.P. antes de 1930, fazia-lhe bem. Os soldados viviam irmanados em um só bloco, coesos e unidos. Nas várias campanhas que fiz, observei o quanto era grande o espírito de classe que reinava naquele tempo.

Oh! como era gostosa uma prontidão! Os choros, onde se harmonizavam violões, cavaquinhos, pandeiros etc., reuniam a soldadesca, que alegre e despreocupadamente cantava desafios, sambas e marchas. A tropa nos seus folguedos não perdia

a compostura e, consciente, aceitava a disciplina, como uma necessidade, que mantinha aquele elo de amizade entre os iguais, e respeito ou, quiçá, veneração, pelos seus superiores.

As fanfarras eram o traço de união entre os soldados e os civis que moravam nas circunvizinhanças dos quartéis. Como elas eram boas, e que bem faziam! Havia, naqueles tempos, civis que defendiam, cheios de orgulho, com ardor e heroísmo, o nome da FÔRÇA PÚBLICA, que êles também amavam.

COMO DEVE AGIR A POLÍCIA

— *Dr. Rogério Machado Diretor do Departamento de Investigações da Polícia Civil do Est. de Minas Gerais.*

Não pode ser posta em dúvida a necessidade da educação especializada do policial, que, sem os predicados físicos e intelectuais indispensáveis ao desempenho do cargo, nunca estaria apto a zelar pela ordem pública e pelo bem coletivo.

Polícia é um “munus” que requer devotamento, pendor, tirocinio, de todos os seus servidores, resultando ser contraproducente qualquer tentativa no sentido de improvisar policiais.

A “Intelligence-Service” (Serviço Secreto da Gra Bretanha); “Sureté Générale”, na França; “G. Men” (Bureau Federal de Investigações), nos Estados Unidos, são organizações poderosas, onde o policial, pelo método de instrução a que é submetido, se torna perfeito, em técnica e eficiência.

Na América do Sul, existe a polícia argentina, que se elevou a um grau superior de perfeição, graças à sua Escola de Polícia, que educa o pessoal destinado a defender a lei e a sociedade, contra o crime que se multiplica e progride, de par com a própria civilização.

Em nosso país, há a polícia de São Paulo, que vai substituindo o empirismo desacreditado, pelas regras modernas de investigação criminal; já em 1919 o Prof. Locard afirmou, em uma de suas obras, que o aparelho de segurança daquele Estado “podia servir de modelo a todas as capitais européias”.

A Escola de Polícia de São Paulo, criada em 1933, vem prestando inestimáveis serviços, mantendo cursos de delegados, peritos, escrivães, investigadores, etc. e, para ingresso e promoção na carreira, conforme recente portaria da Secretaria da Segurança Pública, torna-se obrigatória a apresentação do certificado de conclusão de qualquer dos citados cursos.

Não são conhecidos outros meios de adestramento do policial, senão submetendo-o à instrução obrigatória, para aprender a agir contra os malfeitores, em benefício da ordem social.

As escolas de polícia dos países acima aludidos, anualmente, transformam grupos de rapazes inexperientes, não identificados com a luta da vida, vindos de diferentes misteres, em profissionais de valor e, às vezes, em heróis anônimos, sacrificados pelos malfeitores, em defesa da lei infrígida.

Complemento das escolas são os laboratórios de polícia técnica, departamento de identificação e gabinete médico-legal, valiosos auxiliares na descoberta de autoria de crimes, quase sempre elucidados pelos métodos científicos de investigação criminal.

O levantamento de impressões papilares nos pontos onde ocorreram delitos, para ulteriores exames e pesquisas; a investigação sobre manchas orgânicas, facultando os laboratórios

a se pronunciarem sobre a existência, por exemplo, de sangue humano e de "quem êle é"; o reconhecimento de armas de fogo pelo exame interno do cano, isto é, das respectivas estrias, comparando a cápsula deflagrada com outra, expressamente disparada, possibilitando ao técnico constatar como e quando foi a arma utilizada e, ainda, si o projétil comparado foi deflagrado pela mesma arma, etc., são métodos seguros que levam a perícia a uma conclusão positiva.

Entretanto, para que as diligências em aprêço sejam coroadas de êxito, torna-se imprescindível que o policial, ao tomar conhecimento de qualquer crime, providencie, antes de tudo, no sentido de que ninguém se aproxime do local do fato, estabelecendo um isolamento para proteger os indícios e vestígios.

E' esta a providência número um que irá preservar os objetos, indícios e vestígios existentes até que, convocados com a possível urgência, venham peritos e fotografos afim de proceder aos respectivos exames e buscas de tudo que, porventura, for julgado interessante às análises de laboratório.

E' assim que deve agir o policial que primeiro tomar conhecimento fato delituoso, porquanto, de outro critério, estariam inicialmente prejudicadas todas as diligências de ordem técnica.

Registram-se quase sempre a impossibilidade dessas investigações em assaltos e roubos em casas familiares, visto que os moradores, inadvertidamente, remexerem o local do crime, prejudicando de tal maneira o trabalho dos peritos que, quando che-

gam, encontram os objetos revolvidos, tornando negativos os exames e destruídas as provas talvez favoráveis, caso os objetos tivessem sido preservados.

Só com o tempo e após muita propaganda a favor da preservação de locais de crime é que pode o povo se enfronhar das vantagens em não tocar em objetos e vestígios neles encontrados, cooperando com a polícia técnica, a favor do descobrimento de criminosos.

Num caso de incêndio, por exemplo, o policial que primeiro chegar ao local do sinistro, deve isolar imediatamente as proximidades do mesmo, afastando os curiosos, afim de facilitar o acesso do Corpo de Bombeiros e dos peritos encarregados da vistoria. Êstes, conforme se apresenta o estado dos escombros, poderão verificar a origem do fogo — si proveniente de mãos criminosas, curto-circuito, ou qualquer outra coisa.

Na hipótese de ser o incêndio de origem criminosa, os peritos poderão encontrar as respectivas provas, tais como mecha de estôpa de algodão, embebida em qualquer matéria inflamável; material empilhado em forma de fogueira, para que o fogo se alastre mais facilmente, destruindo, destarte, as provas do dolo.

Eis porque nenhum objeto deve ser tocado, porquanto, à polícia, qualquer insignificância poderá conduzir as investigações a uma pista esclarecedora, afirmando como teriam se orientado os criminosos.

Em casos de homicídio, arrombamento, roubo, atropelamento, desastre, etc., o policial deve agir em condições idênticas, cooperando sem-

pre, com os técnicos, para o esclarecimento dos fatos delituosos, levando o seu contingente à repressão ao crime, o que é medida de defesa social.

Cumprê-lhe, pois, o maior desvêlo em proteger os objetos, inclusive manchas encontradas em locais de crime, máxime impressões digitais que muitas vezes não são facilmente visíveis sem o auxílio de lentes, o que aconselha redobradas cautelas, para que os exames não sejam frustrados.

Não parece desnecessário afirmar que os cargos policiais não podem ser exercidos de modo discricionário, porquanto estão, rigorosamente, sujeitos a preceitos e regras consubstanciados em leis e regulamentos, cujos limites não podem ser transpostos, sem que incidam os transgressores em responsabilidade na forma do Código Penal.

A prática vem repetindo exemplos de buscas e apreensões efetuadas sem formalidades que, de modo algum, podem ser omitidas pelo policial.

Buscas só se realizam quando da existência de *veementes indícios resultantes de documentos, depoimento de uma testemunha, pelo menos, digna de fé*.

E "só de dia podem as buscas ser executadas — de noite em nenhuma casa se poderá entrar sem consentimento do morador, entendendo-se por noite o espaço de tempo entre o pôr do sol e o seu nascer", salvo nos casos de incêndio, crime ou violência contra alguém, pedido de socorro, etc., hipótese em que o policial, legalmente, pode entrar em qualquer casa.

A Constituição Federal de 1946 "garante a inviolabilidade do domicílio, salvo as excessões expressas em lei". E a entrada em casas alheia constitui crime previsto, punível pela lei penal.

Com relação às prisões ilegais, cumpre corrigir semelhante prática que, às vezes, se torna praxe com desrespeito à lei, que convinha fosse bem interpretada pelo policial honesto e seguro da exação do dever.

Afora o flagrante delito por qualquer crime ou contravenção, inclusive desordem, conflito, atitude indecente em lugar público, embriaguez turbulenta, etc., que constituem ofensa à tranqüilidade pública — "ninguém poderá ser conduzido à prisão sem culpa formada, sinão pela autoridade competente e na forma por ela regulada".

O policial que efetiva um flagrante deve conduzir o prêso e testemunhas à presença da autoridade competente, que determinará a lavratura do respectivo auto, no qual o condutor e testemunhas prestam o necessário compromisso.

A prisão em flagrante pode ser procedida por qualquer pessoa, mas só ocorre quando "alguém é encontrado perpetrando algum crime", ou "emquanto foge perseguido pelo clamor público, após havê-lo praticado".

A exceção, pois, da flagrância, prisão preventiva, por pronúncia ou condenação, ou administrativa (si requisitada por autoridade da Fazenda), o policial pode, apenas, intimar e conduzir à presença da autoridade os suspeitos, caso em que devem ser legitimados ou os que incidem em faltas de pequena monta que não justificam serem levados aos xadrezes.

Ao dar voz de prisão a uma pessoa, lembre-se o policial que a liberdade é um direito dos mais caros ao homem e é garantido pela Constituição, que é a lei magna do país e que, só em consequência de fortes razões, pode ser êsse direito cerceado e privado alguém de sua faculdade de livre locomoção.

Não agindo com justiça, afastando-se da verdade e desobedecendo os preceitos da lei, que não oprime, antes, ampara os carecedores de direito, o policial estará sempre fora do cumprimento do dever, sujeitando-se, então, às sanções regulamentares e incidindo, mesmo, em crime que se chama abuso de autoridade, prevaricação, também punido pela lei penal.

Um dos trabalhos mais difíceis e penosos e que exige considerável soma de esforços do policial é o de seguir pessoas suspeitas, observando-lhes todos os passos, em vigilância continuada, mas sem que o presintam, para que o serviço não se torne inútil.

Devem ser encarregados dessa atribuição policiais com reconhecida prática, inteligentes e hábeis, que hão de agir com astúcia e tamanha sutileza que o suspeito fique completamente à vontade, porquanto, de outro modo, o policial não levaria a bom termo tão delicado método de investigar.

Recebendo a indicação do serviço e os dados relativos ao indivíduo que terá de ficar sob vigilância, sua fotografia e outros pormenores, deve o policial acompanhá-lo por toda parte notando, cuidadosamente, tudo quanto possa interessar, mesmo detalhes mínimos, como o olhar mais

expressivo ou um gesto, por discreto que sejam, que representam, às vezes, sinais convencionados com determinadas pessoas (que devem, também, ser observadas).

Si o suspeito entrar em alguma casa, hotel, etc., a sagacidade do policial deve estar à prova, por isso que seria um fracasso perdê-lo de vista, deixá-lo evadir-se ou consentir fosse sua identidade descoberta.

Para que isto não aconteça o policial precisa usar de todas as cautelas, trajando-se com naturalidade, conduzindo-se com rigorosa discreção e postando-se, sempre que possível, a alguma distância do suspeito, afim de que êste não venha, afinal, desconfiar que está sendo observado.

Depois de transmitir o serviço ao companheiro destacado para substituí-lo, o policial deve procurar seus superiores e lhes fornecer uma detalhada comunicação da diligência, descrevendo o que se passou, as pessoas que se avistaram com o suspeito, etc.

Recordando, em ligeiros traços, alguns dentre os múltiplos deveres do policial — visa-se um objetivo que é o aperfeiçoamento dum serviço que tem por finalidade o combate ao crime, cercado, ao mesmo tempo, os cidadãos das garantias que lhes são outorgadas pelas leis do país.

Sem boa vontade, correção e esforço consciente, os homens da polícia não podem se desincumbir de tão importante tarefa, que reclama olhos e ouvidos abertos, ação discreta, serena, firme e, mais do que tudo, desenvolvido senso de justiça. Dentro destas diretrizes, o cumprimento do dever é uma honra.

Nós, os civilizados

Ten. Aduato Fernandes de Andrade

Não pretendemos, jamais, pregar aqui quaisquer reformas de costume ou incentivar o abandono, por completo, de certos preconceitos, embora bem antiquados hoje. Tão pouco nos valem da história, em seus diferentes capítulos, para impingir as nossas idéias. Nem mesmo exploramos o lado higiênico da questão, afim de ressaltar os nossos propósitos. Estes não vão além de uma análise muito simples, do pudor imposto como uma necessidade à coletividade.

Em geral compreendemos o pudor como o resguardo de certas partes do nosso corpo e das quais, seja por uma educação mal orientada, seja por um princípio religioso solidamente firmado, nós nos envergonhamos. Adquirimos, com isso, um verdadeiro complexo que se arrasta da infância à maturidade, com tôdas as suas conseqüências. Com êle sobrevem a malícia, pela indagação que corre, naturalmente, às crianças indistintamente, vendo-se obrigadas, sem explicação, mas sob a ameaça de terríveis castigos, a occultarem partes do seu corpo. E elas se interrogam, curiosas! Desperta-se-lhes o desejo de investigar.

Em alguns países da Europa, especialmente na Alemanha, fundaram-se inúmeros clubes nudistas. Conquanto as razões alegadas justificam-se plenamente essa iniciativa, tais instituições nunca puderam se expandir livremente. Não eram

bem recebidas pela sociedade. E talvez nunca o fosse mesmo. Mas compreende-se, perfeitamente a reação causada por essa suposta e repentina volta ao primitivismo, em pleno século XX. E no entanto (coisa interessante), no Japão o nudismo é praticado naturalmente, espontâneamente! As mulheres japonesas não se envergonham na presença de um homem nú, tão pouco êste clha, maliciosamente, para um corpo despido e bem formado de uma gueixa qualquer. Ao contrário, todos, em comum, diretamente em contacto com a natureza, livres de preconceitos e de qualquer indumentária, principalmente dos provocantes "maillots", tão em voga hoje em dia, brincam inocentemente em suas praias balneárias. Desconhecem êste nosso sentimento de pudor e porisso mesmo ninguém sofre de erotismo.

O interessante, porém, e o que realmente nos amesquinha, dentro da nossa tão decantada evolução, é que o próprio índio, indolente, inculto e selvagem como o qualificamos, orgulhosamente, tem uma noção bem mais sadia de pudor que os "brancos". Andam todos nus desde a infância e não sentem a necessidade de se resguardar. Crescem, amam-se e se reproduzem dentro do maior respeito que a ausência do pudor lhes assegura. Não têm recalques, pois seus sentimentos são puros e independem da roupa. E si em algumas tribus encontraram-

se índios usando tanga, faziam-no por simples mimetismo quando em contacto com o homem civilizado, único responsável pela infiltração, entre êles, dessas peças trazidas da África. Cobriam-se, da mesma maneira que usavam o cocar de penas, o colar de dentes, ou furavam o nariz, os lábios, as orelhas, atravessando-os com penas ou botoques, para melhor se apresentarem às festas tribais ou para atrair a amada. Nunca, porém, por vergonha de andarem nus. Nós, foram os "upiniquins" avistados por Caminha que a êles se referiu: "... andavam nus, sem cobertura alguma. Nem faziam mais caso de encobrir suas vergonhas do que mostrar a cara".

Os índios omagua ou onaguagua, que habitavam próximos ao Maranhão, usavam uma camisa, durante os dias frios do ano, mas que não

descia abaixo da cintura. Em Mato Grosso, contaram-nos que um índio ainda jovem, depois de catequisado fôra enviado ao Colégio Militar, no Rio de Janeiro. Tempos depois, quando já se preparava para ingressar na Escola Militar, fugiu daquele estabelecimento, sendo mais tarde encontrado nú, em plena mata com a sua gente, pela expedição do general Rondon. Interrogado, respondeu que a vida do "branco" lhe era nojenta. Preferia as selvas.

Não pensem, no entanto, que somos adéptos do nudismo, pois nem mesmo o reconhecemos como o único remédio para moralizar os nossos costumes. Absolutamente não! Como já dissemos antes, o nosso intuito é apenas analisar o conceito de pudor entre nós. E neste particular, como ainda somos atrasados!

Como num golpe de magia,



Guaraina cura instantaneamente as dores, gripes e resfriados

NÃO ATACA O CORAÇÃO

Coronel PEDRO ARBUES

1.º ten. *Cálio de Campos Montes*

Outubro de 1930. E' enorme o movimento no Quartel General da Fôrça Pública de São Paulo. Todos trabalham intensamente.

Um dos setores mais movimentados é o posto de apresentação de reformados. Oficiais e praças ali chegam constantemente, possuidos de grande entusiasmo e vaidosos por poderem prestar mais um serviço à gloriosa milícia.

Muitos envergam ainda uniformes já fora de moda, mas todos se mostram garbosos e varonis, trazendo no peito o mesmo ardor combativo, com que em tempos passados lutaram por São Paulo e pelo Brasil.

Ao cruzarem os portões do quartel, empertigam-se, lembrando as glórias da tropa bandeirante. Cada qual, apesar da idade, procura mostrar-se mais lépido para parecer mais moço e livrar-se, assim, de uma comissão apenas burocrática ou administrativa. Querem voltar a desembainhar a espada à frente da tropa, como nos bons tempos do passado.

Um dos valorosos reformados da Fôrça Pública que, atendendo ao seu apêlo, se apresentou para a luta em outubro de 1930, foi o ten. cel. Pedro Arbues Rodrigues Xavier.

Sua folha de serviços era das mais brilhantes. Elogios os mais variados atestavam o valor de seus serviços. Não meros elogios de rotina, mas elogios por serviços extraordinários e de valor incontestado. Alisando-se em 1892, no 1.º Corpo Militar de Polícia, vamos encontrá-lo, em 1905, tenente coronel coman-

dante do 1.º Batalhão de Infantaria. Passando por todos os postos da hierarquia militar, em todos êles prestou



serviços inestimáveis, tanto em funções policiais como em ações militares.

Em 1912, em comissão do Governo do Estado, foi estagiar na Europa, tendo percorrido a França, Itália e Alemanha, onde aprimorou seus conhecimentos.

Depois de exercer o comando de várias unidades da Fôrça Pública, em 1917, com vinte e cinco anos de serviço, pediu reforma e afastou-se das lides militares.

Não podia êsse velho soldado de São Paulo, em 1930, já com sessenta e um anos de idade, desmerecer aquela brilhantíssima folha de serviços que escrevera com suas atitudes dignas, desassombradas, viris e honestas.

Não. Êsse velho soldado iria encerrar sua vida com um ato que,

por seu valor e repercussão, seria bem o ápice de uma carreira grandiosa.

Apresentando-se para o serviço ativo, recebe a missão de barrar o caminho do inimigo no litoral sul do Estado.

Pouca e bisonha tropa lhe é entregue. Paupérrimo material bélico lhe é fornecido. Porém, para um soldado de São Paulo não é isso impedimento para o cumprimento de u'a missão, nem motivo para recusá-la. Segue para Itapetinguí, imediações de Cananéia. Coloca sua tropa de acôrdo com o que lhe dita a tática defensiva e aguarda o inimigo. Eis que êste surge, a 23 de outubro. Impetuoso e aguerrido. Numeroso e bem armado.

A tropa bisonha do velho soldado paulista, não resiste. E' vencida. O adversário é mais forte e bem treinado. Num instante o velho militar vê-se sôsinho, em meio do inimigo. Intimado a render-se, responde: **"UM VELHO SOLDADO DA FÔRÇA PÚBLICA, MORRE; NÃO SE ENTREGA"**.

Gasto o último cartucho de seu revólver, transforma-o em projétil que lança sôbre o invasor. Uma sarraivada de balas põe têrmo a essa resistência heróica, ceifando a vida de um bravo que, tombando, mantém de pé, e bem alta, a honra da Fôrça Pública de São Paulo.

Morto o herói, o inimigo, num reconhecimento expressivo de seu valor, dá-lhe supultamento, com tôdas as honras militares.

Como um preto de reconhecimento e gratidão a êsse bravo, em 1934, uma comissão de oficiais, nomeada

pelo Comando Geral da Fôrça Pública, vai até Itapetinguí e traz para São Paulo seus despojos que, depois de reverenciados pelas mais altas autoridades civis e militares e pelo povo paulista, são inhumados no cemitério da Consolação.

A 25 de agosto de 1938, o coronel Mário Xavier, do Exército, e Comandante Geral da Fôrça, ao inaugurar, no salão nobre do Quartel General, o retrato do tenente coronel Pedro Árbues Rodrigues Xavier, assim se expressa: — "Inaugura-se nesta galeria o retrato de um bravo militar. Nenhum outro dia, sinão o de hoje, consagrado ao soldado brasileiro, seria melhor para comemorar a vida nobre e o feito heróico de Pedro Árbues Rodrigues Xavier, tenente coronel da Fôrça Pública do Estado de São Paulo, tombado no campo da honra no estrito cumprimento do dever".

Ao finalizar sua oração, diz ainda o cel. Mário Xavier: — "E tal foi a magnitude da decisão, altivez e ímpeto da arremetida, que sua figura gloriosa transpôs o círculo restrito de seus antagonistas, da corporação que militava, da causa que defendia, para projetar-se na história impecível que guardará êsse feito memorável, para mostrar a todos nós e aos vindouros, até que ponto vai o sentimento do dever; para mostrar a todo o mundo que no Brasil e no solene compromisso não é vã a expressão... "defenderei com o sacrifício da própria vida".

Eis aí, em poucas palavras, o feito heróico de um velho soldado reformado da Fôrça Pública de São Paulo que, em outubro de 1930, se apresentou para o serviço de guerra.

PADRONIZAR

Cap. Romeu de Cavalho Pereira

Nos dois artigos anteriores tivemos ocasião de nos referir à padronização, quando falávamos em motorização.

Padronização é a base econômica da moto-mecanização. Da mesma forma que se uniformiza um Pel. Inf. em material e armamento, e ainda uma fração de Cav. até mesmo na côr dos cavalos, nas unidades moto torna-se necessário padronizar as viaturas quanto à marca do produto. Quanto ao tipo, não, porque a complexidade das missões implica em diferentes tipos de viaturas que precisamos habituar a conhecer pela tonelagem, pois não nos serve a denominação civil.

Quem tem a responsabilidade de organizar, nessa nova fase da organização geral da Fôrça, precisa preparar o *suprimento* das unidades recém criadas. Tênicamente êsse suprimento é escalonado acompanhando a manutenção.

O que é suprimento? O Regulamento nos fala: "Suprimento é o fornecimento às unidades dos meios necessários para viver, deslocar-se e combater".

Se há parte, na doutrina americana, que se distancia bem da velha doutrina francesa, é a referente a *suprimento* que mais ou menos substitui a expressão *aprovisionamento*.

Passando a ser o S.T.M., órgão provedor, seu suprimento será para

a Fôrça tôda e, por conseguinte, toma um aspecto geral que deve merecer um estudo acurado de organização sólida, técnica e principalmente sem falhas.

Para garantir êsse suprimento é preciso manter-se uma estocagem de combustíveis, lubrificantes, peças e ferramentas, aparêlhos e mesmo viaturas de todos os tipos.

Deverá haver um limite máximo e mínimo que só a prática nos poderá indicar, como na Estatística, pois somente pelo exame das repetições poderemos encontrar a normalidade.

Diante dêsses raciocínios, podemos calcular agora, que suprimento complexo precisaríamos manter, se tivéssemos viaturas de tôda espécie e tipos nos nossos Serviços!

Poucas são as peças ou órgãos intercambiais nas diferentes marcas de viaturas mas são muitas nos diferentes tipos da mesma marca. Isso simplifica bastante o trabalho da manutenção, desde que os encarregados do manuseio dêsse material sejam artífices competentes e dedicados, dirigidos por técnicos consciêntes.

Há, no entanto, um grande obstáculo para a padronização da moto: é a parte administrativa das companhias, que têm de ser regidas por leis especiais e praticamente contrárias a uma padronização, porque obriga

à concorrência pública. Desde que se estude bem a questão, o legislador poderá resolver esse problema, tendo em vista a necessidade técnica de força armada, necessidade de uniformização, além de se considerar a parte econômica.

Para se tornar legal uma compra dessa natureza, dando economia considerável ao Estado, seria mais lógico que, uma vez escolhido o material padrão, se fizesse, na própria origem do material (indústria automobilística), por intermédio do próprio gabinete do Governo. Uma comissão de compra seria nomeada e por um estudo detalhado mostraria que a sua ida à origem seria menos onerosa do que o que o estado teria de gastar, como lucro para a firma fornecedora (intermediário). Além do mais, haveria o lucro proveniente da isenção do imposto alfandegário, de acordo com o que faculta a Constituição Federal (art. 31, inciso V, letra a), embora os agentes alfandegários relutem em concedê-la.

TIPOS DE VIATURAS

Necessita nossa Força, no mínimo, de 12 tipos de viaturas, escalonados na seguinte ordem:

A — Representação

— *Classe I — Viaturas de Coronéis*: — viaturas de turismo, da classe média, padronizadas em sedã de quatro portas, em cor preta (1); substituíveis aos 100.000 kms..

— *Classe II - Viaturas de Cmts. de Corpo, Chefes de Serviços e Representação do Cmdo. Geral*: — viaturas de turismo da classe normal, padronizadas em sedã de quatro portas, em cor preta, sem aparelhamen-

to especial (2); substituíveis depois de completar os 100.000 kms., de acordo com os recursos orçamentários.

B — Não especializadas

— *Classe I — Transporte de pessoal*: — viaturas de $\frac{1}{4}$ ou $\frac{3}{4}$ de toneladas, destinadas ao transporte de pessoal até 5 homens, inclusive o motorista. (Para que os leitores se identifiquem, a viatura $\frac{1}{4}$ de ton. é o conhecido "jeep" e a $\frac{3}{4}$ é o chamado "carro comando" do E.N.).

A $\frac{1}{4}$ de ton. é a viatura ideal para as ligações e reconhecimento e serão destinadas aos Cmts. de sub-unidades motorizadas. A $\frac{3}{4}$ de ton. será de comando das unidades motorizando, portanto, à disposição dos Cmts. de corpos motorizados.

— *Classe II — Transporte de material e pessoal*: — viaturas de 1 e $1\frac{1}{2}$ ton., com carroceria tipo militar, destinadas ao transporte de cargas ou pessoal ("Tigre" e "Gigante", na marca "Chevrolet"). Serão de dotação das unidades moto para grupos policiais ou pelotões e como transporte de carga, para suprimentos em geral.

— *Classe III — Transporte de cavalos*: — viaturas de $2\frac{1}{2}$ toneladas, com carroceria capaz de transportar material pesado ou em maior quantidade mas, ao mesmo tempo, em condições de transportar de 3 a 6 cavalos com os respectivos cavaleiros e equipamento. De dotação de unidade de transporte.

C — Especializadas

Levando-se em conta que o que caracteriza a especialidade é a qualidade da carroceria, as classes desta ordem serão tantas quantas forem

as carrocerias que nosso complexo serviço exige para o cumprimento das missões.

— *Classe I Bombeiros*: — viaturas de tonelagem diversas, que carreguem meios de combate ao fogo, quer líquidos, sólidos ou gasosos, juntamente com equipamento especializado. Serão excluídos dessa classe os chamados carros tanques, que passarão para uma outra classe, como veremos adiante (cisterna).

— *Classe II — Ambulâncias*: — viaturas de $\frac{3}{4}$ ou 1 ton., com carroceria. Seriam especializadas para condução de doentes e acidentados, deitados; com 1 a 4 macas.

— *Classe III - Ônibus*: — viaturas sobre chassis reforçado, para condução de delegações, classes de alunos e representações coletivas, de oficiais ou praças.

— *Classe IV — Socorro e oficina*: — viaturas destinadas às depa-nagens no terreno ou manobras de força. Pelo guincho, ainda servirão para reboques.

— *Classe V — Cisterna*: — viaturas para transporte de água para Bombeiros ou ação policial. Viaturas de $1\frac{1}{2}$ ou $2\frac{1}{2}$ ton.. Podem ou não virem dotadas de bomba d'água.

— *Classe VI — Motocicletas*: — viaturas com 2 ou 3 rodas (simples ou com carro lateral), destinadas aos serviços de estafetas, mensageiros, transporte de pessoal, rondas e escoltas de honra. Serão de dotação das sub-unidades de metralhadoras e de policiamento.

— *Classe VII — Blindados*: — viaturas sobre rodas, rolamento misto ou lagartas, de qualquer tonela-

gem, destinadas à ação violenta do choque protegido, quer utilizando material químico, quer arma de fogo.

Se, para cada um desses tipos, escolhemos marcas de viaturas diferentes, as reparações seriam por demais complexas e incompatíveis com os princípios de simplicidade e flexibilidade da doutrina da moto.

Crescendo, dia a dia, o número de veículos motorizados na Fôrça, deve crescer, paralelamente também, a suprimentação desses veículos. E' necessário que a garantia desse suprimento seja de valores: máximo de 6 meses e mínimo de 3 meses. Isso porque a suprimentação semestral não implica em grande estoque e durante o ano será possível fazerem-se duas concorrências pelas verbas respectivas. A trimestral, mínima e necessária, tendo em vista que geralmente nos meses de janeiro, fevereiro e março ainda não dispõe, a Fôrça, dos recursos financeiros para aquisição de material e durante esse tempo, é que, não se podendo adquirir suprimento, não poremos em perigo de solução de continuidade o trabalho das viaturas, para garantia do serviço policial, por permanecer "indisponível" grande número de veículos.

Uma vez padronizada a marca do veículo, isto é, uma vez que nossa frota seja constituída de uma só marca de viaturas, dos tipos de que necessitamos, essa estocagem necessária, será mais econômica, pois as unidades (de peças ou órgãos), os armários, gavetas e escrínios também diminuirão de número. E' preciso considerar ainda o fato do tempo da permanência de viatura

na oficina ser mínimo, para que não seja necessário recorrer-se às concorrências para aquisição, no comércio (e no momento), do material necessário.

Explicaremos:

Possuímos viaturas "Ford", "Chevrolet", "International", "G.M.C.". Consideramos uma peça e um órgão: *diafragma da bomba de gasolina e dínamo*. Se nossas viaturas fossem todas, p. ex., "Chevrolet", com 5 unidades de peça no estoque, teríamos uma garantia apreciável da reparação ou manutenção e 1 dínamo seria o bastante para a nossa segurança. Com a diversidade de marcas necessitaríamos do mesmo número do referido órgão, tantas quantas são as marcas que temos.

Se passarmos em revista os diversos tipos de viaturas de que necessitamos e os procurar nas marcas conhecidas encontraríamos todos êles (exceção do $\frac{1}{4}$ ton., "jeep" e os de Bombeiros e Blindados) nas marcas "Chevrolet", "Ford", "Studebaker", "International" e "Dodge" (com seus satélites).

Pelo preço, duas nos oferecerão, de início, mais vantagens: "Chevrolet" e "Ford". Dessas duas marcas, mais nos interessa a "Chevrolet". É um produto da General Motors e só isso já nos dá grande garantia. A assistência que nos oferece essa firma americana é considerável. As viaturas "Chevrolet" são de mais fácil reparação e, por conseguinte, também, a sua manutenção preventiva (1.º e 2.º escalões) se torna mais ac-

cessível. Temos sempre encontrado facilidades na General Motors, mas é preciso que se obtenha dela a autorização para adquirirmos, diretamente de seus depósitos, o suprimento em peças e órgãos para nossa estocagem, evitando, por essa prática, o pagamento da comissão ao agente autorizado quem nos entrega o material.

Certamente encontraríamos leitores que prefeririam os produtos "Ford" que, embora de preço aquisitivo mais elevado, podem oferecer serviços durante maior tempo. As opiniões se divergem, nesse sentido. A nosso favor argumentamos que ainda não há em prática a lei da procura e da oferta (pois as entregas ainda não se normalizaram) e que quem melhor nos serviu e continua a servir nessa emergência é a General Motors, cujos produtos são também bons e de acordo com as nossas necessidades.

Não discutimos, por enquanto, marcas. Apresentamos somente à consideração de nossos leitores, sempre com o objeivo de equacionar, para a devida solução, os problemas vitais de nossa Fôrça.

Sem transportes eficientes, rápidos e seguros, ao lado de uma Transmissão *funcionando*, com o reduzido efetivo de que dispomos, não podemos atender a tôdas as solicitações que nos fazem.

Se, amanhã, entregarmos aos nossos pósteros a Corporação no mesmo estado em que a encontramos, terão êles direito de nos acusar e, então, não poderemos nem ao menos nos defender.

Definição...

— Jipe, automóvel que assentou praça.

(Alvaronga • Ranchinho)

DESPEDIDA

Saudação dos oficiais do S.F. cap. Cláudio das Neves, da Polícia Militar de Goiás, feita pelo cap. Nelson de Carvalho Rosa.

Parte hoje, de regresso ao seu estado, depois de um estágio neste S.F., o capitão Cláudio das Neves, da Polícia Militar de Goiás.

Parte, depois de mostrar-nos à sa-ciedade, o quanto pode ser uma pes-soa lhana, simpática e agradável.

Chegou irradiando entusiasmo, to-do fôrça e nervos em seus menores gestos. Desambientado a princípio, a pouco e pouco foi-nos revelando tesouros maravilhosos de inteligên-cia e cultura.

Devorou os regulamentos do Ser-viço de Fundos; estudou a organiza-ção do nosso Corpo de Bombeiros, interessou-se por tudo quanto pode-ria ser útil à corporação a que per-tence.

Selecionou, anotou e condensou normas e disposições regulamentares, e se lhe fosse possível, transportaria em seus próprios ombros jovens e fortes, as nossas melhores institui-ções para Goiânia, tal o amor que dedica à sua terra e à sua gente.

Com tantos afazeres, o cap. Cláu-dio, exímio financista do tempo, ain-da encontrava vagues para deliciar-nos com a sua prosa vivaz e colorida.

E viajamos com êle pelo Araguaia misterioso; e percorremos as distân-cias infinitas, que em Goiás só se

contam por léguas; matamos gibóias sucuris monstruosas, e fomos à ro-maria do Muquem, pela fôrça des-critiva de sua palavra.

Em "Alvorada", artigo da sua au-toria que a nossa "Militia" acolheu, tivemos o filósofo e o patriota.

Mas conhecemos também o ho-mem sentimento, o homem coração, quando o surpreendemos numa tar-de chuvosa, olhos perdidos no céu pardacento, espírito distante, saudo-so da sua terra.

Quis Deus que a sua despedida não fosse festiva como desejávamos: ultimados os aprestos da partida, já assentada e resolvida, o laconismo de um telegrama, vibrando-lhe um golpe doloroso, ainda mais a abreviou.

Fazemos nossas as suas dores nes-te transe, nós chefe, oficiais e praças dêste Serviço de Fundos, que já tínhamos aprendido a estimá-lo, por todos os seus dotes.

Não determine a distância um lapso em nossas relações.

A Chefia e os oficiais do S.F. sen-tir-se-ão honrados e felizes em con-tinuarem o intercâmbio auspiciosamente iniciado pelo embaixador da simpatia, que Goiás nos mandou.



DOR - GRIPE - RESFRIADOS

RHODINE

CAFEINADA

A boa enfermeira



Origens e domesticação do cavalo

Cap. Ubirajara Silveira

— I —

As origens e domesticação do cavalo estão ligadas de muito perto à evolução do homem. Sendo um dos animais que, através dos séculos, mais útil se tem demonstrado ao egoísta e ingrato gênero humano, é natural que tenha despertado o interesse para que se saiba a sua origem e evolução e, para que se rebusquem os mais antigos vestígios afim de que se precise como e quando o homem conquistou a submissão à sua vontade dêste nobre e valente habitante da terra.

O GENERUS EQUUS

O cavalo pertence ao "*generus equus*". Os principais caracteres distintivos do "*generus equus*", único representante atual dos equídeos, residem nos molares, que são altos prismáticos, sem raízes separadas e revestidos dum abundante cimento. As protuberâncias de esmalte, externas e internas, dos molares superiores, desenham uma espécie de "B" gótico, enquanto que a protuberância anterior interna forma uma pequena argola reunida à argola anterior do B. No Hipparion (forma pré-histórica do cavalo) a protuberância é isolada das outras e forma na mesma dentária uma verdadeira ilhota.

FORMAS FÓSSEIS

Os resíduos fósseis do "*generus equus*" começam a ser encontrados no miocênio superior, no pliocênio e no quaternário, que os fornecem

em maior número. Na América do Norte determinou-se uma série de formas (*E. parvulus*, *E. pacificus*, *E. major*, *E. occidentalis*), que se multiplicaram no período quaternário, mas que, quando a América foi descoberta, já se haviam extinguido há muito tempo.

A Ásia forneceu os mais antigos representantes do "*generus equus*"; no miocênio superior deu o "*equus sivalensis*"; um grande número de representantes quaternários foram descobertos na Europa; o "*equus stenonis*" no vale do rio Arno (Itália), em Perrier e Chagny (França), pertencentes ao pliocênio. O "*equus fossilis*" em Coupet (França) e em Lessina (Dalmácia). O "*E. Lateritis*" do vale do Arno é uma forma muito próxima dos cavalos atuais.

Owen admite que os restos mais antigos encontrados na Europa pertencem a duas formas de cavalos. Uma, que êle designa pelo nome de "*equus caballus*" era do tamanho do cavalo médio atual; a outra, o "*equus plicidens*", do porte de um asno, distingue-se pelos vincos complicados do esmalte de seus dentes molares.

Os conhecimentos sobre o cavalo fóssil foram enriquecidos pelos trabalhos de Nehring, que estudou sobretudo o cavalo da época do dilúvio do norte da Alemanha. De todas as pesquisas dos sábios franceses, alemães, belgas, italianos e ingleses sobre os cavalos de Solutré, de la Vézère, de Cro-Magnon, de la Madeleine, de Dinan-sur-Meuse, etc.,

fica-se autorizado a concluir que desde a época quaternária as espécies cavalares estão já bastante diferenciadas e que a espécie "equus caballus" compreendia um certo número de espécies menores, de raças geográficas ou primitivas que podem ser consideradas como os troncos dos cavalos atuais.

Durante o período neolítico o cavalo é bastante raro. Os depósitos de resíduos contêm ossos abundantes de bois, carneiros, cabras, porcos e cães, porém, os restos de cavalos são bastante menos numerosos. Nos materiais encontrados nas habitações lacustres de Chalain (no Jura), o cavalo não será representado sinão por um cúbito e uma segunda falange, enquanto as outras espécies deixaram resíduos variados em quantidades consideráveis.

Na mesma ordem de idéias, Duerst professor de Universidade de Berna, que estudou com especialidade as origens paleontológicas dos animais domésticos, calcula que durante o pliocênio e o pleistocênio, não havia sobre todo o Antigo Continente sinão uma espécie única de cavalo selvagem que se diferenciou em diversas espécies locais em relação à pelagem, porte e formas gerais. Liga os cavalos fósseis a quatro troncos principais, do qual, um, o "equus caballus" de Rutimeyer, seria o tipo primitivo donde derivam os três outros a saber:

- a) — *Equus caballus robustus* (Nehring), o tipo das estepes;
- b) — *Equus caballus Pompellii* (Duerst), o tipo do deserto;
- c) — *Equus caballus Nehringi* (Duerst), o tipo das florestas.

O "equus caballus Nehringi" é considerado por Duerst como o tipo do cavalo selvagem das florestas da Germânia, definhado pelos rudes invernos e a vida nas florestas. Foi domesticado antes que a desapareição das tundras e das estepes do norte da Alemanha não acarretasse a da maior parte dos cavalos selvagens; seria o antepassado dos atuais pôneis da Grã-Bretanha e da Irlanda.

O "equus caballus fossilis" teria um representante atual no "*equus Prjewalskyi*", habitante das estepes da Ásia central e setentrional.

Os zoologistas e paleontologistas não ignoram que o "equus caballus" viveu no pleistocênio em toda a parte da zona ártica, principalmente no Alasca setentrional e nas ilhas de Liakhoff, ao norte da Sibéria. Pode-se, portanto, deduzir "a priori" que o reencontraremos vivendo num desses pontos, por exemplo, nos confins da Sibéria (Trouessant). Isso aconteceu com o "*equus Prjewalskyi*", que, desse modo, se pode considerar como a representante atual do "*equus caballus fossilis*", de Rutimeyer.

ORIGENS E DOMESTICAÇÃO

Não há necessidade, pois, de procurar-se a origem do cavalo doméstico nos pretendidos cavalos selvagens ou errantes, cuja existência se constatou em muitíssimas partes do mundo: os Tarpan das estepes da Ásia central, dos Tártaros e dos Kirghis; os Muzins ou Takjas; os mustangs do Paraguai; os Cimarrons da América do Norte, etc.. Entretanto, está sobejamente provado que se trata de cavalos fugidos, isto é, de cavalos que retornaram ao estado sel-

vagem ou que foram criados em estado de semi-liberdade.

A domesticação do cavalo é muitíssimo mais antiga como poderemos nos certificar dando uma olhadela nos tempos pré-históricos. Númerosos são os depósitos de ossos de cavalos encontrados nos terrenos quaternários na idade da pedra lascada ou no período paleolítico. Encontraram-se em quase tôdas as partes do mundo; na Ásia com especialidade, no Azerbaidjan, na Pérsia, no Himalaia, na Sibéria, nos areiais auríferos dos Urais, nas cavernas dos Atlas, etc., no norte da África e até mesmo na América, onde existiu uma raça de cavalos cuja espécie já há muito tempo havia desaparecido quando da descoberta dêste continente.

Na Europa, as pesquisas empreendidas foram particularmente frutíferas, sobretudo na Rússia meridional, na Polônia, na Alemanha, na Inglaterra, na Espanha, na Itália, na Bélgica (nas cavernas dos afluentes do Mosa), na Suíça (nas cidades lacustres), onde os jazigos foram muito bem estudados por Rutimeyer.

Na França encontraram-se ossos de cavalos misturados aos depojos de espécies animais ainda existentes e de outras já desaparecidas, notadamente nos areais de Saint-Priest (arredores de Chatres), nos jazigos d'Aurignac, na caverna de Massat, na gruta de Lourdes (nos Pirineus), no depósito de Solutré (perto de Macon), nas grutas de Périgord, no Mont-Dol, nas palafitas do lago Clairveaux (no Jura), etc. (Dechambre).

Em quase todos êsses depósitos, os ossos são em grande número, quebrados, fragmentados em muitos pe-

daços, sobretudo os ossos longos e os que possuem um canal para a medula (tutano). A superfície apresenta estrias e arranhões pouco profundos, dando a idéia de terem sido produzidos por instrumentos cortantes, como si quisessem destacar-lhe às carnes. Deduziu-se, daí, que o cavalo a esta época, devia servir de alimentação para êsses povos primitivos que arrancavam a carne com facas de sílex, quebravam os ossos para extrair a medula e os crâneos, para retirar as substâncias cerebrais.

Fato importante a consignar é a ausência quase completa de vértebras e de costelas nos detritos das cavernas mesmo quando formam depósitos tão consideráveis como os encontrados nos jazigos de Solutré. Acreditou-se, por êsse fato, que seria isso a prova de que os grandes animais como o cavalo e o boi viviam então em estado selvagem; que seriam caçados do mesmo modo que o cervo, o touro bravo, o urso, etc., e que, após terem sido abatidos, eram despedaçados no lugar, limitando-se os caçadores a carregar as massas musculares mais carnudas, ajuntando os ossos portadores de tutano, de que eram grandes apreciadores.

Si os cavalos tivessem sido domesticados, pretendem os pré-historiadores, seus rebanhos deveriam estar pouco afastados das cavernas e os homens primitivos não teriam sentido a necessidade de despedaçá-los para transportar a carne para suas moradias. E' uma hipótese, porém, não é um raciocínio plausível, em favor de não domesticação do cavalo nos tempos pré-históricos, porque pode objetar-se que o corte no lu-

gar em que eram abatidos não tinha outra finalidade que o de se colocar ao abrigo dos animais carnívoros e das aves de rapina as massas musculares que envolviam os ossos longos, desdenhando, os primitivos, carregar as paredes torácicas pouco carnudas e cujos ossos não contêm medula.

Toussaint fornece-nos uma outra prova da não domesticação do cavalo na época da pedra lascada, sendo, apesar disso, um dos mais calorosos partidários da domesticação dos cavalos do jazigo de Solutré. Estudando, com cuidado, os numerosos ossos recolhidos, notou que eram em geral muito mais fortes; que os vestígios musculares e as superfícies articulares eram bastante mais pronunciadas que nas nossas raças atuais. Ora, diz Piètrément “essas particularidades de conformação são consideradas com razão como o atributo de exemplares selvagens e sabe-se qual a conclusão que Rutimeyer tirou de seus belos estudos sobre a fauna das cidades lacustres da Suíça”.

Si se admitir que os homens da idade da pedra lascada, vivendo exclusivamente dos produtos da caça, não possuíam nenhum animal doméstico, o mesmo não se pode dizer em relação aos povos da idade da pedra polida, cujo grau de civilização era bastante mais avançado. Rutimeyer, um dos mais fervorosos partidários da domesticação do cavalo na época neolítica, projeta, entretanto, uma dúvida em relação à possessão do cavalo pelos habitantes das cidades lacustres, em vista da raridade de ossos da espécie cavalares encontrados nesses lugares. Mas, escreve Piètrément, — “deve-se an-

tes inferir a raridade relativa que a ausência completa dos cavalos domésticos junto às populações lacustres da idade da pedra polida; porque o cavalo, naturalmente, foi domesticado na mesma época que os outros herbívoros, em razão da sua sociabilidade e de sua reputação como animal fornecedor de alimento”.

Si os depósitos ósseos são menos numerosos nos jazigos dessa época deve-se atribuir essa circunstância a outras causas. Primeiro, à transformação do “modus vivendi” dos povos que, de nomades, se tornaram mais sedentários, substituindo a vida ao ar livre pelas cavernas insalubres em que seus antepassados haviam vivido. Por isso, os jazigos foram mais disseminados e, os resíduos ósseos dos rapastos, não estando mais, como nas cavernas, ao abrigo das intempéries, transformavam-se rapidamente em poeira. Pode ser também que a domesticação do cavalo teve como consequência a diminuição da espécie, incitando os homens primitivos a uma escolha, não conservando, portanto, sinão os melhores e mais belos exemplares. Ainda pode ser que êsses animais, tornados mais selvagens, fugissem à aproximação do homem.

Dupont parece apoiar essa hipótese. Segundo êle, “numerosas espécies da idade precedente teriam emigrado: a rena, o glutão, para as regiões polares; o bode selvagem, o cabrito montês, a marmota, para as altas montanhas da Europa;... e provavelmente, o cavalo, para os limites da Europa e da Ásia”. Todavia, a espécie cavalares não desapareceu completamente, pois, em muitos lugares, continua-se e exu-

mar restos ósseos provando que os povos do período neolítico continuaram a alimentar-se de cavalo, pelo menos na Europa ocidental.

A domesticação do cavalo não efetuou-se, com efeito, dum só golpe, mas obedecendo à transformação dos povos caçadores em criadores nômades, à maneira dos Cítas e dos antigos Hebreus. Foi o resultado de uma evolução lenta e progressiva.

Poder-se-á, só pela observação dos ossos ou dos restos ósseos encontrados nas diversas escalas pré-históricas, indicar a raça cavalar à qual pertenceu? A êsse respeito Piètrément responde negativamente. "Reduzidas às peças ósseas que possui hoje em dia e ao gênero de auxílio que a anatomia comparada pôde fornecer, a paleontologia indica a possibilidade de existência, na época quaternária, de diversas raças cavallares mais ou menos aproximadas das nossas atuais raças domésticas, mas, não pode dizer: *"tal raça cavalar viveu durante a época quaternária em tal lugar e é lá que ela deve ter sido domesticada"*.

Durante muito tempo foi geralmente aceito que o berço da raça cavalar era o centro da Ásia e um grande número de autores filiou-se a essa opinião. Porém, depois, zoologistas e zootécnicos de igual valor inclinaram-se a colocar a origem do cavalo no centro da América, donde, em consequência da superprodução espalhou-se pelo Antigo Continente (Duerst). Remy Perrier, igualmente, admite esta hipótese.

"A evolução do cavalo pode dar uma idéia das condições que, às vezes, atravessa a vida evolutiva dum grupo. Liga-se a um antepassado pentadáctilo (Phenacodus), donde deriva, por regressão sucessiva dos dedos laterais e as formas fósseis francesas mostram-nos um grande número de estádios dessa evolução (Hyracotherium, Paleotherium, Pachynolopus, Anchiterium, Hipparion, Equus). Mas os mais recentes estudos das camadas americanas, mostram que é na realidade a América do Norte o verdadeiro país da evolução do grupo dos equídeos. Todos os estádios possíveis aí se encontram e sua progressiva evolução concorda de tal modo com sua idade geológica que não resta dúvida alguma sobre a sucessão genealógica. As formas fósseis européias não são mais que o resultado da emigração sucessiva vinda da América pela região do Kamtschatka ou através da Atlantida, então emersas e, em nossas regiões, ter-se-iam extinguido umas após outras, sem aí continuar a evolução. O próprio "generus equus" apareceu primeiro na América, tendo se espalhado, mais tarde, pelo mundo antigo, por via das regiões acima citadas. Causa notável é que, enquanto o cavalo persistia na Europa, protegido pelo homem, êle desaparecia da América, sua pátria de origem; e, os atuais cavalos americanos não são mais que os descendentes de cavalos importados pelos conquistadores espanhóis".

Fontes de consulta do presente artigo: Les temps préhistorique en Belgique, de Dupont, Les Ancêtres du Cheval, de Léon Moulé, Le cheval de Troupe, de L. Morissot, Traité de Zootechnie, de P. Dechambre.

**E'
UM AUXILIAR
COMPETENTE
MAS...**



...não pode subir. Os superiores não lhe apreciam a presença pelo seu mau-cheiro

SUA ABUNDANTE TRANSPIRAÇÃO, apesar dos banhos freqüentes, azeda com facilidade, daí as desagradáveis emanações. Combata-as com Lysoform: é um desodorizante que penetra nas glândulas sudoríparas, exercendo ação antipútrida. Aplicado em solução, nas axilas, nos pés, nas demais partes suarentas, elimina o mau-cheiro e proporciona agradabilíssimo bem-estar.

LABORATÓRIOS LYSOFORM S. A.
São Paulo — R. Taquari, 1338 ★ Rio — R. Lavradio, 70-A

LYSOFORM

ANTI-SÉPTICO E DESODORANTE AROMATIZADO



Panam — Casa de Amigos

À venda na Secção de Abastecimento da Fôrça Pública

Como eu gostaria de ver a Fôrça

Escreveu — 1.º ten. *Frederico Rodrigues Gimenez*

Fôrça Pública do Estado de São Paulo, constituída de vários Departamentos, contando-se entre êles, inicialmente, os seguintes:

- de policamento de diversões Pública — D.P.D.P.;
- de policamento de trânsito — D.P.T.;
- de policamento urbano e suburbano — D.P.U.S.;
- de policamento geral do interior — D.P.G.I.;
- de policiamento noturno — D.P.N.,
- de policiamento rodo-ferroviário — D.P.R.F.;
- de policiamento de rádio patrulha — D.P.R.P.;
- de policiamento e serviço contra fogo e accidentes — D.P.S.F.A.;
- de policiamento e serviço secreto e especiais — D.P.S.S.E.;
- de policiamento militar policial (guerrilhas) — D.I.M.P.G.;
- de policiamento e guardas — D.P.G.;
- de departamento policial feminino — D.P.F..
- O D.P.D.P. seria empregado no serviço de policamento de cinemas, circos bailes, teatros, quermesses, jogos esportivos, enfim, em tôda espécie de diversões.
- O D.P.T., encarregar-se-ia do policiamento de trânsito urbano em todos os setores, substituição de motoristas, maquinistas, motorneiros, etc., em caso de greves, e do serviço de guarda de automóveis.
- O D.P.U.S., para o policiamento normal de ruas, comícios e outras reuniões públicas.
- O D.P.G.I., para o policiamento em geral das cidades do interior.
- O D.P.N, faria todo o serviço de policiamento noturno de rua e estabelecimento fabris.
- O D.R.F., teria a sea cargo o policiamento, controle de veículos, nas estradas de rodagens e de ferro, nas estações, usinas, garagens, oficinas, etc..
- O D.P.R.P. seria encarregado do policiamento em geral da zona urbana suburbana e das grandes cidades do interior, para repressão e prevenção de crimes, socorros policiais urgentes, etc..
- O D.P.S.F.A. seria o corpo de bombeiros, com seu emprêgo atual e mais a guarda das grandes usinas de fôrça, diques, açudes, florestas etc., tanto na Capital como no interior.
- Ao D.P.S.S.E., cujos componentes poderiam agir fardados ou à paisana, caberia os serviços de policiamento de caráter secreto ou sigiloso, investigações em casos especiais de delitos cometidos por elementos da Fôrça, I.P.M., sindicância, etc..
- Ao D.I.M.P.G. estaria afeto tudo que se relacionasse com a instrução militar-policial, tendo sob seu controle todas as escolas de formações e especialização. Na parte do ensino militar, seu esforço principal seria empregado no ensino da defesa Nacional pelo sistema de guerrilhas, visto que a tática se aplica mais ao Exército.

Sendo a Fôrça encarregada de fazer executar as leis dentro do Estado e de

manter a ordem pública, dificilmente seria ela empregada em guerras externas.

Já dentro do território, o seu emprêgo é mais plausível e como o Brasil é um país, que, por determinadas razões de ordem financeira, industrial, estratégica e de densidade demográfica, fatalmente precisará empregar o sistema de guerrilhas para sua defesa, no caso de uma invasão ou ocupação, melhor fará encaminhar o ensino militar da Fôrça para êsse lado.

— O D.P.G. teria a incumbência de policiar e guardar todos os estabelecimentos correcionais, casas de detenção, penitenciárias, cadeias públicas, e fornecer tôda a guarnição da Capital, inclusive a guarda do Palácio do Govêrno.

Finalmente, o D.P.F., para serviços especiais de alimentação, hospitais, prisões para mulheres, investigações no setor da assistência social dos elementos da corporação e outros serviços que possam ser executados por mulheres.

Cada departamento seria formado por um ou mais batalhões, de acôrdo com as necessidades.

Homens educados e selecionados pelo sistema de testes e instruídos eficientemente para o cargo a desempenhar. Fardamento e equipamento condizente com o setor de trabalho. Vencimentos compatíveis com a função e à altura do padrão de vida.

Todos os departamentos seriam subordinados a um comando geral, que disporia de três Estados Maiores, sendo:

— um E.M.P. — Estado-Maior Pessoal para representações, a que pertenceriam os ajudantes de ordens e oficiais de ligação;

— um E.M.G. — Estado-Maior Geral, para fiscalizar centralizar e controlar o serviço dos Departamentos;

— um E.M.E. — Estado-Maior Especial, constituído de técnicos e especialistas dos departamentos, e que seriam os conselheiros técnicos do E.M.G..

Teria, o Estado, um policiamento eficiente, visto que, não sendo, os departamentos, compartimentos estanques, seus elementos agiriam de comum acôrdo, havendo cooperação entre todos.

Um dos fatores que hoje contribuem para a ineficácia e, por que não dizê-lo, a inexistência mesmo, de policiamento em São Paulo, é a existência de muitas corporações policiais.

Quanto maior o número delas, menos policiamento, devido ao divórcio entre as mesmas, a menor responsabilidade ou responsabilidade indefinida de cada uma e, em consequência, menor rendimento.

E' bem verdade que em tôdas as atividades humanas de hoje, para boa eficiência, é necessário que haja especialização. Não escapa a essa exigência o serviço policial. Mas, penso que especialização não quer dizer separação e, se esta existe, é sômente na atividade de cada um ou de cada grupo de indivíduos; porém, com a união de todos, em tôrno do mesmo chefe, sob um controle único, regidos pela mesma unidade de doutrina.

Como exemplo, vejamos o seguinte:

Um automóvel é constituído de centenas de peças, feitas, cada uma, por um especialista, segundo as idéias de um só cérebro. No fim, tôdas são reunidas em um só conjunto, resultando daí um funcionamento simultâneo ou sincronizado de tôdas para um único fim — fazer o carro andar. Tôdas contribuem, cada uma com seu movimento próprio, para um movimento único resultante. Embora construídas em separado, seguiram uma orientação única, visando um só objetivo. Imaginemos

agora, si quiséssemos juntar peças de vários tipos, ou melhor, juntar as mesmas especializações, porém, de diversas origens, diversos sistemas.

Teríamos, no final, um carro que andasse? Certamente que não. Talvez, depois de muitas alterações — cortando esta peça, furando outra, em encurtando ou alargando uma terceira conseguíssemos fazer o carro funcionar. No entanto, o seu rendimento nunca atingiria o grau desejado.

Assim é o policiamento do Estado. E' preciso que haja divisão nas partes, mas uma só orientação, para haver união perfeita do conjunto. E só se conseguirá isso com:

- um comando único;
- uma só unidade de doutrina; e
- a mesma comunhão de sentimentos.

Do contrário, em vez de eficiência, teremos, eternamente, animosidade entre as corporações, reclamações do público, gastos maiores e sem proveito e confusão, o que é muito bom, sem dúvida, para os inimigos da lei.

Poder-se-ia fazer uma reunião dos representantes das várias corporações — Fôrça Pública, Guarda Civil, Guarda Noturna, Guarda Rodoviária, sob a presidência do Secretário da Segurança Pública e supervisão do Chefe do Estado, para estudar a questão, sem partidarismo, sem animosidade, com boa vontade de encontrar uma solução satisfatória, para a união de todas, sem prejuízo moral ou material para esta ou aquela, e tendo em vista o bem geral do povo, o progresso do Estado e, conseqüentemente, do Brasil. Estou certo de que essa solução seria encontrada. Haveria, a princípio, uma série de obstáculos a vencer, desajustamentos, problemas de ordem técnica e material mas, aos poucos,

tudo se iria amoldando, encaixando e, dentro de algum tempo, teríamos uma organização policial modêlo, à altura do grande Estado, capaz de acompanhá-lo no seu crescente dinamismo. Uma união bem estudada solucionaria o grande problema e só traria benefício a todos, tanto aos atuais componentes das corporações, quanto ao Estado. Para aqueles:

- equiparação e melhora de salários;
- aproveitamento integral de todos, encaixando cada um no seu justo posto;
- mesmas possibilidades de acesso (talvez com aumento delas, para alguns, o que não deveria influir no espírito dos demais, desde que essa vantagem não redundasse em seu prejuízo);
- mesmo prestígio e situação moral, visto que continuariam na especialidade.

Para o Estado:

- um serviço militar-policial digno da sua grandeza e a glória de ter sido o primeiro a resolver êsse magno problema, que também aflige os outros Estados.

Os que se alistassem daí para a frente seguiriam uma orientação diferente, que permitisse o seu melhor aproveitamento no setor mais necessário. Seriam selecionados por meio de testes apropriados, a pôr em evidência suas qualidades para êste ou aquele serviço.

Quem se der ao trabalho de refletir demoradamente, sem espírito preconcebido, visando somente encontrar uma solução para tão grande problema do Estado, verá que é essa a solução mais lógica e que maiores probabilidades oferece de bom êxito. Pelo menos, essa é minha opinião pessoal e eis por que assim gostaria de vêr a Fôrça Pública do Estado.

Ser derrotado e não se render — é uma vitória.

(Pilsudsky)

Galeria dos heróis anônimos

O CABO PEDRO

1.º ten. Ary Prado Marcondes

Éra já noite avançada.

No quartel do Corpo de Bombeiros tudo era silêncio. Apenas, de longe em longe, as passadas ritmadas do rondante, ou o ruído estridente de um bonde quebravam a monotonia do silêncio.

Deitado, no escuro do alojamento, o cabo Pedro ouvia o ressonar dos companheiros; pensava na felicidade de seus últimos meses; pensava no seu feliz casamento.

Ela, a espôsa, fizera de seu pequenino lar o céu que êle sempre sonhara; e Pedro, dotado de desejo de progredir que existe em todos os homens, inscrevera-se num curso de aperfeiçoamento de motorista. E, hoje, dava o seu primeiro serviço.

Com o mesmo orgulho que recebera de seu Comandante o par de divisas, recebera, nesse dia, a chave do auto-transporte n.º 2.

Olhando para um raio de luz, da rua, que entrava pela fresta da porta entreaberta do alojamento, êle acariciou, no bolsó do coração, um sapatinho de boneca. Sua espôsa lh'o dera, um dia, dizendo: — "leve êsse sapatinho nesse bolso; eu fico com êste outro. Assim, você se lembrará sempre que o nosso filhinho já está em caminho".

Nesse dia um bercinho veio postar-se ao lado da cama do casal.

Pedro olhava o raio de luz e tocava no sapatinho. Pouco a pouco suas pálpebras foram se tornando pesadas...

Eis que, rompendo o silêncio da noite, ouve-se um sinal de alarme. Incêndio!

Todos se lavantam, todos correm e, instantes depois, cortando as ruas da cidade adormecida, parte a guarnição, rumo ao sinistro.

A noite é gêlo, o vento é navalha. O grito agudo das sereias assusta uns raros passantes distraídos.

Eis que, numa curva, o motorista titubeia. O carro derrapa, gira em semi-círculo, ameaça ir de encontro a uma árvore, mas estanca a tempo, numa brecada firme.

Os três bombeiros componentes da guarnição descem do carro trazendo nas faces a palidez do susto, mas, nos olhos, o brilho de agradecimento à boa estrêla salvadora.

Descem e chegam junto ao motorista, que não se lavantara. Sentado, com as mãos crispadas na direção, Pedro tinha o olhar fixo, parado. Atravessando-lhe as costas e saindo pelo coração estraçalhado, a ponta de uma picareta mostrava aos olhos atônitos dos companheiros um sapatinho ensangüentado de boneca.

Ao longe ouvia-se ainda o gemido das sereias.

BOÊMIO

Tancredo Collaço

À tua jovem morena, ultra-sentimental, que não gostou do meu realismo.

O autêntico boêmio é êle. Êle que nada deseja do mundo real: vive unicamente a vida dos sonhos. Boêmio que, nas noites de lua cheia, canta com voz doce para mulher imaginária uma canção de suicida. Mas o boêmio acha inútil e estúpido o suicídio: êle já fugiu da vida. Porisso quer só cantar e, no meio dos homens, é um solitário. A solidão povoa o seu mundo. Mundo de sonhador inquieto.

Nem êle saberia explicar como lhe acontecem certas coisas. Termina de cantar a música que convi-

da à morte, e no seu coração de boêmio fica apenas uma grande saudade.

Aspira com prazer quase pècaminoso o cheiro bom da madrugada. Porque os homens dormem, quando a noite é bela e a madrugada "tem gôsto de mulher que ainda não conheceu o amor?" Não se recordava mais onde lera isso que sempre lhe vinha à memória nas madrugadas úmidas de sereno.

A saudade cresce em seu peito. . Murmura estrofes de um poeta que êle esqueceu o nome e porisso mesmo gosta: —

— "Quando a lua surgir, os pescadores,
Almas que se confrangem na des-
crença

Cantarão a elegia dos amores...

O mar que é tão tristonho e tão
volúvel

Tem sempre pescadores a cantar.

Porque há uma aliança indisso-
lúvel

Entre máguas de amor e águas do
mar..."

Êle pensa na mulher belíssima, loiríssima, que, em certa noite, oferecendo-lhe, os lábios entreabertos de volúpia, numa inesquecível carícia muda, confessou-lhe muito amor. A saudade torna-se real, cruel, atormentadora.

Todo o boêmio tem uma história amorosa na vida — êle também — o autêntico boêmio.



Aspirantes na Polícia Civil

Asp. Evandro Francisco Martins

Os aspirantes de 1947 iniciaram os estágios na Polícia Civil. Antes de mais nada, afirmo que se deu uma nova orientação à vida dos novos elementos que aspiram ao oficialato de nossa Milícia. Nós representamos a força de que as autoridades constituídas devem lançar mão em caso de necessidade. Todos nós o sabemos. Entretanto, seria muito pouco para um oficial, exercer simples funções de execução. Era necessário que a êle se desse uma situação de acôrdo com sua posição de chefe. Assim sendo, tornou-se urgente necessidade que passássemos a conhecer o modo de ação e organização de nossa co-irmã, a Polícia Civil.

No pequeno espaço de dois meses e meio, tivemos oportunidade de assimilar muita coisa de grande interesse para o nosso serviço policial militar. Analisando tudo o que nos foi dado ver, chega-se à conclusão de que muito pouco é dado ao conhecimento de um aluno-oficial, durante os seus três anos de curso. Seria de utilidade inestimável se fossem introduzidas algumas modificações no nosso ensino, em proveito de u'a maior dosagem de instrução policial. Por várias vezes nos encontramos em situação melindrosa, por desconhecer completamente assuntos dos mais bisonhos, em relação aos serviços de

policiamento, e ao mecanismo dos trabalhos burocráticos, que, de passagem eu digo ser uma complexidade enervante e desnecessária. O Curso de Polícia para Oficiais Combatentes não satisfaz, por completo, às nossas necessidades e às necessidades de um serviço que deve ser feito com a maior presteza e conhecimentos, aliados a um bom senso capaz de conciliar em situações diversas.

Desde que o aluno-oficial, sòmente passa a freqüentar a Escola de Polícia, no terceiro ano, com quatro aulas semanais, descontando-se as férias de julho e os feriados, seria interessante que êste curso fosse ampliado para três anos seguindo paralelamente, ao curso de instrução militar que se faz no C.I.M.

Teríamos maior produção nos nossos serviços, e estaríamos capacitados a substituir muitas autoridades civis em qualquer caso sem prejuizo da Eficiência.

Esta constitui um fator primordial em todos os setores de atividade, sendo maior ainda, quando se trata de um caso como o nosso que estamos sempre a lidar com a coletividade, ocasiões estas em que as responsabilidades avultam o seu pêso sôbre os nossos ombros.

Brasileiros !

Prestigiar a indústria Nacional é contribuir para a solução dos problemas econômicos do Brasil.

Os conselhos técnico - administrativos

1.º ten. Sebastião Rufino Freire

Existem, no sistema educacional brasileiro, como órgãos básicos, os chamados Conselhos Técnicos-Administrativos. Em cada estabelecimento de ensino superior, ditam êles as normas gerais para regular o funcionamento dos institutos respectivos. As questões relacionadas com o ensino, as medidas de ordem técnica e as soluções exigíveis para os problemas que aparecem a miúdo, em face de nossa complicada legislação, têm, no Conselho Técnico-Administrativo, a segura e quase sempre exata orientação. Conselhos desta natureza têm produzido resultados amplamente satisfatórios e permitiram ao nosso sistema de ensino u'a maior evolução, por serem órgãos reguladores, exclusivamente técnico-administrativos, sem nenhuma feição ou côr política.

Com a explanação sôbre o conceito, as vantagens e a alta finalidade dos referidos Conselhos, tive em mente colocar o assunto em situação de encaminhá-lo dentro de um caso concreto. A Fôrça Pública já possui um bom número de escolas e cursos de natureza e fins diversos. O C.I.M. e a E.E.F., por exemplo, na qualidade de estabelecimentos de maior amplitude, bem poderiam, mediante estudo prévio, devidamente apreciado pelos órgãos superiores da Corporação, incluir em sua regulamentação os C.T.A.. Naturalmente funcionariam dentro das normas que se harmonizassem com as peculiari-

dades de nossa organização policial-militar, mas a orientação geral teria que ser a mesma dos existentes no Ensino Superior. Tais Conselhos teriam o mérito de facilitar a tarefa dos Comandantes e Diretores de Ensino das respectivas escolas, além de encaminhar ao Comando Geral, com a necessária interferência da D.G.I., o estudo e as soluções dos problemas gerais do ensino.

Talvez, à primeira vista, surja uma dificuldade. Qual deveria ser a composição de tais Conselhos? Como lembrança, ou a título de sugestão, opinaria pela seguinte: o Comandante da Escola, o Diretor do Ensino, um adjunto da D.E., dois professores ou instrutores e o aluno mais graduado ou mais antigo de todos os cursos. Êste último, porém, sem direito a voto, tomando parte nas sessões apenas como órgão informativo. Os demais membros poderiam votar com igualdade de direitos, inclusive o voto vencido. Nenhum membro poderia usar da palavra por mais de 15 minutos. Ao dar estrutura a tais Conselhos, a Comissão encarregada não haveria de esquecer-se de outros pormenores que marcariam indubitavelmente o bom êxito da iniciativa.

Um dêstes pormenores, porém, não deveria ser esquecido. A orientação geral terá que possuir um caráter essencialmente impessoal. Daí a razão por que, em nenhuma hipótese, deveria ser posta de lado a

sugestão, o parecer ou solução apresentados por qualquer membro do Conselho. Igualmente, seriam tomadas na devida consideração, pelo C. T. A., as ponderações e sugestões encaminhadas a êste, pelos instrutores em geral.

Afinal, manda a prudência que, ao se encetar uma tarefa de certa importância, sejam as questões sufici-

ente e criteriosamente discutidas e estudadas, para que disto resulte uma perfeita adaptação às necessidades reais dos estabelecimentos interessados, fugindo-se sempre às inutilidades burocráticas, que só emperram a máquina administrativa, não contribuindo, de forma alguma, para a solução prática dos problemas do ensino.

COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacareí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraibuna — Taubaté — Pindamonhangaba — Roseira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaíba — Aguai.

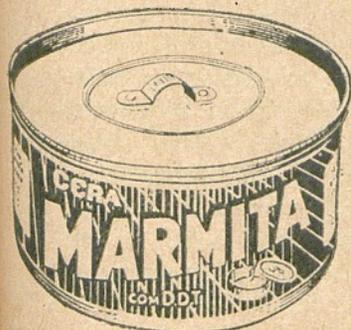
COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S. A. sob n.º 47

Escritório e sede central: (Diretoria 9-2658
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones (S. Comercial ... 9-2659
SÃO PAULO (S. Técnica 9-2681



Cêra MARMITA é um produto BEKO
fabricantes do legítimo CRUZ AZUL

DISTRIBUIDOS PELO FRIGORÍFICO WILSON DO BRASIL



A fotografia e sua importância em criminalística

Palestra realizada no Instituto de Criminologia da Escola de Polícia do Estado de São Paulo, pelo Prof. Raimundo Firpo, da cadeira de Fotografia Judiciária.

Define-se a fotografia como sendo a arte de produzir e fixar as imagens dos objetos, pela ação da luz sobre certas substâncias.

Por essa definição, conclui-se que ela tem seus fundamentos na física, que produz as imagens, e na química, que as fixa.

Esses dois ramos evoluíram isoladamente, durante séculos, até quando o genial francês José Nicéforo Niepce, reunindo-os, deu lugar ao descobrimento do primeiro processo de fixação das imagens produzidas na câmara escura. Esse processo foi mais tarde aperfeiçoado e tornado prático pelo não menos genial Luiz Jacques Mandé Daguerre.

Um fato de alta significação para o progresso da humanidade deu-se, então, a 7 de janeiro de 1839, quando, em memorável sessão da Academia de Ciências de Paris, Domingos Francisco Aragô, notável físico e astrônomo da época, deu a conhecer a existência do primeiro processo prático que passou à história com o nome de daguerreotipia.

Aragô, depois de declarar ter o sr. Daguerre descoberto "chapas especiais em que a imagem ótica deixava uma impressão perfeita", frizar a importância dessa descoberta no progresso das ciências, garantir ser êle econômico, fácil e realizável em qualquer lugar, sugeriu a sua com-

pra pelo Governo. Essa comunicação de Aragô despertou a curiosidade, não só dos membros da Academia e do Governo, como também de todos os cientistas da época.

Em 15 de julho do mesmo ano, o Ministro do Interior apresentava à Câmara dos Deputados um projeto de lei pelo qual o Governo adquiria o direito de divulgação.

Justificando tal projeto, declarava o Ministro não ser o processo suscetível de uma exploração que indenizasse os inventores de "tantos ensaios longos e infrutuosos", e sendo tal invenção de alto valor para o progresso das ciências e das artes, competia ao Governo intervir para que ela não morresse com os seus inventores.

Esta lei foi aprovada por unanimidade e enviada à Câmara dos Pares, onde também, unânimemente, recebeu aprovação, depois de justificada pelo emérito químico e físico, Gay-Lussac, que, como Aragô, pôs em relêvo o valioso auxílio que a fotografia prestaria ao mundo científico, concluindo com as seguintes palavras, que eram um apêlo ao patriotismo de seus pares: "Para aqueles que não são insensíveis à glória nacional, que sabem não brilhar um povo com maior fulgor sobre os outros povos senão pelos progressos que é capaz de dar à civilização, para

êsses dizemos: o processo de Daguerre é uma grande descoberta, êle é a origem de uma arte nova no meio de uma velha civilização, que fará época e será conservada como um título de glória. Seria justo que essa descoberta passasse à posteridade acompanhada pela ingratidão? Que ela venha antes como um resplandesciente testemunho da proteção que as Câmaras, o Govêrno de Julho e o País inteiro concedem às grandes descobertas”.

Em 19 de agosto do mesmo ano, a França, pela palavra de Arago, fazia ao mundo artístico e científico uma das maiores dádivas do século, resultado do talento de seus dois grandes filhos Niepce e Daguerre.

Encarregou-se o tempo de justificar o entusiasmo dos cientistas da época e o acêrto de suas previsões, pois a fotografia moderna presta valioso auxílio ao progresso de todos os ramos do saber humano.

Na astronomia, a aplicação da “arte nova” teve início mesmo antes da sua divulgação. Empolgado pelos primeiros resultados obtidos por Daguerre na fixação da imagem da lua, Arago, na sessão de 8 de julho de 1839, na Câmara dos Deputados, dissera: “A preparação sôbre a qual opera Daguerre é um reativo muito mais sensível à ação da luz do que todos até aquí empregados. Os raios da lua, não dizemos no estado natural, mas condensados no foco da maior das lentes, nunca produziram efeito físico perceptível. As lâminas preparadas por Daguerre embranquecem, ao contrário, a tal ponto, sob a ação dêsses mesmos raios e das operações que lhes sucedem, que será possível obter mapas fotogrâ-

ficos do nosso satellite. Isto é o mesmo que dizer: “Em breve se executará um dos trabalhos mais longos, mais minuciosos e mais delicados da astronomia”.

Tinha razão Arago. Não só a lua tem sido minuciosamente estudada, como também se têm produzido mapas celestes em que figuram astros cuja fraca luminosidade não permitia ao homem observá-los. As manchas do sol, os eclipses e as nebulosas são igualmente registrados.

A constituição dos planetas tem sido estudada através da espectrofotografia. O hélio encontrado na terra no fim do século passado fôra já anteriormente descoberto no sol, e o seu espectro fixado na chapa fotográfica, “retina do sábio”, na acertada expressão do astrônomo Jansen.

O exemplo acima seria suficiente para exaltar o grande valor que a fotografia representa no progresso também da química, na qual a própria fotografia, como vimos, tem um dos seus fundamentos.

Não menos importante é a aplicação da fotografia na medicina. O médico dispõe de uma excelente fonte de consulta quando fotografa e arquiva os casos patológicos de manifestações externas. Do mesmo modo, as coleções de fotografias de alienados dão lugar a estudos importantes no terreno da psiquiatria.

A fotografia de fundo de olho, cavidade bucal, laringe e estômago, são de grande valia para o diagnóstico médico. A radiografia e, modernamente, a roentgen-fotografia, do mesmo modo, têm sido grandes auxiliares dos médicos, e muito especialmente na cirurgia. A fotomicrogra-

fia constitui fator decisivo na rápida evolução da microbiologia.

A engenharia se utiliza da fotogrametria para levantamentos topográficos e confecção de mapas de grandes extensões territoriais, conseguidos outrora com imensas dificuldades e menor exatidão.

Na esfera militar, a utilidade da fotografia tem sido de tal monta, que os exércitos modernos já possuem batalhões especializados nas fotografias das frentes de luta. A aeroestereofotogrametria fornece mapas perfeitos dos campos inimigos com a rapidez que êsses casos requerem. A fotografia pelos raios infra-vermelhos descobre camuflagens, tão em voga no último conflito.

Além disso, êsses raios, pelo seu grande poder de penetração na atmosfera, tornam possível a fotografia a grande distância. A gigantesca correspondência dos enormes exércitos em luta é hoje feita com rapidez e máxima economia de volume.

E' ainda a fotografia, neste terreno, um elemento de alto valor na propaganda e documentação histórica.

A física estuda a queda dos corpos, as descargas elétricas, os movimentos das máquinas, dos projéteis, e, se tivéssemos de falar mais sobre o valor da fotografia aplicada às ciências, seríamos forçados a passar em revista todos os setores da atividade contemporânea, tarefa difícil, senão impossível, para uma só pessoa, e que não comporta nos limites de uma simples palestra.

A criminalística não podia mesmo ficar indeferente ante os inestimáveis

serviços que a fotografia lhe pode prestar, e do qual muitos ramos das ciências vinham já obtendo os mais valiosos benefícios para o seu desenvolvimento.

A primeira aplicação da fotografia na justiça foi a identificação de reincidentes. Segundo Edmond Locard, coube à Bélgica a primazia do seu emprêgo. Diz êsse autor que nos arquivos da polícia de Bruxelas foram encontrados, datados de 1843, alguns daguerreotipos de criminosos, 4 anos, portanto, após a divulgação do processo de Daguerre.

O primeiro caso de elucidação do crime com o auxílio da fotografia, no entanto, data de 1854 e deu-se na Suíça. O advogado Pelli, num artigo publicado naquele ano, segundo transcrição de Reiss, revela-nos que em Lausanne vinham se verificando numerosos assaltos em igrejas e residências, sem que o criminoso deixasse o menor vestígio, o que levou a se efetuarem numerosas detenções de suspeitos, entre os quais figurava um, cujos antecedentes não se pôde estabelecer. Dêste foram tirados vários daguerreotipos e enviados a todos os cantões e países limítrofes. Do Grão Ducado de Bade veiu então a notícia do reconhecimento da identidade do personagem misterioso, feito em uma vila onde o mesmo estivera detido e houvera confessado os seus antecedentes criminosos. De posse dessas informações, tornou-se fácil a orientação do interrogatório, que foi, graças à fotografia, coroado de pleno êxito.

A fotografia, como elemento de identificação civil, segundo Vogel,

data de 1865, quando, por ocasião de uma exposição fotográfica realizada em Berlim, exigia-se, para ingresso, a apresentação de um cartão de identidade fornecido pelos organizadores do certame, contendo retrato do portador.

Embora desprovida de sistematização, generalizou-se a providência em vários países, de fotografar os detidos, tendo-se em mira a sua captura nos casos de reincidência.

Conta-nos Gastão Tissandier que em Londres, de novembro de 1871 a dezembro de 1872, 375 capturas foram efetuadas na Inglaterra, unicamente por meio da fotografia.

Diz mais que no mesmo período o Habitual Criminal Office, recebera 30.463 fotografias, o que evidencia o hábito de se processar a fotografia dos criminosos, naquela época.

Esse autor sugeria, para maior eficácia, que se franqueassem ao público as galerias de retratos dos criminosos, quando fossem infrutíferas as tentativas da polícia.

Com o crescimento do número de retratos, porém, tornou-se difícil a pesquisa. Os reincidentes trocavam

o nome cada vez que eram detidos, e como os retratos eram arquivados por ordem alfabética, tornava-se necessário verificar, uma por uma, as milhares de fotografias existentes.

Tal foi a situação em que e grande Afonso Bertillon, criador da fotografia judiciária, encontrou a prefeitura da polícia de Paris, onde ingressou, em 1878. Designado, depois, para prestar seus serviços como assistente na secção fotográfica, tomou Bertillon a si o encargo de dotar a polícia de um meio de identificação que não apresentasse os inconvenientes observados pela simples fotografia de frente, até então em uso.

Baseado na imutabilidade quase absoluta da ossatura humana depois dos 20 anos de idade e da variação que as dimensões do esqueleto apresenta de um para outro indivíduo, criou Bertillon a ficha sinalética, tendo como elemento básico a antropometria, e, como subsidiários, para sub-classificações, notações cromáticas da iris esquerda, particularidades morfológicas da cabeça, marcas, cicatrizes e a fotografia de frente e perfil na redução de 1/7, juntando,



Schilling - Hillier
S. A. Industrial e Comercial

Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife, Bahia

**Produtos Farmacêuticos, Produtos Químicos,
Insecticidas, Perfumaria, Conservas**

posteriormente, a esta ficha, impressões digitais.

A bertillonagem, como designou Lacassagne, ao conjunto de métodos que serviu de base à moderna polícia científica, marcou nova fase na fotografia como elemento de identificação, permitindo-lhe um meio de arquivamento e pesquisa. Unificando a redução, iluminação e posição, deu Bertillon qualidades métricas à fotografia e facilitou sobremodo o seu confronto.

Posta à margem a antropometria, com o advento da dactiloscopia, incontestavelmente o único meio seguro atualmente conhecido para a determinação da identidade do indivíduo, continuou a fotografia como único elemento prático para a captura de delinqüentes, pois não era possível, com a ficha antropométrica (e não o é, hoje, com a ficha dactiloscópica), proceder-se, na via pública, à captura do reincidente.

A fotografia sinalética completa, pois, a eficácia da dactiloscopia, e o maior testemunho dessa afirmação é o número sempre crescente das fotografias requisitadas pelas nossas Autoridades que, de 749 em 1907, ano que marcou o início da fase dactiloscópica entre nós, passou a 44.408, em 1943.

Estas cifras são o mais forte argumento que se pode oferecer para, de u'a maneira insofismável, demonstrar que a fotografia sinalética, como elemento de identificação, é digna de figurar ao lado de sua irmã mais nova, a dactiloscopia.

No local de crime, onde a dactiloscopia é de alto valor na identificação dos criminosos, a fotografia,

como elemento de registro e de revelação, vem prestar-lhe relevantes auxílios, e não tenho dúvida em afirmar, pela experiência adquirida, que a maioria dos triunfos da perícia dactiloscópica, nesse setor, deve em grande parte à fotografia que, além de facilitar o confronto dos pontos característicos, pela ampliação, oferece ao perito a possibilidade de exames de fragmentos imperceptíveis.

Impressões pulverulentas, graxas e em matérias plásticas em geral, sómente pela fotografia são suscetíveis de assinalamentos. A fotografia pelos raios infra-vermelhos permite destacar impressões em suportes policromos, o mesmo se dando quando a sua côr confunde com a do suporte para a nossa vista, mas são de natureza diferentes.

A fotografia direta das papilas da polpa digital é utilizada na identificação de cadáveres, quando o seu adiantado estado de putrefação não permite entintá-las.

A fotografia tem aplicação eficiente em todos os casos em que as impressões se encontrem em peças fragmentadas onde um exame poroscópico se torne necessário.

Enfim, a fotografia é fator decisivo para o êxito da perícia dactiloscópica em todos os casos onde os agentes reveladores, químicos ou físicos, tenham ação efêmera, como nos casos de fluorescência, que cessa tão logo desapareça a causa.

Êstes exemplos são suficientes para exaltar o valor do emprêgo da fotografia, sem cujo auxílio a dactiloscopia estaria fadada a se limitar à esfera dos arquivos dedactilares.

Disse Locard que uma das características da evolução do direito criminal em nossa época é a substituição da prova testemunhal pelas provas indiciais. Para essa evolução muito tem contribuído a fotografia de locais de crime, suicídio, acidentes, incêndios, etc., que, além de oferecer um meio permanente de reconstituição dos aspectos dos mesmos, fixa detalhadamente os indícios neles contidos.

Notando que a fotografia de locais, tal como era feita, não oferecia ao perito meios de avaliar as dimensões dos objetos, bem como as distâncias, tão necessárias ao êxito das investigações, recorreu Bertillon à fotogrametria, já em franco progresso na topografia e na arquitetura, em que tanto se distinguiram Laussedat e Gustavo Le Bon, de cujos ensinamentos se aproveitou Bertillon para introduzir na técnica policial a fotografia métrica.

Por este método avaliam-se facilmente as dimensões dos objetos quando os mesmos são limitados por linhas retas e se acham paralelos à chapa fotográfica. Requer, no entanto, alguns cálculos e trabalhos, nos demais casos.

Isto levou os técnicos modernos a procurar um meio mais rápido e precioso. Recorreram então à estereofotogrametria que, a estas qualidades, reúne ainda a vantagem de proporcionar ao técnico, pelo relêvo, uma visão mais realista e detalhada do local. Tal método, segundo Bischoff, é usado com ótimos resultados pelas polícias de Zurich e Berne.

Pode-se imaginar as vantagens que tiraria nossa justiça se, em plenário, fossem exibidas essas fotografias estereoscópicas, que seria o mesmo que proporcionar aos jurados e juizes uma visita ao local logo após o delito. Maiores seriam as vantagens se a isto se juntasse a projeção cinematográfica, sonora, da confissão e reconstituição da cena do delito pelo próprio criminoso.

A fotografia fixa as pegadas, as manchas de sangue, sinais de instrumentos utilizados, dentadas, revela a escrita de documentos carbonizados. E que dizer da fotografia de cadáveres, cuja posição, estado das vestes e aspecto dos ferimentos são tão importantes às investigações?

O valor da fotografia é tanto maior quando se pensa que equimo-

ALCOOL

Deposito por grosso

Para Indústrias - Laboratórios - Perfumarias - Farmácias etc.

Constantino De Matheus

Rua Rio Bonito, 286 — Tels. 3-4750 e 3-4751 — SÃO PAULO

ses imperceptíveis à vista fixam-se nitidamente nas superfícies sensíveis.

Nas perícias de identificação de armas de fogo a fotografia é utilizada como elemento de convicção nas comparações das raias dos projéteis.

Sòmente a fotografia realiza o milagre de, em poucos minutos, registrar fielmente todos os indícios e objetos de locais de crime, acidentes, etc., e indicar, com precisão, altura, largura, posição e direção, e, em consequência, desimpedindo os mesmos rapidamente, o que é importante, principalmente nos casos de acidentes em vias de intenso movimento.

Enfim, é a fotografia que concede ao técnico o tempo necessário ao estudo minucioso dos locais e o meio de provar o acêrto de suas conclusões.

A diferença de sensibilidade entre a nossa retina e a chapa fotográfica às diversas regiões do espectro tornou a fotografia um ótimo elemento de pesquisa, também na perícia gráfica, por meio da qual pode o perito descobrir traços e manchas invisíveis como, por exemplo, nos casos de lavagens químicas e raspagens.

Dessa propriedade das superfícies sensíveis já se aproveitavam alguns técnicos, como Gobert e Ferrand, que desde 1876 apresentavam laudos de falsificações baseados na prova fotográfica. As ampliações constituem um excelente meio de comparação de escrita, permitindo o assinalamento das anomalias encontradas. Ela evidencia, pela superposição dos caracteres, os casos de falsificação por decalque. As ampliações ainda permitem o estudo dos cruzamentos

de traços com o fim de demonstrar a prioridade de um deles.

Os exames de documentos, quando feitos por meio de agentes químicos de ação rápida, sòmente pela fotografia, podem ser estudados minuciosamente e transformados em elemento de prova, o mesmo se podendo dizer com referência à aplicação da luz de Wood.

Os sulcos produzidos pela pressão de lapis na folha contígua à que se escreve são, pela fotografia, revelados com nitidez, permitindo, assim, a execução de perícias, mesmo nos casos de extravios de documentos.

A utilização da fotografia em gráfica (ou qualquer outro ramo da criminalística, enfim), como elemento de registro, de pesquisa, revelação ou comparação, tem o grande mérito de não alterar o estado físico-químico dos documentos e objetos em estudo.

Na Antropologia Criminal, além da fotografia métrica do criminoso, fornece ela um excelente meio de ilustração e demonstração nas perícias de esqueletos. Proporciona ao antropologista um precioso material de estudo, pelas coleções de fotocópias de tatuagens e anomalias.

Seja pela observação direta, seja pela projeção, constitui a fotografia, ainda, um recurso de alto valor na divulgação e ensino da criminalística e de todos os ramos das artes e das ciências.

Êstes poucos exemplos bastam para destacar a importância da fotografia em criminalística e justificar a necessidade de possuir, o completo perito, sólidos conhecimentos de fotografia aplicada.

Assim compreendera o esclarecido espírito do ex-diretor desta Escola, dr. Percival de Oliveira, quando introduziu a cadeira de Fotografia Judiciária, nos cursos aqui ministrados.

O seu ilustre nome, estou certo, não será olvidado quando se escrever a história da evolução da polícia científica entre nós.

Indústrias Cama Patente - L. LISCIO S. A.

A MAIOR FÁBRICA DE CAMAS DA AMÉRICA DO SUL



GRANDES FORNECEDORES DO EXÉRCITO NACIONAL
FÓRCAS POLICIAIS — COLÉGIOS — HOSPITAIS etc.

MATRIZ

São Paulo

Rua Rodolfo Miranda, 97

FILIAIS

Rio de Janeiro — Recife —

Bahia — Belo Horizonte —

Pôrto Alegre. —

Isto acontece...

Uma senhora muito patriota envia a um oficial do regimento sediado em sua cidade o seguinte convite:

“Sr. e Sra. Prado solicitam encarecidamente a companhia do capitão Silveira ao jantar”.

Porém, quase desmaiou com a resposta que recebeu:

“Com excessão de 5 soldados, que se acham de licença e de 3 outros, que estão doentes, a Companhia do capitão Silveira aceita com prazer o vosso convite para o jantar”.

* * *

BRASILEIROS !

Roberto Simonsen muito lutou pela formação da consciência industrial brasileira, lançando as bases de sua estruturação.

Cultuemos a memória do grande economista !

“A INAUGURAÇÃO”

1.º ten. Mário Wanderley O. Pimentel

Lendo em “Lembranças de Homens de Letras”, um capítulo de “Quando eu era vivo...”, no qual Medeiros e Albuquerque faz desfilar os literatos da sua época, não foi possível deixar de fixar-me numa passagem, que aqui reproduzo:

“Uma frase de Emílio sôbre Vicente de Carvalho não foi muito injusta. Vicente amputara um braço. Emílio disse que Deus lhe fizera perder um braço para que não passasse a vida a aplaudir-se.

De fato, Vicente, nos últimos tempos, chegara a uma verdadeira auto-adoração. O que se deu foi provavelmente uma reação. Poeta, tão bom como Bilac, Alberto de Oliveira ou Raimundo Corrêa, êle só veio a ter a fama que merecia nos últimos anos da vida. A injustiça que sofreu por tanto tempo exacerbou-lhe o espírito, e êle acabou fazendo-se o seu próprio pregoeiro”.

Acontece que, *post-mortem*, deu-se um caso desagradável, embora não inédito, como a provocar-lhe uma nova reação.

Indo a Santos, em 1945, tive o ensejo de ver o andamento das obras destinadas à conclusão do monumento que a êle erigiram. Depois, novos trabalhos é ei-lo, o poeta, contemplando serenamente as águas, ora convulsas, em vagalhões impetuosos e tonitroantes, ora calmas, azuis, carreando espumas, ansiosas por renderem homenagem ao “Cantor do Mar”.

Efêmera contemplação, curto deleite. Envolveram-no logo em escuro e feio manto, roubando-lhe à vista aquilo que êle muito amou; transformaram-no em “o encapuçado do Boqueirão”.

Passou o sol e a chuva, o “noroeste” e o mormaço, passaram-se os dias e as semanas e lá se via êle, com sua capa já desbotada, amedrontando as crianças, provocando a curiosidade dos passantes, a repulsa dos que contemplavam o negro vulto.

Um dia chegou ao seu ouvidos alviçareira notícia: — Academias Brasileira e Paulista de Letras iam marcar uma data para despi-lo da incômoda e horripilante indumentária adicional. Esperançoso ficou, pois:

“só a leve esperança em tôda a vida
disfarça a pena de viver, mais nada”.

E o sol, a chuva, o “noroeste”, o mormaço, os dias e as semanas - continuaram a passar. Nada!

Vicente de Carvalho, triste, mudo, sofre estôicamente a ingratidão dos homens.

Humanidade mesquinha, que te consomes na voragem suprema de iníquo materialismo!

Humanidade falida, que de tuas energias dispersas nenhuma parcela se orienta na consagração do sentimento espiritualista!

Humanidade má, que esquece as formosas dádivas do grande vate!

Afinal, estando na capital bandeirante e procurando notícias de Santos deparei, em um matutino, com esta: "Inauguração da Estátua de Vicente de Carvalho:

"A Prefeitura Municipal de Santos realizará, no próximo dia 22 de janeiro (1946), data da fundação de São Vicente, a solenidade da inauguração da estátua do grande poeta santista Vicente de Carvalho, etc."

Senti um desejo imenso de conversar com a alma de "Poemas e Canções" e, demandando à "praiana paulista", apressei-me a colher suas impressões. Aproximei-me tímido, medroso, receiando importunar a sua magestosa quietude. Não sabia como tratá-lo; simples, democraticamente, ou com os D.D. próprios dos altos cargos que êle ocupára em vida. Lembrando a magnitude do seu coração, — coração de poeta — resolvi pela intimidade e fui logo ao assunto:

Seu Vicente, eu queria saber...

Com a clarividência do além, Vicente de Carvalho atalhou minhas palavras.

— Sei amigo, você quer saber se estou contente com a "inauguração" e se a demora não me irritou, não é isso?

Atordoado, gaguejei afirmativamente ao passo que meu interlocutor continuava:

— Poi é, irritei-me sim, tive vontade de gritar, de imprecar contra essa gente insensível, mal agradecida...

— Mas *Seu Vicente*...

— Tive vontade de arrancar ês-

te pano que me amortalha, de correr, ir ao mar, tive vontade...

Interrompeu-se bruscamente, fez uma pergunta e logo deu a competente resposta:

— Sabe porque me contive? Foi p'ro Emílio farmacêutico não fazer veneno com o meu braço e p'ro Meideiros não dizer bobagens.

Eu estava incomodado, deslocado, sentindo-me usurpador daquela intimidade, mas pensei: "isso é lá com os homens de letras", e procurei satisfazer a minha curiosidade.

— Mas *Seu Vicente*, o senhor não está contente, feliz com a inauguração?

Percebi que Vicente de Carvalho sorria plácidamente e ouvi a sua voz, agora serena e meiga, dizer: — "Contente! Sim, muito contente... Feliz! Feliz..."

"Essa felicidade, que supomos
Árvore milagrosa, que sonhámos
Tôda arreada de dourados pomos
Existe sim, mas nós não n'a alcançamos,
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos".

Era o "Velho Thema"...

Despedi-me. Voltei para São Paulo.

Semana Santa!

Verdadeira multidão de crentes (?) desceu a Serra em busca de um recanto a beira-mar, onde pudesse entregar-se à meditação (?).

Também procurei o meu retiro: o Boqueirão. Sorria satisfeito à idéia de rever velhas amizades.

Mas... oh! decepção; já estava êle, o meu amigo Vicente, com aquela capa de côr indefinida, a revelar que mais uma vez a "inauguração" não se dera.

Não me aproximei, fiquei a olhar entristecido para os buracos que se viam no manto indesejável e suspeito, terrivelmente, que Vicente de Carvalho, impaciente, começara a gesticular com seus braços de estátua.

Lembrei-me, então, da mordacidade de Emílio de Menezes, da observação de Medeiros e Albuquerque, da reação de Vicente de Carvalho, e concluí: os três tinham razão.

Enfim, a 21 de julho de 1946, quebrou-se o encantamento, ou desencanto, daquela situação; o monumento a Vicente de Carvalho foi inaugurado!

Ao ato estiveram presentes sua esposa e filhos, o então interventor do Estado, embaixador José Carlos de Macedo Soares, personalidades do mundo oficial, intelectuais e representantes das entidades de classe. Usaram da palavra o prefeito de Santos, pela cidade, o consagrado poeta Guilherme de Almeida, em nome da Academia Brasileira de Letras, o sr. Renato Thiolier, em nome da Academia Paulista de Letras e

o dr. Abrahão Ribeiro, pelo governo de São Paulo.

Exaltadas foram as qualidades vibrantes do poeta, homem público, jornalista, advogado e polemista de inquebrantável envergadura.

Agradecendo, discursou o sr. Paulo Mesquita de Carvalho, em nome da família do homenageado.

Eu lá não estive, receioso de um novo adiamento, mas desejei ardentemente, juntei as mãos, fiz "figa", rezei "padre nosso", para que tal não acontecesse; e deu resultado!

Agora, quem for a Santos, ao Boqueirão, verá Vicente de Carvalho, que já perdoou os mortais, dizendo as suas "Palavras ao mar":

Mar, belo mar selvagem
Das nossas praias solitárias! Tigre
A que as brizas da terra o sono embalam,
A que o vento do lago errica o pêlo!
Ninguém entenda, embora,
Êsse vago clamor, marulho ou versos,
Que sai da tua solidão nas praias,
Que sai da minha solidão na vida...
Que importa? Vibre no ar, acorde os ecos
E embale-nos a nós que o murmuramos...
Versos, marulho! amargos confidentes
Do mesmo sonho que sonhamos ambos!

GRANDE FÁBRICA DE BISCOITOS

SÃO LUIZ

Fernando Alterio & Cia. Ltda.

Rua Carlos Vicari, 340 — Tel.: 51-4003 — São Paulo



A ignorância

Fundada em 3-9-1919 reorganizada
em 3-9-1933 - Utilidade Pública
Lei 521 2-1949
COELHO NETTO
Sede própria Rua Odete Sã Barboza, 139
Tel. 227 5687 LUZ - SP.

É treva de cegueira. Cada letra do alfabeto que nela sôa é como uma centelha na escuridão. Duas que se reunam em sílabas rebrilham, juntando-se as sílabas em palavras alumiam, reunidas as palavras em frases aclaram e vai por elas o homem através do négrume e chega ao livro que é uma porta de dois batentes que abre para o esplendor solar.

E tóda a vida se lhe desvenda e nela todos os encantos.

Vai ao passado, percorre o presente, inclina-se sôbre o futuro. Acha os caminhos todos desimpedidos e neles entra sem receio, sendo em todos como senhor, independente porque não precisa de auxílio de mão alheia nem de conselhos que o orientem.

Reconhece a sua fôrça, usa dos seus direitos, cumpre todos os seus deveres e, levado por vontade própria, dirige-se ao que lhe convém ou apraz.

Tendo o segredo para abrir tódas as portas da Ciência e da Poesia, que são os livros, vai por elas de maravilha em maravilha como se atravessasse os salões deslumbrantes de um palácio encantado.

O ignorante é um escravo cêgo e carregado de ferros que mendiga nos degraus da escada do palácio, ouvindo as músicas que soam e os louvores dos que passam.

E, quanto mais ouve falar em esplendor tanto mais negra lhe parece a escuridão em que vive.

Transcrito do Breviário Cívico, de Coelho Netto, como contribuição de "MILITIA" à Campanha Nacional de Alfabetização.

SANTOS DUMONT, dominador do espaço

1.º sgt. *Sílvio Pedroso*

*"Camões cantou as glórias lusas, em terra e nos mares
Não poderia ter cantado as glórias do ar".*

A possibilidade de o homem ascender pelo espaço constituiu, em tempos longínquos, uma preconização do povo grego.

Nas lendas da mitologia grega vem à baila o nome do arquiteto Dédalo, que construiu o labirinto da ilha de Creta, que serviu de habitação ao monstro Minotauro, posteriormente subjugado pela fôrça e audácia de um másculo jovem heleno, de nome Theseu, que deveria desposar Ariadna.

Dédalo foi prêso e, na situação de recluso no próprio labirinto que construira, idealizou um plano de fuga: atrelou possantes asas de cêra aos seus braços e alçou vôo, levando como companheiro seu filho Ícaro.

Foi talvez infeliz em sua ousada tentativa e dir-se-á que, por inépcia, subiu muito... aproximou-se de tal maneira do sol que êste, com seus raios causticantes, fez derreter a cêra, caindo ambos em alto mar!...

Dédalo concebeu um lindo devaneio!

Julio Verne profetizou aquele sonho!

Alberto dos Santos Dumont, grande inventor brasileiro, transformou em realidade... um sonho e uma profecia!...

Enquanto na terra de Tio Sam tributam-se grandes homenagens a memória de Roberto Fulton, inven-

tor dos barcos a vapor, no Brasil erguemos cânticos de glórias ao imortal Santos Dumont, o aristocrata das grandes alturas.

Ele, o primeiro intemorato do intrincado problema da navegação aérea, o Padre Bortolomeu Lourenço de Gusmão e Augusto Severo, formam a tríade aureolada de dominadores do espaço.

Residiu por longo tempo na Europa, realizando, na França, múltiplas experiências em aerostatos. Finalmente os seus esforços visaram aparelhos mais pesados que o ar — os aeroplanos.

Em 1901, em Paris, ante conspícua assistência, o brasileiro Dumont, apresentava um balão, artifício com que deveria galgar o espaço.

Ocupando o interior do engenho desgarrou-se da terra, ferindo, qual ave altivolante, camadas azulinas do céu francês.

Homens, mulheres e crianças, estuantes de entusiasmo e numa atitude de delírio, acompanhavam com os olhos o grande navegador do espaço.

Ao atingir a Torre Eifel (uma das construções mais altas do mundo, naquela época), fez o aerostato descrever graciosa curva, evidenciando supremo domínio sôbre a máquina.

Centenas de custosos lencinhos eram acionados por níveas mãos de

elegantes damas parisienses, bem como por pessoas representativas da alta roda social de Paris, manifestação altamente honrosa, ao nosso patriótico que, em terras estranhas, elevava o conceito do nosso Brasil.

Santos Dumont fez jús ao prêmio de 100.00 francos.

Dir-se-ia que o cientista não acreditava nas decantadas virtudes mifológicas do dinheiro; com o pensamento voltado para os que o auxiliaram na construção do invento, achou de partilhar equitativamente aquela importância.

Posteriormente, a 23 de outubro de 1906, Santos Dumont empreendia vôo em um aeroplano e, destarte, era coroado de êxito o problema da navegação aérea.

Ante a realização feliz da dirigibilidade dos aerostatos, aliado ao problema dos aeroplanos, foi o imortal brasileiro cognominado "Pai da Aviação".

Façamos agora algumas considerações rápidas em tôrno do inventor brasileiro que, em vida, chegou a afirmar que desejava fôsse o aeroplano empregado como instrumento de aproximação ultra rápida, entre os homens da terra.

E' óbvio positivar que os desejos do cientista não foram cumpridos, posto que a aviação representa hodiernamente um petrecho do Deus Marte.

Até há pouco a aviação foi considerada a 5.^a arma do nosso Exército; depois, passou a constituir um Ministério especial.

Por outro lado, poderosas linhas de navegação aérea, formando densas rêdes, transportam passageiros,

cartas, objetos, cooperando proficuamente para o estreitamento dos povos que palmilham o mundo, isso nos dias radiosos de Paz! . . .

Nos dias lutolentos de guerra e sob as exigências da defesa territorial, a aviação tem prêsa ao seu destino a gloriosa Fôrça Aérea Brasileira, integrada por uma legião de efebos guardas serenos dos céus da Pátria, sintetizada no sacrossanto "auri-verde pendão"! . . .

E à guisa de realce a êste modestíssimo valor, sintamos em comum, caríssimos leitores, os vibrantes versos de um aedo:

*"Cortando o imenso céu de anil,
Ao ronco forte dos motores,
Vencendo o espaço, ei-los garbosos,
Aviadores do Brasil".*

Ovacionados sejam os pioneiros da navegação aérea, representados pela traíde Bartolomeu de Gusmão — Augusto Severo — Alberto dos Santos Dumont. . . dominadores supremos do espaço.



Convite para o amor

Cap. EFRAIM B. LASTEBASSE
(Balada)

E quando o sol, no ocaso, o derradeiro
Beijo de luz espadanar na terra,
E quando o angelus santo do sineiro
De quebrada em quebrada ecoar na serra,

Quando alguma sombria tarde calma
Envolver-te em profundo desconforto,
Quando um pesar lá do íntimo de tua alma
Deixar teu coração vagando absorto

Como si fôsse fora de ti mesma,
Quando porvir mostrar-se duvidoso,
Não tremas ante o sátiro abantesma
Que busca te assustar tão temeroso.

Nessas horas caladas em que a vida
Te parece ser cousa horripilante,
Em que a desilusão te vem, surgida
Do recôndito da alma, e vem pujante,

Afasta todo pensamento mau.
As tuas tardes devem ser alegres,
Mais alegres que alegre e alto sarau
Para que assim também, tôda te integres

Na harmonia total da primavera
Aberta em flor da tua mocidade,
Que escandescientemente reverbera
Esplendores frementes de vaidade.

Vamos amar a vida ansiosamente,
Amar o sol, a estrêla, amar a lua,
Que o sangue moço é um sangue louco e quente,
Que incendeia, fulmina, freme, estua.

Vamos compor à vida as côres excitantes
Que a aurora descompõe em flabelos brilhantes;
Vibrar qual borboleta as asinhas de opalas,
Fugazes, infêrnais, frágeis, fáceis, bacantes,
Nas galas siderais de iluminadas salas.

A fértil luz do sol os campos ensangüenta !
O homem no seu trabalho aquece a ferramenta !
A serpente se estira esguia pela alfombra . . .
O amor a natureza inteira môvimenta,
Quer no calor do asfalto, ou no frescor da sombra.

Tudo se acabará nos tubilhões medonhos
De seqüência feral dos anos enfadonhos;
Ansiemos pelo amor, assim como as ninhadas
Anseiam pelo sol; e seus raios risonhos
Lhes apetercerão as fôrças desmaiadas.

A vida sem amor renega a formosura
Que sòmente nos dão os vezos da loucura.
Mas antes que a mortalha estenda seus lençóis
Gozemos nosso amor, gozemo-lo na altura
Da ardentia febril de palpitantes sóis.

Depois da vida, após um labutar terrível,
Em que o corpo sucumbe — é pó, é desprezível,
Em que a gente se agita em contínuo labor,
— Sòmente a lousa fria, é a sina imprescriptível . . .
Por que não hás de amar ? Vivamos para o amor !

Do amor nasceu a lua, e líbida deslumbra.
A sua claridade, à alma do amante, obumbra
A luz descomunal do majestoso sol;
Aos corações sensuais a sua luz alumbra
E escalda, e inspira, e funde a todos num crisol.

Ama ! Que a natureza inteira numa festa
Tôda hora se engrinalda e amores manifesta !
A passarada canta a ventura em harpejos,
Que arfam a voz da fonte, as tardes na floresta,
E o esfolhar dos florões, desfolhando-se em beijos.

OFERTÓRIO

Entre beijos viceja o verdor das campinas,
Entre beijos sutis desabrocham boninas,
Entre beijos de amor se edifica o universo,
Entre beijos sorriem as flores divinas,
E num beijo divino eu te oferto êste verso.

SEARA ALHEIA...

POLÍCIA ACADÊMICA

por *Cliford Hicks*

(trad. do cap. *Brasilino Antunes Proença*)

Desde 1936, a Escola de Trânsito da Universidade Northwestern, em Illinois, E.U., já matriculou cêrca de 1.700 alunos, todos policiais oriundos das diferentes regiões do país, para ensinar-lhes os pontos críticos das leis do trânsito. Sem dúvida não é mera coincidência que o número de mortos no país, para cada 100 milhões de quilômetros percorridos em automóvel, se tenha reduzido em mais da metade, desde 1936.

Os próprios professores de faculdade se negam a sugerir que essa assombrosa redução se deva exclusivamente ao trabalho da referida escola. Entretanto, durante os últimos doze anos, aqueles 1.700 policiais, saturados de conhecimentos sôbre acidentes e a forma de evitá-los, assumiram posições chaves nas forças policiais encarregadas do trânsito, em todo o país. Outra organização, a Divisão de Trânsito da Associação Internacional de Chefes de Polícia, experimentou a imposição de leis de trânsito em 60 cidades, municípios e estados, fazendo recomendações que naturalmente ocasionaram grandes reduções no número de acidentes.

O sr. Franklin M. Kreml, diretor das duas instituições, crê que, se um funcionário pode descobrir as causas de uma colisão e eliminá-las,

não se repetirão acidentes semelhantes. A escola se dedica a produzir agentes de polícia bem preparados, que possam reduzir os acidentes, eliminando, a tempo, as causas que os produzem.

E' lógico que uma única instituição não pode ensinar a todos os policiais do país como aplicar a ciência ao seu trabalho. Por isso, Kreml e seus colaboradores estão organizando uma rede de indivíduos bem treinados para abranger todo o país. Sômente os policiais que ocupam posições de responsabilidade, ou que breve passarão a ocupá-las, são aceitos como alunos, tendo como base a idéia de que os conhecimentos inculcados a êsses indivíduos se transmitirão oportunamente a todo agente de trânsito urbano ou de estrada. Já foram diplomados funcionários de todos os E.U., Panamá, Canadá, Filipinas, Pôrto Rico, México e China, que atualmente desenvolvem e dirigem, em seus territórios respectivos, programas científicos de controle do trânsito.

Os alunos, embora sejam de hierarquia, são também patrulhadores experimentados. Muitos deles já serviram 15 anos como patrulhadores em motocicletas ou automóveis. Já sabiam como dirigir o trânsito, de modo que os instrutores concentram

o adestramento em programas de grande alcance, destinados a reduzir acidentes. Parte do programa da escola consiste em investigações básicas sobre os problemas de trânsito. Da Diretoria de Estradas de Rodagem dos E.U. e outras instituições interessadas provêm os recursos para os projetos em estudo.

O sr. James S. Baker, diretor de pesquisas, tem em projeto um "agente de trânsito automático" que será capaz de denunciar qualquer automobilista que conduza seu carro com velocidade excessiva em zona perigosa. O coração do instrumento será um dispositivo de radar que determinará a velocidade do automóvel. Este radar está combinado com uma câmara fotográfica e uma luz estroboscópica. O instrumento focalizará um pedaço de estrada. Cada auto que passe por ali, se colocará

dentro do campo abrangido pelo radar, cujas ondas são refletidas pelo veículo e retornam ao instrumento com uma velocidade proporcional à velocidade do automóvel. Quando esta excede o limite máximo, o radar põe em funcionamento o obturador da câmara e uma luz. A câmara tira uma fotografia da parte trazeira do carro, em que aparece claramente o número da licença do mesmo. Ao lado da chapa aparece fotografado um velocímetro e um relógio que marca as 24 horas do dia. Depois de tirar o instantâneo, a câmara enrola automaticamente o filme e fica pronta para a próxima exposição.

No fim de cada 24 horas, retira-se o filme e, depois de revelado, teremos uma fotografia de todos os carros que passaram com velocidade excessiva, o número da chapa, bem

Sociedade Comercial de Tecidos

ARGUISO LTDA.

FORNECEDORES DA FÔRÇA PUBLICA,
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144 — Caixa Postal, 4062
Fone 6-2397 — End. Teleg. "ARGUISO" — SÃO PAULO

como a velocidade desenvolvida e a hora de infração. O infrator recebe pelo correio o bilhete de multa e nada pode alegar, porque a fotografia é a prova irrefutável da transgressão.

Baker compreende que as pessoas inconscientes, que invariavelmente violam as leis do trânsito, se oporão contra o uso do instrumento, alegando que é um trabalho de espionagem contra os motoristas. Mas iguais protestos houve quando se instituíram os faróis de trânsito e os medidores para estacionamento, mas hoje todos os motoristas (?) os aprovam. Um "policia mecânico", como o descrito, não poderá ser subornado pelo infrator que queira comprar seu silêncio com uma gorgeta. Um patrulhador (guarda rodoviário), com oito dessas máquinas, pode substituir a oito policiais, e ao mesmo número de carros de patrulha.

Cêrca de trinta funcionários da polícia assistem a cada curso, cuja duração média é de 4 meses e meio. A 16 deles são conferidos subsídios que compensam todos seus gastos. A maioria dos restantes recebem algumas aulas gratuitamente e todos recebem seus vencimentos regulares durante o curso, pelas próprias organizações de origem. Êsses indivíduos selecionados assistem a 39 horas de aulas por semana e seus estudos fora das aulas regulares excedem a trinta horas, o que constitui um trabalho semanal sumamente árduo.

Os instrutores lhes dão conhecimentos sôbre temas especiais, tais como a investigação e fotografia de acidentes, como apresentar o caso

perante o juiz, etc. Aprendem também a empregar instrumentos científicos apropriados. Tomemos, como exemplo, o "alcoólímetro", aparelho que determina o conteúdo de álcool no sangue do indivíduo. Para isso basta com que o ator de um acidente encha um balão de borracha soprando normalmente, e o ar nele contido, depois de uma série de reações, dará uma indicação exata do álcool que o organismo absorveu.

O aluno, depois de haver "digerido" livros, conferências e dissertações durante as 3/4 partes do curso, é comissionado para pesquisar o controle do trânsito de uma localidade de tamanho semelhante ao de seu território. Durante uma semana o aluno-policia experimenta e verifica os vários pontos do trânsito nessa localidade, trabalhando em cooperação com todo o mundo, desde o prefeito até o policia do trânsito estacionado no cruzamento de ruas. Ao voltar à escola, é obrigado a entregar um relatório detalhado por escrito do plano de ação de policia de trânsito. Êste relatório não é apenas descritivo do que tenha visto, mas também uma apreciação do que se pode fazer para aumentar a segurança em geral nessa localidade, mediante uma imposição inteligente das leis do trânsito.

E' possível que parte dos conhecimentos ministrados a cada policia que assiste o curso represente certa economia para os contribuintes de sua própria localidade, quando êle volte para suas funções. Por exemplo, dá-se especial importância à necessidade de selecionar os pontos de vigilância. Os instrutores explicam essa técnica assinalando que os aci-

Um bom terreno

em prestações ?

PARQUE NOVO MUNDO

SITUADO NO FIM DA RUA SÃO FELIPE

TRAVESSA DA CELSO GARCIA

————— Informações no local e à rua João Bricola, 39 —————

————— Registro n.º 46 —————

dentes podem se produzir conforme um padrão definido. Pode acontecer que se produzam choques frequentemente em determinada esquina, entre as 5 e 6 horas da tarde. Outra zona pode revelar-se como perigosa entre as 8 e 9 da manhã. Tôdas as duas exigem, em determinado momento, a atenção especial da polícia de trânsito, apesar de que, durante o resto do dia, sejam tão calmas como qualquer outra. A confecção de um padrão geral de tais acidentes, que compreenda tôda a localidade, cidade ou município, inteiro, destacando as zonas perigosas, permitiria à Diretoria de Trânsito, em muitos casos, reduzir o pessoal sem diminuir a eficiência.

As facilidades modernas para o treinamento facilitam ao aluno a resolução dos problemas do trânsito.

Em uma das salas de aula há um quadro negro imantado que atrai e prende pequenos modelos de carros, para que o instrutor possa fazer rapidamente uma exposição gráfica do problema em discussão. Mediante demonstrações feitas com registradores de som, os alunos recebem uma exposição prática das declarações de testemunhas em tudo quanto seja novidade, como a verificação da velocidade pela distância exigida para freiar, o emprêgo de transmissores portáteis para emergências, e os últimos progressos em equipamentos mecânicos e elétricos.

Paralelamente com êsse curso de 4 1/2 meses, o Instituto também oferece um curso básico em leis de trânsito que dura somente 3 semanas, patrocina cursos regionais em vários pontos do país, cursos para

juizes e fiscais para os tribunais de trânsito, e um curso para inspetores de grandes linhas de caminhões e ônibus. Além disso, a escola publica informações sobre as leis, mantém uma filмотeca relacionada com o trânsito e ajuda seus ex-alunos mediante um serviço de consultores. Este serviço é desempenhado por pessoas que são enviadas para a localidade onde o policial tem jurisdição, e o ajudam a pôr em prática o que aprendeu no Instituto.

Cada ano, ao efetuar-se o concurso para fotografias policiais, são submetidos ao Instituto centenas de fotografias tomadas por agentes policiais, durante suas funções. No concurso do ano passado, uma fotografia revelou uma impressão digital feita com batom sobre um automóvel, a qual, ao ser comparada com sinais de batom na vítima de um acidente no qual o motorista fugiu, permitiu a condenação deste.

As facilidades para estes cursos são muito limitadas e não permitem matricular todos os funcionários que se interessam por eles. Conta-se o caso de um jovem que, depois de fazer uma visita ao Instituto, se entusiasmou tanto que quis fazer sua matrícula imediatamente. Infelizmente não era um funcionário da polícia e nem pertencera, em tempo algum, a uma força policial, de modo que seu pedido foi recusado. Poucos dias mais tarde telefonou de sua localidade (um lugarejo de algumas centenas de habitantes) declarando que havia persuadido as autoridades locais para que o nomeassem investigador. Em consequência disso, o diretor o aceitou como aluno, baseando-se em que um indivíduo de tanta iniciativa poderia chegar a ser um elemento valioso na resolução dos problemas futuros de trânsito.

"Popular Mechanics Magazine",
vol. 90, n.º 1).

Companhia Farmacêutica Brasileira Vicente Amato Sobrinho S. A.

ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

— MATRIZ: Praça da Liberdade, 91 — SÃO PAULO —

— FILIAL e Depósito em todos os ESTADOS —

Entre recrutas

- Tenho vontade de dizer ao sargento, outra vez, que não me amole.
- Porque outra vez ?
- Já ontem tive vontade de lhe dizer...

F A V E L A

Ten. Felix de Barros Morgado

Entardece e aos poucos a paisagem vai perdendo a nitidês, tomada pelas sombras do crepúsculo lento, mas inexorável. "Paira no ar um doloroso, caricioso...", o beijo da noite.

Pelo céu sereno pássaros em demanda do pouso.

A favela prepara-se para adormecer.

Casinholas feiudas e sujas emergem dos tufos de folhagem que o crepúsculo já pincelou com tinta azul-vermelha.

No ar, um odôr de folhas pisadas. Escurece mais e mais.

À porta e às janelas das casas aparecem vultos curiosos. Negros velhos com o *queixo coberto de fios alvos*, sentados pelos barrancos, espreitam.

Lá no fim da ladeira vem a folia do Divino fazendo algazarra. Do berreiro religioso escapam notas desafinadas dum violino.

Todo o povo da favela vem à rua: negros e negras decrépitas, com a pele murcha dependurada nos ossos da cara, cafusas de cabelo pichaim cheias de seios e nádegas, negrinhas sapecas mostrando a dentadura alva e forte, molecotes com as canelas "brancas" de sujeira, mulatos truncudos e arrogantes.

E quando a folia passa, os que não vão engrossar o acompanhamento, limitam-se a murmurar suas rezas, que mais parecem a melopéia sensual dum jongueiro.

O barulho da folia do Divino vai longe. O povinho do morro desapparece pela porta dos casebres.

Na venda há gente a engulir martelos de cachaça.

— Toma Leôncio?

— Ah! essa é da bôa! e o Tio Chico morde as beicarras queimadas pela pinga.

Já é noite. A lua tarda a sair. Na rua há escuridão.

Na venda um negro dedilha uma viola e canta uma cantiga dolente:

"As águas descem, buscando o mar, Rio choroso vai repousar."

Longe, n'alguma casa talvez, alguém toca uma sanfona.

No escuro da rua há vultos, sombras: gente suada que volta do trabalho.

O céu está salpicado de miríade de estrelas piscantes e u'a mancha fosforecente se estende pelo firmamento.

A favela vai adormecendo pouco a pouco.

Esvasiou-se a venda.

Um magote de desordeiros bate-boca num bêco próximo.

— Tá arripiando p'ro meu lado, nêgo atôa?

Já é madrugada. Há uma lua pregada bem no alto do céu. Sua luz leitosa se espalha sôbre a favela. Projetam-se sombras fantásticas. Almas do-outro-mundo. "Crêdo!".

Tudo é quietude agora e o último notívago já partiu para casa.

O morro dorme dentro dum silêncio entrecortado de ruidos abafados e estranhos.

Distante, muito distante, geme uma sanfona.

Guerreiros de Marte e o --- --- general Moyalewski

Centurinha

Há meses atrás os jornais de todo o mundo noticiaram o aparecimento de discos voadores que começaram passando sôbre a Noruega e acabaram caindo sôbre vários países. Houve, mesmo, uma fortaleza-voadora, cuja equipagem conseguiu perseguir um deles, até vê-lo explodir.

Os cientistas do mundo inteiro, estudando o assunto, acreditaram que se tratava de uma espécie de V.2 em processo de experiência, propelida por novos processos de auto-deslocamento, inclusive por um giroscópio de novo tipo, revestido de uma substância recém-descoberta, capaz, pelo seu anti-magnetismo, de anular a gravidade e permanecer no espaço, flutuando como os cílios de uma penugem solta por um garoto.

A princípio houve quem atribuísse o envio experimental desses perigosos veículos de morte em massa, à Rússia, a qual visava calcular o seu raio de ação e, uma vez alcançados todos os pontos do globo, como de fato se deu, tais experiências cessariam, visto que foram consideradas satisfatórias. De fato, ninguém mais fala nos tais discos voadores.

Entretanto, não faz muito, um jornal do vizinho Estado do Paraná, em sensacional reportagem, relatou que no norte do Estado, na zona de Londrina, um jovem agricultor japonês chegou à cidade, resfolegante e apavorado, contando que viu, sôbre as

suas plantações de batatinha, descer um balão prateado, do qual haviam saído dois homens e duas mulheres vestidos exôticamente e com a cabeça enterrada em uma imensa campânula transparente, que deixava ver uma fisionomia esquisita tártaro-mongólica, de onde saltavam uns olhos grandes e tremendamente abertos. Eram muito altos e esguios os tais tripulantes.

Nem bem saíram do balão prateado, por uma de suas portas, um deles ficou de guarda, enquanto outros três se dirigiram ao nipônico, pedindo-lhe, por sinais, que se aproximasse.

O jovem japonês, um incorrigível ledor de gibis atômicos, em língua oriental, compreendeu tudo, imaginou-os habitantes de Marte, e pôs-se a correr doidamente, só parando na porta de sua casa.

Para completar êsses dois quadros, li, há pouco, que o general polonês Moyalewski havia declarado que é bem possível que ainda os Estados Unidos e a União Soviética venham a se colocar ombro a ombro contra uma invasão cósmica dos exércitos de Marte.

Admitindo-se, muito razoavelmente, que os marcianos estão mais adiantados do que nós — e os seus canais vistos da Terra o comprovam — podemos concluir que em Marte de há muito já se conhece o segrê-

do, não só da energia atômica, como da energia cósmica, que é, por assim dizer, uma variante da primeira.

Si isso se der e verificar-se que os discos voadores vieram de lá, o planeta Terra poderá ser, de um momento para outro, envolvido em fogo. A não ser que lhes interesse vir colonizar a Terra e dominá-la como conquistadores. Nesse caso, talvez, a guerra não será tão incendiária, porque do contrário, que seria feito da matéria prima para a construção do império, dessa matéria prima que, paradoxalmente, seria a própria mão de obra escrava?

Muito bem. Posso afirmar que o general Moyalewski não se chama Moyalewski, não é general, nem polaco e nem reside em Niterói, mas que eu li a notícia nos jornais, lá isso eu li mesmo.

Como, todavia, é bom a gente se prevenir contra eventualidades dessa ordem, julgo que poderíamos desde já ir cogitando da criação de uma disciplina que poderia ser denominada de "tática inter-planetária", para cuja regência parece não seria difícil arranjar professores, já que há por aí muitos mestres familiarizados com as questões estratosféricas.

Usina COLOMBINA Limitada

Rua Silveira Martins n.º 195 — 1.º andar — Tels. 2-1524 e 3-6934

Caixa Postal 1469

SÃO PAULO

Mantém em estoque: PENICILINA e STREPTOMICINA

Fabricante do LANÇA PERFUME «COLOMBINA»

Produtos Químicos e Farmacêuticos

Sais Puros e Ácidos Comerciais e para Análise

* * *

Essa, é outra história...

Em 32, um voluntário licenciado entrou numa das "Casas do Soldado" mantidas pelo povo paulista, sendo ali atendido por uma solteirona.

— "Alô beleza!" — disse-lhe o voluntário.

— "Já sei porque você está dizendo isso. — E' que passei duas horas num salão de beleza". E o combatente replicou:

— "Não. Foi porque "eu" passei dois meses na trincheira".

NOTICÁRIO

Aniversário do Regimento de Cavalaria

No dia 11 de outubro comemorou-se o 56.º aniversário da criação do Regimento de Cavalaria, unidade de escol, que tantas glórias tem conquistado para a Fôrça Pública, para o Estado de São Paulo e para o Brasil.

Sua origem remonta à própria fundação da Fôrça Pública, em 1831, quando na lei orgânica que a criava, estava incluído também um pelotão

de Cavalaria; comemorando-se, pois, no dia 11 de outubro a sua elevação a Corpo de Cavalaria, posteriormente Regimento de Cavalaria. Tomou parte destacada em todos os acontecimentos de vulto ocorridos no país; assim, vamos encontrá-lo, juntamente com outros elementos da Milícia, pelejando contra Rosas, na guerra do Paraguai (na célebre



O Regimento de Cavalaria, em continência à bandeira Nacional.



O vencedor da "Prova São Paulo", num belo salto.

retirada da Laguna), no infeliz mal entendido do Contestado, em 1924, como a *célula mater* das aspirações paulistas, em 1930 e 1932, como o baluarte do sul do Estado. Dentre os seus oficiais foi escolhida a maior parte dos oficiais que foram as primeiras asas militares do Brasil.

De suas fileiras saíram estrelas que constituíram uma constelação que serve de guia perene aos jovens oficiais, tais como o gen. Júlio Marcondes Salgado, consagrado como o campeão de todos os paulistas de 32; o gen. Miguel Costa, o mais ilustre de seus soldados; o cel. Arlindo de Oliveira, a bravura em pessoa; o cel. Otaviano G. da Silveira, êsse organizador de pulso; o cap. Rocha Marques, modelo de virtudes militares e civis e muitos outros nomes, que devido à sua quantidade, difícil

se torna alinhar nos exíguos limites de uma crônica.

Mas, nem só derramando o sangue em prol de ideais e em defesa da terra, souberam seus cavaleiros impor-se à admiração pública. Também no campo dos esportes seus componentes sempre arrancaram exclamações de espanto e palavras elogiosas, pelo arrôjo e garbo de seus ginetes.

O seu atual cmt., ten. cel. Thales Prado Marcondes, é soldado da velha guarda, digno êmulo de seus antepassados no comando da unidade e, comemorando a passagem natalícia de seu querido Regimento, tudo empenhou para que a mesma fosse assinalada condignamente.

Após o hasteamento da Bandeira, às 8 horas, perante o Regimento formado em linha de 3 fileiras, no pátio

do quartel, as autoridades presentes passaram para a sacada que dá para a rua Jorge Miranda, de onde assistiram ao desfile da tropa.

Sobre o significado do dia falou o 1.º ten. Felix de Barros Morgado, que lembrou os inúmeros companheiros tombados no cumprimento do dever, concitando os seus atuais soldados e oficiais a manterem sempre bem alto e respeitado, o valoroso nome do Corpo de Cavalaria.

A parte esportiva, organizada com esmero, constou de provas para soldados, cabos, sargentos e oficiais.

No "Jôgo das Rosas", saiu vencedor o sd. Antonio Lourenço de Araujo e na prova "Corrida das Cabeças", os cabos Antonio Mourão e Henrique Garcia.

A "Prova São Paulo", na qual se inscreveram 9 sargentos do R.C. e C.I.M., constou de um percurso de

10 obstáculos, da altura máxima de 1m,20 e a largura máxima de 1m,10, teve um belo desenrolar. Classificaram-se: em 1.º lugar — 1.º sgt. João Mendes, montando *Corcovado*; em 2.º e 3.º lugares, respectivamente, no desempate, os 1.º sgt. Severino Alves Cordeiro, montando *Chico Preto* e Manoel Longo da Silva, montando *Rapadura*.

O 2.º sgt. Benedito Tavares montando "*Bolinha*", recebeu um prêmio extra, por haver conseguido classificar-se com sua própria montada.

A "Prova Brasil", organizada para oficiais do R.C. e C.I.M., constou de um percurso de 10 obstáculos, com barragem obrigatória, de altura máxima de 1m,30 e largura máxima de 1m,20. Nela se inscreveram 19 cavaleiros, tendo se classificado em 1.º lugar o 1.º ten. Paulo Afonso da Fonseca Pires, montando *Cacique I*; e, no



Exmas. famílias presentes à solenidade



O ten. cel. Tales Prado Marcondes, entre os vencedores, no salão de honra do R.C.

desempate, em 2.º lugar, o 2.º ten. Tancredo Colaço, montando *Gurí* e em 3.º lugar o 1.º ten. Felix de Barros Morgado, montando *Farrapo*.

Terminada a parte esportiva, no salão de recepções do Regimento foi

procedida a entrega dos prêmios aos vencedores, sendo em seguida, servido às autoridades e convidados, um "cock-tail".

Damos, das solenidades, alguns expressivos aspéctos.

Aniversário do Batalhão de Guardas

A 1.º de setembro o simpático e garboso Batalhão de Guardas, comemorou seu 12.º aniversário. Festejando a efeméride o comandante do Corpo, ten. cel. Pedro Francisco Ribeiro Filho, organizou e fez executar o seguinte programa:

Alvorada, às 5,30 hs.; às 8,00 hs., hasteamento da Bandeira Nacional, seguido da leitura do Bole-

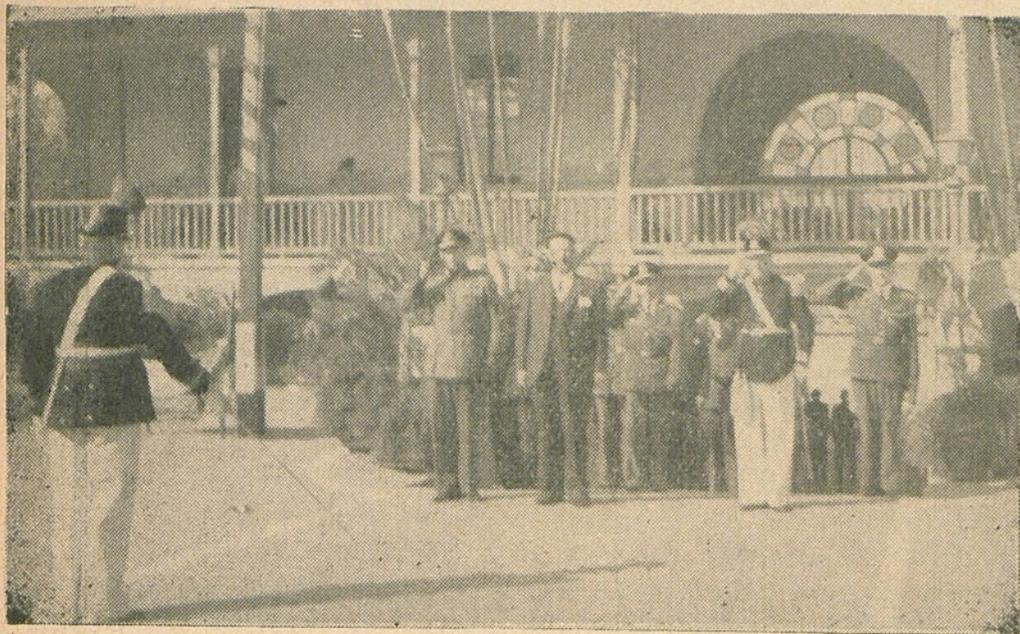
tim Comemorativo, e da canção *Esbelto Infante*, cantada pela tropa. Às 9 hs. teve início a parte recreativa a cargo da tropa: "Cabo de Guerra"; montagem e desmontagem de F.M.M.; e exercícios de vivacidade.

Foram distribuídos prêmios aos vencedores. Em cumprimento ao

que prescreve o R. Cont., foi inaugurada, na Galeria dos Ex-Combatentes, o retrato do ten. cel. Benedito de Castro Oliveira.

O senhor Governador do Estado, dr. Adhemar de Barros, esteve

presente às solenidades. Uma companhia, em uniforme de gala, prestou a continência do estilo. Damos acima um flagrante da chegada de s. excia. ao pátio do quartel do Batalhão de Guardas.



S. excia., o Governador do Estado, chegando ao quartel do B.G.

Centro Social dos Sargentos

XV ANIVERSÁRIO

O Centro Social dos Sargentos, comemorou brilhantemente, cumprindo um interessante programa, a passagem de mais um aniversário de sua fundação. Completando 15 anos de vida inteiramente dedicada aos interesses dos Sargentos da nossa Força Pública, no dia 20 de outubro, o Centro nos deu a certeza de que trilhará, pelos tempos em fora, o caminho reto das boas causas. As comemorações, que se prolongaram

pela SEMANA DE ANIVERSÁRIO DO CENTRO, tiveram início no dia 17, terminando, com sessão solene, no dia 23.

Abrindo a série de festividades, tivemos, no dia 17, na Sala de Armas do Clube de Regatas Tietê, a disputa das eliminatórias do "Torneio de Sabre entre Mestres de Armas do Estado". As provas finais foram realizadas no dia 20, saindo vencedores:

1.º lugar - sgt. ajte. José Bonifácio N. de Carvalho - E.E.F.;

2.º lugar - 1.º sgt. Carlos Santini - C.I.M.;

3.º lugar - 2.º sgt. Ari de Castro Pacheco - C.B.

Dia 18, em sua sede social, foram levadas a efeito as partidas eliminatórias do "Torneio de Xadrez", superintendido pelo sub-ten. Jorge Eloi de Melo.

Proseguiu êsse torneio até o dia 22. Foram vencedores:

1.º lugar - sgt. Júlio de Almeida Carvalho - C.I.M.;

2.º lugar - sub-ten. Jorge Eloi de Melo - R.C.;

3.º lugar - sgt. Januário di Martino - S.I.

Na sede do Centro, dia 20, realizou-se o "Concurso de Robustez Infantil", entre filhos de associados.

A classificação final foi a seguinte:

Categoria de 6 meses a 1 ano

1.º lugar - Rosaclara de Camargo - filha do sgt. Afro Batista de Camargo.

2.º lugar - José Mariano de Arruda Filho - do sgt. José Mariano de Arruda.

3.º lugar - Oduvaldo de Vasconcelos - filho de sgt. Valdir de Vasconcelos.



Um aspecto da solenidade, quando discursava o presidente do C.S.S., sub-ten. José Cerchiai. À mesa o cel. Eleutherio Brum Ferlich, ladeado pelos ceis. Odilon Aquino de Oliveira, chefe do E.M. e José Hipólito Trigueirinho, presidente do Clube Militar da Fôrça.

Categoria de 1 a 3 anos

1.º lugar - Isa de Vasconcelos - filha do sgt. Valdir Vasconcelos.

2.º lugar - Iara de Araujo - filha do sgt. Lauro Napoleão de Araujo.

3.º lugar - Antonio Siqueira Ramos - filho de sgt. Manoel Siqueira Ramos.

Ainda nesse dia, às 20 horas, foi feita a classificação, pela Diretoria, do melhor trabalho sobre o tema "*O que representa o Centro Social dos Sargentos na Força Pública e no mundo civil*". O sub-ten. João Mário Czerwinka, do C. I. M., obteve o prêmio.

No dia 23, com a presença da exma. sra. da. Leonor Mendes de Barros, do exmo. sr. cel Eleutherio Brum Ferlich, Cmt. Geral da Força Pública, cel. Odilon Aquino de Oliveira, Chefe do E. M. e mais autoridades, foi levada a efeito na sede social do Centro a sessão solene do encerramento das festividades. Falaram sobre a data os exmo. sr. cel. Ferlich, sub-ten. José Cerchiai, Presidente do C. S. S., e sub-ten. Carlos Knoll Junior, orador oficial. Em seguida, um baile bastante animado se prolongou até altas horas da madrugada.

* * *

Dado o indiscutível valor da obra sócio-cultural que o Centro Social dos Sargentos vem desenvolvendo, desde há muito, no seio da classe — e que vem repercutindo de forma admirável no meio civil — "*MILITIA*" se vê na obrigação de, homenageando-o, traçar um estudo sucinto da sua trajetória. Assim é que, ante a exiguidade de espaço, vamos inserir tópicos da volumosa e brilhante ora-

ção proferida pelo sub-ten. Carlos Knoll Jr., na sessão de encerramento.

"Não é a primeira vez que sou gentilmente distinguido; por diretores deste Centro, para fazer uso da palavra em solenidades como esta. Confesso, entretanto, que como das vezes anteriores, me aproximei deste microfone sentindo flutuar em meu espírito uma leve perturbação; em parte por ter que me desobrigar de um encargo bastante pesado para as minhas possibilidades intelectuais, mas, principalmente, por vislumbrar no cenário que me cerca, a presença de pessoas as mais representativas do mundo oficial e social da nossa terra. Mercê de Deus, porém, por mais curioso que pareça, ao espriar as vistas por sobre este auditório, senti-me inopinadamente refeito dessa desarticulação que há pouco me conturbava. É que desses olhares que para mim convergem, parece ter vindo através da telepatia, uma onda de encorajamento e estímulo. A comemoração de mais um aniversário do nosso Centro Social à cuja frente se encontra essa distinta Diretoria liderada pelo meu colega José Cerchiai, esse sub-ten. da nova geração, e que é um dos ornamentos do nosso círculo, não é, como à primeira vista se poderá supor, um fato trivialíssimo; para nós, principalmente, sub-tenentes e sargentos, é um acontecimento sugestivo e de significação excepcional, agradável; é, ainda, uma demonstração irrefutável da nossa coesão, da nossa disciplina e da nossa sociabilidade...". "Grande parte dos nossos atuais associados, notadamente os sargentos novos e os escreventes, desconhece a trajetória do

Centro nesses três lustros da sua existência; especialmente os pródromos da sua organização, e as vicissitudes que experimentaram os seus diretores, inclusive o orador que está com a palavra que, sem receio de contestação, pôde reivindicar para si a honra de ter enfrentado e superado



A nova diretoria ouvindo o sr. cel. Eleutherio Brum Ferlich. Na mesa que presidia a sessão, vê-se a primeira dama paulista, D.ª Leonor Mendes de Barros.

a maior crise de tōda a sua história...".

"Antes da criação do nosso Centro existia a Liga de Esportes da Fôrça Pública. Como rebento dessa associação nasceu primeiramente o C.S.O., hoje Clube Militar, e, posteriormente, em outubro de 1933, o Centro Social dos Sargentos. Naquela época todos os militares, indistintamente, a começar do soldado, descontavam u'a mensalidade para a Liga de Esportes que, por seu turno, recebia também do Estado uma subvenção sob o título "Estímulo à Educação Física". Do total do tōdas essas importâncias, 20% eram destinados ao C.S.O. e 10% ao C.S.S., sendo que êste recebia ainda a mensalidade dos seus associados, na importância de Cr. \$ 3,00. Foi pois, com êsses recursos, e patrocinada pelos exmos. srs. coroneis Alkin-

dar Pires Ferreira e Virgílio dos Santos, Comandante Geral e Presidente da Liga, respectivamente, bem como pelo saudoso major Rômulo Rezend, que se fundou a nossa associação. A sua primeira Diretoria, provisória, foi presidida pelo 1.º sargento Túlio Melo de Oliveira. Pouco depois essa Diretoria, que se desdobrou afim de aumentar ao máximo o número de associados, instalou, na avenida Tiradentes, uma pequena sede social. A Liga, num gesto gentil, ofereceu gratuitamente aos sargentos o respectivo mobiliário.

"Eleita a 1.ª Diretoria em fins de 1934, continuou na presidência o sargento Túlio, com atuação eficiente; pouco depois, porém, adoecendo, teve que se retirar para o interior do Estado, em tratamento de saúde. Como contratempo ainda, por deixarem de ser obrigatórios os descontos

para a Liga e, conseqüentemente, para os dois Centros, isso em maio de 1935, uma generalizada crise atingiu essas associações. Em novembro desse ano fui eleito presidente e empossado logo depois. Qual porém não foi a nossa decepção ao vermos que o último balancete consignava um saldo de Cr. \$ 900,00, ao mesmo tempo que nos eram apresentados documentos na importância de Cr. \$ 1.150,00, dívida da Diretoria anterior para com a Liga.

Iniciámos a nossa gestão, como se conclui, com um "deficit" de Cr. \$ 250,00 além de Cr. \$ 600,00, referentes ao pagamento de aluguel do prédio, água e luz. . . ."

"Não obstante a aflitiva situação em que nos debatíamos, não esmorecemos".

E o orador prossegue, descrevendo com arte as peripécias da sociedade incipiente. Relata-nos o gesto nobilitante do tesoureiro de então, subten. Virgílio Moreira que, adiantando ao Centro uma determinada importância, dá oportunidade para que o C.S.S. leve a efeito uma grande festa nos salões do Clube Atlético Pinheiros.

"Foi, pois, nessa noite memorável, que jogamos o destino do Centro Social dos Sargentos. De posse da palavra, fiz um veemente apêlo aos meus pares da Fôrça; disse-lhes que estava periclitando a nossa capacidade de organização; que devíamos mostrar não constituirmos uma coletividade inexpressiva e amorfa. Convidando-os, em seguida, a que se dirigissem a uma sala contígua, onde os aguardava alguns diretores, conseguimos em poucas horas mais de 300 adesões. . . ."

"Decorridos apenas alguns dias, fui chamado ao Q.G. pelo exmo. sr.

general Edgard do Amaral, então Chefe do E.M., que me transmitiu uma ordem telefônica do exmo. sr. general Milton, vinda do Rio, no sentido de que providenciássemos uma grandiosa festa para 400 sargentos da Escola das Armas e do Batalhão de Guardas. Diligenciando com presteza, conseguimos o salão mais belo que possuía São Paulo — o Palácio Taíandaba — onde o Centro Social apresentou à sociedade a mais imponente e bela festa de toda a sua existência. . . .". "Pouco depois nos coube homenagear os nossos colegas do Batalhão Naval". "Ainda nesse mesmo ano, graças ao general Milton, nos foi concedida uma subvenção do Estado que, indiscutivelmente, passou a ser o fator decisivo da estabilidade do nosso Centro. Reeito em novembro daquele ano por quase unanimidade, resolvi levar a efeito, em definitivo, a resolução de nos desvencilharmos da pequena sede que, pelo seu tamanho, não nos permitia organizar quaisquer festas; como, porém, nos obrigava o contrato a indenizar à sua proprietária na importância de Cr. \$ 5.000,00, conseguimos mais uma vez o auxílio do exmo. sr. general Milton. Foi por ele determinado que se instalasse ali a Biblioteca da Fôrça, ficando a transferência do contrato a cargo do sr. ten. cel. Custódio Rodrigues de Moraes, então capitão do S.I.".

"Nessa época, dirigimos uma carta ao então Prefeito, sr. dr. Fábio Prado, focalizando a possibilidade de doação de um terreno. Várias vezes fomos à Prefeitura, com êsse objetivo, de onde retornávamos com várias promessas. . . ."

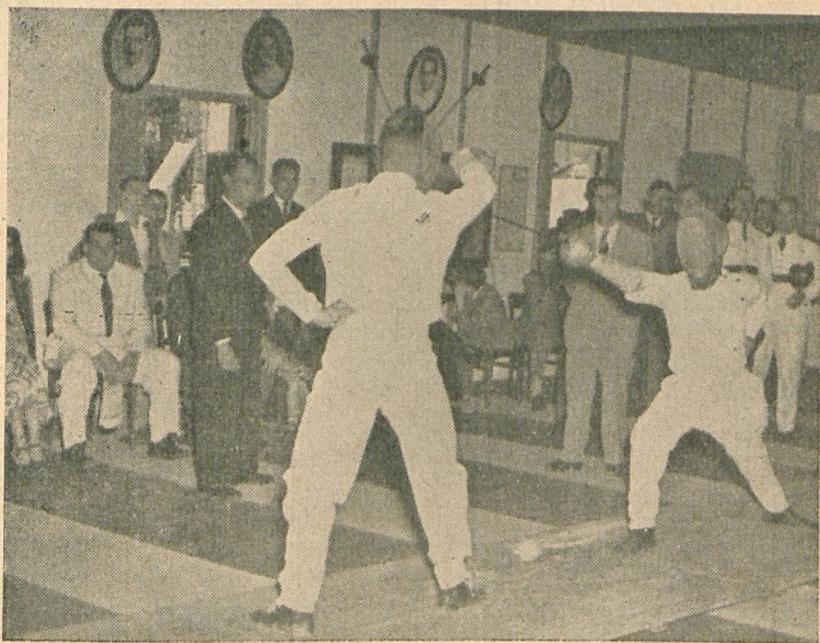
"Deixei a presidência do Centro depois de 15 meses de gestão. Recebendo-a com um "deficit" de Cr. . . ."

250,00, entreguei-a com quase Cr. \$ 10.000,00, no cofre e sem um real de dívida. Foi com essas economias que o meu sucessor, pouco depois, se instalou nesta sede, comprando piano e mais objetos”.

Procurando de maneira incisiva provar o grau de amizade e simpatia que sempre dedicou ao Centro

venho acusar sua carta de 20 de março último.

Fico-lhe muito grato pela gentileza de seus votos de boas-vindas a São Paulo e pelas referências bondosas que fez à minha atuação, quando tive o privilégio de comandar a benemérita Fôrça Pública de São Paulo.



Flagrante de um assalto de sabre entre dois atiradores da E.E.F., tomados durante o "Torneio de Sabre de Mestre d'armas" do Estado, realizado no C.S.S. da Fôrça Pública.

Social dos Sargentos, o exmo. sr. general Milton de Freitas Almeida, o orador leu a seguinte carta, escrita de próprio punho:

‘São Paulo, 31 de maio de 1946.

Presado sub-tenente Knoll:

A longa convalescença do grave acidente que sofri, agravada por uma inesperada recaída, da qual ainda não me refiz, explicam o atraso com que

Recordo-me sempre com reconhecimento do apôio sincero e desinteressado que recebi dos dignos sargentos e sub-tenentes da F.P. e da satisfação que eu e minha senhora tínhamos em testemunhar o seu alto espírito de sociabilidade, através do C.S.S., então sob sua esforçada presidência. Fazendo votos para que o tradicional espírito de disciplina e a bem orientada coesão dos qua-

dros da F. P., mais e mais se fortaleçam como se faz mistér num momento de tantas incertezas e dificuldades como o que hoje vivemos, fica ao seu dispôr o

Camd.^a agrad.^o

Milton de Freitas Almeida”.

Proseguindo, declara o orador: “Foram nossos sucessores o ex-sargento Joel Hermes de Oliveira e sub-tenentes Jorge Eloi de Melo, Leovegildo Gomes Baracho, Herotildes Carvalho de Araujo e José Cerchiai, e ainda, o sgt. José de Oliveira Ramos.

“Eis, pois, em linhas gerais, a vida do nosso Centro, sendo justo consignar, finalmente, o fato de ter o sub-tenente José Cerchiai quase que conseguido o terreno para nossa sede própria, cujo protocolado, bastante volumoso, transitou por diversas Secretarias de Estado. Frizemos, para que fique bem esclarecido o assunto, que dito terreno só não nos foi entregue porque veio a falecer pouco antes o saudôso dr. Fernando Costa, após ter se pronunciado, por escrito e verbalmente, pela sua entrega ao Centro Social dos Sargentos”.

HÁ MAIS DE 50 ANOS...

Os Doces Prediletos da Família Brasileira

DOCES EM PASTA
GELEIAS
COMPOSTAS
DOCES VARIADOS
CONSERVAS

Produtos Marca Peixe
— A CHAVE DE OURO DAS BOAS REFEIÇÕES —

FÁBRICA DE BISCOITOS

Nova Manchester

— Propriedade de JOAQUIM RIBEIRO DA SILVA —

— FÁBRICA: — Rua Vinte Oito s/n. — Vila Carrão —

Varêjo e atacado na Padaria MARAJÓ.

RUA 21 DE ABRIL, 740 — (BRÁS) — SÃO PAULO

educação física e DESPORTOS



Campeonato geral da Fôrça do ano de 1948

A Escola de Educação Física, coadjuvada pelo Regimento de Cavalaria e Batalhão de Guardas, realizou, na semana de 4 a 9 de outubro o Campeonato Geral da Fôrça que, êste ano, teve um desenrolar interessantíssimo, quer pelo número de participantes, quer pela vontade comum de vencer.

Tôdas as unidades da Fôrça, com exceção dos Serviços, participaram dêsse magno certame e a maioria delas com número apreciável de inscritos. Basta dizer que tivemos o seguinte número de participantes:

Oficiais	23
Sargentos	37
Cabos e sds.	115
<hr/>	
Tôtal	175

Faziam parte do Campeonato as seguintes modalidades desportivas:

Para oficiais: —

- 1) - Pentatlon moderno militar
- 2) - Petatlon atlético
- 3) - Luta livre.

Para sargentos: —

- 1) - Pentatlon clássico
- 2) - Corridas de 100 metros razos
- 3) - Natação (200 metros livres).

Para cabos e soldados: —

- 1) - Luta livre

- 2) - Arrêmessô de granadas
- 3) - Corrida de 5.000 metros
- 4) - Corrida de Estafeta.

Resultados

Após o último dia de competição, tivemos o seguinte resultado geral:

Unidade Campeã - Corpo de Bombeiros, com 39 pontos

- 2.º lugar - R.C., com 37 pontos
- 3.º lugar - B.P., com 31 pontos
- 4.º lugar - B.G., com 29 pontos
- 5.º lugar - 5.º B.C., com 18 pontos (1.º lugar do interiôr)
- 6.º lugar - 6.º B.C., com 16 pontos
- 7.º lugar - 3.º B.C., com 12 pontos
- 8.º lugar - 2.º B.C., com 10 pontos
- 9.º lugar - C.I.M. e 8.º B.C., com 8 pontos
- 10.º lugar - Q.G., com 7 pontos
- 11.º lugar - 4.º e 7.º B.C., com 3 pontos.

VENCEDORES INDIVIDUAIS

Oficiais

Pentatlon Moderno

- 1.º lugar - 2.º ten. Aurélio Pedrazoli, do B.P.
- 2.º lugar - cap. Aútilio Gomes de Oliveira, do C.B.
- 3.º lugar - 1.º ten. Sadoc Chaves Simas, do B.G.

Pentatlon Atlético

1.º lugar - 2.º ten. Fernando Thiele de Figueiredo, do 6.º B.C.

2.º lugar - 2.º ten. Leônidas Covelii, do 2.º B.C.

3.º lugar - 2.º ten. Mário Rodrigues Montemor, do R.C.

Lutas

1.º lugar - 1.º ten. Osmar A. Vilela Santos, do C.I.M.

2.º lugar - 1.º ten. Sadoc Chaves Simas, do B.G.

3.º lugar - 1.º ten João Sales, do 8.º B.C.

PENTATLON CLASSICO

Sargentos

1.º lugar - sgt. Francisco F. de Carvalho Matias, do C.B.

2.º lugar - sgt. Canuto de Souza Gandra, do R.C.

3.º lugar - sgt. Euclides Túbero, do 3.º B.C.

Corrida de 100 metros

1.º lugar - sgt. Ernestino Mariano, do R.C.

2.º lugar - sgt. Odilon dos Santos, do 3.º B.C.

3.º lugar - sgt. Natanael Faustino da Silva, do 4.º B.C.

Natação

1.º lugar - sgt. José Raimundo Neto, do C.B.

2.º lugar - sgt. Heronildes A. Figueiredo, do C.B.

3.º lugar - sgt. Raimundo de Moraes César, do B.G.

CABOS E SOLDADOS

Luta livre

1.º lugar - sd. Brasília R. dos Santos, do B.P.

2.º lugar - cabo Joaquim Barreto, do 8.º B.C.

3.º lugar - sd. Augusto Cândido, do R.C.

Lançamento de granadas

1.º lugar - sd. Manoel Pereira da Silva, do B.G.

2.º lugar - cabo Mário de Oliveira Monteiro, do B.P.

3.º lugar - sd. Antônio Lourenço de Araujo, do R.C.

Corrida de 5.000 metros

1.º lugar - sd. Rafael Benedito de Andrade, do 5.º B.C.

2.º lugar - sd. Manoel de Andrade Lima, do Q.G.

Dinamismo **que conquista!**

Há pessoas tão prestimosas e tão eficientes que é um prazer vê-las em ação: dinâmicas, cheias de vida, de idéias, de planos. Fazem amigos às dúzias. Seja também uma dessas criaturas



e não receie pelo futuro de sua carreira. Alerta o cérebro, "afine" os nervos e revigore os músculos, tomando Biotônico Fontoura, reconstituente cientificamente dosado e que o livra do cansaço, do abatimento, do nervosismo. Biotônico Fontoura dá força aos fracos e conserva a saúde dos fortes.



BIOTONICO

Fontoura

**O MAIS
COMPLETO FORTIFICANTE**

3.º lugar - sd. José Maria, do 5.º B.C.

Corrida de estafeta

1.º lugar - Equipe do B.P.

2.º lugar - Equipe do R.C.

3.º lugar - Equipe do C.B.

"Militia" felicita a todos, concorrentes e realizadores do Campeonato.

Que os resultados sejam um estímulo para novas e dignas realizações no campo da educação física da Fôrça Pública e que se lembrem sempre: *O principal é tomar parte na competição; a vitória, embora buscada com todo o ardor e entusiasmo, se apresenta como um incidente no panorama desportivo.* Estes são os votos sinceros desta Revista.

"Torneio da Primavera"

De acôrdo com o calendário para o corrente ano, a Escola de Educação Física fez realizar em seu estádio, de 3 a 9 de setembro, mais um torneio de esgrima, florete, espada e sabre, para oficiais e sargentos, conhecido por "Torneio da Primavera". A participação obrigatória das unidades da Capital, e facultativa para as do interior do Estado, reúne, anualmente, um grande número de concorrentes. E isso, frizemos, após rigorosa seleção procedida no próprio corpo a que pertencem, antes da eliminatória do torneio. Nestas condições, o resultado foi a expressão verdadeira do grau de treinamento dos participantes da tão apreciada disputa.

Damos abaixo o resultado final individual e por equipe, até o 3.º lugar.

INDIVIDUAL — OFICIAIS

FLORETE

1.º lugar - 1.º ten. Adérito Augusto Ramos - 4.º B.C. - Baurú;

2.º lugar - 2.º ten. Luiz Felipe Pessanha - C.I.M. - Capital;

3.º lugar - 2.º ten. Roberto Nicolacci - C.I.M. - Capital.

ESPADA

1.º lugar - 2.º ten. Luiz Felipe Pessanha - C.I.M. - Capital;

2.º lugar - 1.º ten. Francisco A. Bianco Júnior - 7.º B.C. - Sorocaba;

3.º lugar - 1.º ten. Adérito Augusto Ramos - 4.º B.C. - Baurú.

SABRE

1.º lugar - 2.º ten. Luiz Felipe Pessanha - C.I.M. - Capital;

2.º lugar - 1.º ten. Adérito Augusto Ramos - 4.º B.C. - Baurú;

3.º lugar - cap. Autílio Gomes de Oliveira - C.B. - Capital.

INDIVIDUAL — SARGENTOS

FLORETE

1.º lugar - 2.º sgt. Horácio Mendes - C.I.M. - Capital;

2.º lugar - 3.º sgt. Francisco Matias - C.B. - Capital;

3.º lugar - 2.º sgt. Jorim Lopes da Silva - C.I.M. - Capital.

ESPADA

1.º lugar - 3.º sgt. Francisco Matias - C.B. - Capital;

2.º lugar - 2.º sgt. Jorim Lopes da Silva - C.I.M. - Capital.

SABRE

1.º lugar - 2.º sgt. Jorim Lopes da Silva - C.I.M. - Capital;

2.º lugar - 2.º sgt. Horácio Mendes - C.I.M. - Capital;

3.º lugar - 3.º sgt. Francisco Matias - C.B. - Capital.

CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPE

1.º lugar - C.I.M. - 35 pontos;

2.º lugar - C.B. - 12 pontos e

3.º lugar - 4.º B.C. - 11 pontos.

—:—

Provas Populares de Tiro ao Alvo Revólver e Carabina

Patrocinadas pela Fôrça Pública do Estado, numa demonstração de sadio patriotismo, realizaram-se durante o mês de outubro as *Provas Populares de Tiro ao Alvo*, em cooperação com a Federação Paulista de Tiro, com o fim de estimular a prática de tão necessário esporte.

As provas, nas quais tomaram parte civis e militares, num total de 379 atiradores, começaram com as eliminatórias nas cidades do interior, sede dos nossos batalhões, tendo sido a final realizada no Clube de Regatas Tietê, na Capital. Técnicos, armamento e munição, foram distribuídos pela Fôrça e pela F.P.T.A. Os resultados registrados vieram compensar os esforços dispendidos. Os dados abaixo, demonstram inequivelmente o que foi realizado e conquistado.

SANTOS

Prova de Revólver - 25 metros - 20 tiros:

1.º lugar - ten. Mário Vasconcelos, (E.N.) - 167 pontos;

2.º lugar - ten. Gilberto Tuiuti Vila Nova (F.P.) - 161 pontos;

3.º lugar - ten. Virgílio da Silva Costa (E.N.) - 159 pontos.

Prova de Carabina 22 - 50 Metros - 20 tiros

1.º lugar - srta. Dirce Chagas Furniel - 171 pontos;

2.º lugar - ten. Cássio P. França Domingos (E.N.) - 168 pontos;

3.º lugar - ten. Mário Vicenzi Junior (E.N.) - 155 pontos.

CAMPINAS

Prova de Revólver - Idem

1.º lugar - sra. Alda Menezes - 147 pontos;

2.º lugar - sra. Théa Maria Cut - 142 pontos;

3.º lugar - sra. Daisy Paiva Fiori - 139 pontos;

Prova de Carabina - Idem

1.º lugar - sr. Oderly B. Cordenonzi - 175 pontos;

2.º lugar - sr. Benedito Rossi - 173 pontos;

3.º lugar sr. Ilse Cordenonzi - 166 pontos.

BAURÚ

Prova de Revólver - Idem

1.º lugar - sr. Wassimon Santos Pereira - 150 pontos;

2.º lugar - ten. Oscar Pais Leme (F.P.) - 138 pontos;

3.º lugar - sr. Sebastião Ribeiro da Silva - 138 pontos;

Prova de Carabina - Idem

- 1.º lugar - sr. Marcos Chamorro - 159 pontos;
- 2.º lugar - sr. Hamilton Krausz - 156 pontos;
- 3.º lugar - ten. Aparecido do Amaral Gurgel (F.P.) - 147 pontos;

SOROCABA

Prova de Revólver - Idem

- 1.º lugar - sr. Olival Pires do Amaral - 164 pontos;
- 2.º lugar - sr. Manoel Nogueira Soares - 164;
- 3.º lugar - sr. Kemer Consul - 146 pontos;

Prova de Carabina - Idem

- 1.º lugar - ten. Francisco Antonio Bianco Junior (F.P.) 187 pontos;
- 2.º lugar - ten. Jorge Pais Leme (F.P.) - 186 pontos;
- 3.º lugar - sr. Cassemiro A. Assis - 185 pontos.

TAUBATE'

Prova de Revólver - Idem

- 1.º lugar - sr. Dalmar Faria Neto - 165 pontos;
- 2.º lugar - sr. Meirimar Barbosa - 152 pontos;
- 3.º lugar - cap. Nabor Nogueira Santos (F.P.) - 152 pontos;

Prova de Carabina - Idem

- 1.º lugar - sr. Meirimar Barbosa - 169 pontos;

- 2.º lugar - ten. cel. Othoniel Eugênio Aranha (F.P.) - 163 pontos;
- 3.º lugar - sr. Astério Braga - 161 pontos.

RIBEIRÃO PRETO

Prova de Revólver - Idem

- 1.º lugar - sr. Gilberto Arantes Martins - 132 pontos;
- 2.º lugar - ten. Dalton E. W. Vasconcelos (F.P.) - 130 pontos;
- 3.º lugar - ten. Lúcio França Aires (F.P.) - 122 pontos;

Prova de Carabina - Idem

- 1.º lugar - sgt. Euclides Túbero (F.P.) - 163 pontos;
- 2.º lugar - sr. José Amilcar Tavares - 136 pontos;
- 3.º lugar - ten. Vicente Agostinho Bezerra (F.P.) - 134 pontos.

Prova Final - Revólver e Carabina Revólver

- 1.º lugar sr. Sebastião Ribeiro da Silva (Baurú) - 178 pontos;
- 2.º lugar - sr. Wassimon Santos Pereira (Baurú) - 178 pontos;
- 3.º lugar - sr. Astério Braga (Taubaté) - 170 pontos.

Prova de Carabina

- 1.º lugar - sr. Miguel Kharmandian (Capital) - 192 pontos;
- 2.º lugar - ten. Francisco A. Bianco Junior (Sorocaba) - F.P. - 184 pontos;

Auto Escola "NORBERTO"

AULAS ESPECIAIS PARA SENHORAS

Credenciado na D. S. T.

Encarrega-se de cartas de motoristas amador, profissional e de motociclistas, cocheiro, cobrador de ônibus bem como requerimentos em geral

Matriz:

RUA GUAIANASES N.º 689
Junto à Praça Princeza Izabel

Telefone 51-2830
SÃO PAULO

3.º lugar - sr. Alberto Faini (Capital) - 181 pontos.

—:—
“Militia” congratula-se com essa brilhante iniciativa do Cmdo. Geral da Fôrça, e apresenta, através des-

tas páginas, os seus cumprimentos à Federação Paulista de Tiro ao Alvo que, em cooperação com a nossa D.G.I., tudo tem feito para que o povo aprenda a atirar, para melhor defender sua terra.

CAMPEÕES INVICTOS

Mais uma vez a Fôrça se impôs no maior certame de voleibol realizado anualmente em São Paulo.

Coube a um dos seus quadros, o título de campeão invicto no VI Campeonato Popular de Voleibol da “A Gazeta Esportiva”.

Com o vice-campeonato do ano de 47, honrosa colocação obtida pelo quadro de oficiais, “Militia A”, inscreveu este ano, para o torneio, 2 quadros de oficiais e 2 de sargentos, integrando o total de inscrições que alcançou o elevado número de 104 quadros, *civis* e *militares*. Elementos nossos, também de valor, integraram alguns quadros civis.

Nossas equipes se apresentaram com as denominações de “Militia A” — “Militia B” — “Heróis do Fogo (azul)” — “Heróis do Fogo (vermelho)”.

Desta vez sagrou-se campeão o “Heróis do Fogo (azul)”, que desenvolveu durante o torneio grande eficiência no ataque e ótima defesa. A parada máxima foi o seu jôgo com o “Abílio Soares”, composto de oficiais do C.P.O.R., que logrou obter o 3.º lugar. O entusiasmo foi geral. Venceu a melhor classe.

Alfredo, esteve num grande dia. Seus saques-cortadas quebraram o moral adversário. Fava melhorou muito e todo o quadro jogou bem. Os dois sextetos se empregaram a

fundo, valendo-se de todos os recursos técnicos. No 1.º “set”, depois de uma série de pontos das mais equilibradas e sensacionais, o “Abílio Soares” conseguiu a vantagem de dois pontos, finalizando com 15 a 13. O “Heróis do Fogo” não se deixou esmorecer e depois de um equilíbrio até o 6.º ponto, foi ao 15.º, deixando o adversário a 7. Quando já tinham impressão de um 3.º “set” fácil para os rapazes da Fôrça Pública, eis que a luta se mostra outra vez ferrenha, empatando do começo ao 13.º ponto, com vantagem para o “Abílio Soares”; numa reação própria de verdadeiros esportistas, os bombeiros conseguiram levar a melhor e venceram por 16 a 14.

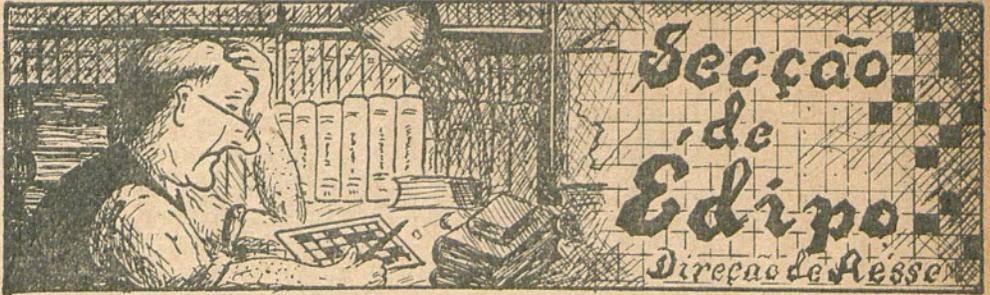
A redação apresenta sinceros parabens pelo feito do “Campeão invicto”, o que muito honra a Fôrça Pública e desvanece seus esportistas.

Os 3 quadros assim se constituíram:

Heróis do Fogo (azul): — Silva, Dudú, Guilherme, Alfredo, Fernando, Fava, Boaventura e Raul;

Militia A: — Gianico, Pessanha, Pisani, Ademar, Gaucho, Nogueira, Campanhã e Rêgo;

Militia B: — Coveli, Ulisses, Osmar, Ricardo, Moura, Roldão, Geraldo e Corrêa.



Receberemos colaboração de charadas novíssimas, sincopadas, casais, em versos, auxiliares, logogrifos em prosa e em verso e palavras cruzadas.

A correspondência e colaboração deverão ser endereçadas a "Militia" — Secção de Édipo, Rua Alfredo Maia n.º 106 — São Paulo.

Será sorteado um livro entre os solucionistas de mais de 50% dos problemas.

As soluções dêste número serão aceitas até 30 de abril de 1949.

LOGOGRIFO EM PROSA

1 — NOITE DE NATAL

A noite estava fria. O orvalho congelado 5-11-9-8-1 caía sôbre a terra.

Um arruaceiro 3-9-2-3-1 qualquer mostrava aos transeuntes os objetos de seus pacotes 3-1-5-9-5-11-2.

A menina pobre, vendo a felicidade 3-11-2 dos outros naquela noite Santa e sabendo que Papai Noel nunca se lembrara dela, pedia baixinho à sua feiticeira 2-9-5-1 que lhe trouxesse aquele ornato 8-7-1-10-11-2-1 que havia visto numa vitrina da pequena 2-4-6-8-9 loja e com o qual sempre sonhara. A noite passou e, no dia seguinte ao acordar, a menina pobre vendo seus sapatinhos vãos chorou duas lágrimas de incerteza.

2 — CAMPANHA ELEITORAL

Com a aproximação das eleições teve início a polêmica 6-10-4-8-1-7-10 entre os velhos políticos da localidade. Era de se supor 3-4-1-4 que a luta ia ser encarniçada. Os oradores da cidade, em tom áspero

2-1-3-10 falavam qualquer 3-1-4-6-10 coisa que pudesse influir no ânimo dos eleitores visando assim diminuir as probabilidades de vitória de seus adversários e realizar um verdadeiro monopólio 6-4-5-2-6-1 de votos para seu partido num comício um orador idiota 3-4-1-6-9-8-10 chegou a dizer que seus adversários iam por um caminho trilhado e conhecido 4-10-6-7-8-1-9-4-10 e que muito breve 3-5-4-6-10 seriam eles desmascarados. Ao terminar sua arenga um indivíduo grosseiro 4-5-2-6-7-3-10 o apunhalou, ferindo-o na parte anterior da cabeça 4-10-2-6-10 enquanto uma váia 6-4-10-6-1 estrepitosa partia da multidão.

Veio o dia das eleições e o povo ficou esperando a apuração dos votos para saber quem teria vencido o pleito.

3 — Assoprando por uma pequena fenda 10-7-6-5 aberta no vaso de barro 1-9-3-4-5-10-2 o meu amigo 6-9-8-2 procurava puxar 4-7-10-5-10 algumas notas musicais e emitir sons 4-2-5-10 que mais pareciam guinchos de macaco 6-7-1-2 e só serviam para corromper a arte da música.

Nino

4 — EVOLUÇÃO

Antes da adoção da arma Dreyse, de carregar pela culatra, pelo exército prussiano, em 1841 e da arma Chassepot, pelo exército francês em 1866 houve, em toda a Europa, críticas violentas a esse novo sistema 8-9-1-3 de carregamento.

E' velha, como vemos, a opposição ao novo. Havia quem considerasse nocivas as novidades técnicas cujo fim era conseguir 11-8-9-5-4-9-12 maior número de disparos 8-9-2-6-7-.

Um coronel suíço, com ares de positivista, 11-4-5-3-7-8-9-10-6 em uma reunião, proclamava que nunca um atirador iria à campanha com um fuzil retrocarga. De 120 oficiais presentes, 118 manifestaram-se de acôrdo 1-12-6 com o vaticínio, não percebendo que estavam cometendo um grande êrro ao aceitarem a idéia daquele oficial que sem larga visão quis apenas profetizar.

Silvoski

CHARADAS NOVISSIMAS

- 5 — O instrumento agrícola era sensível por ser do pai. 1-2.
- 6 — O terceiro animal que tem manchas está fugido. 1-3.
- 7 — A repugnância pela negativa é como uma bofetada. 2-1.
- 8 — Na retaguarda da povoação havia muita astúcia. 2-3.
- 9 — O cajado caiu-lhe da mão sendo levado pela corrente de água, e assim não pôde dar a bordoadá. 1-2.
- 10 — Só por causa daquele sinal na pele, deixaram-no ali, isolado, apesar do dia estar nevoento. 2-1.
- 11 — A gafeira que o animal tinha saiu sem demora logo que caiu o aguaceiro rápido. 2-1.
- 12 — A pequena mancha que êle tem no rosto, causa campaixão pelo seu colorido. 2-1.
- 13 — Vive alegre, naquele lugar, por já estar ambientado à prisão. 2-1.
- 14 — O seu traje para solenidades estava cheio de poeira e todo amarrado com ligadura para feridas. 2-1.

Miliquinho.

- 15 — Através do tempo o curso dágua esconde um tesouro. 2-2.
- 16 — Vigio a grande metrópole para evitar desastres entre veículos de movimento rápido. 2-3.

- 17 — Na atmosfera o "homem", para guardar utensílios, serve-se do móvel. 1-3.
- 18 — Enxerguei a fruta que pertence à mulher que morreu o marido. 1-2.
- 19 — Aquí o sulco no terreno prejudica a progressão do animal. 1-2.
- 20 — A nota musical oferece grande prazer à mulher formosa. 1-1.
- 21 — A condenada tentou voltar para o lado afim de apanhar a arma. 1-2.
- 22 — Aquí eu decifrei que comer demais é prazer de imperador romano. 1-1-2.

Itamirim.

CHARADAS SINCOPADAS

- 23 — O velhaco escondeu-se na capoeira. 3-2.
- 24 — O engenho apanhou o pássaro. 3-2.
- 25 — A farinha envenenou o batráquio. 3-2.
- 26 — Durante o café devemos fazer uma pausa para podermos comer uma pequena porção de pão. 3-2.
- 27 — Com casca de sobreiro não se pode alimentar uma espécie de antilope. 3-2.
- 28 — O sinete caiu no chão e ficou sem a extremidade por onde se pega. 3-2.
- 29 — Forçou muito a sobrequilha, aquele pesado fardo. 3-2.
- 30 — Pássaro destruidor de insetos não come carne seca. 3-2.
- 31 — Quando o núncio pontifício lhe dirigiu a palavra, o pobre velho ficou contente. 3-2.
- 32 — O larápico refugiou-se na selva. 3-2.

Contra.

Miliquinho.

CHARADAS CASAIS

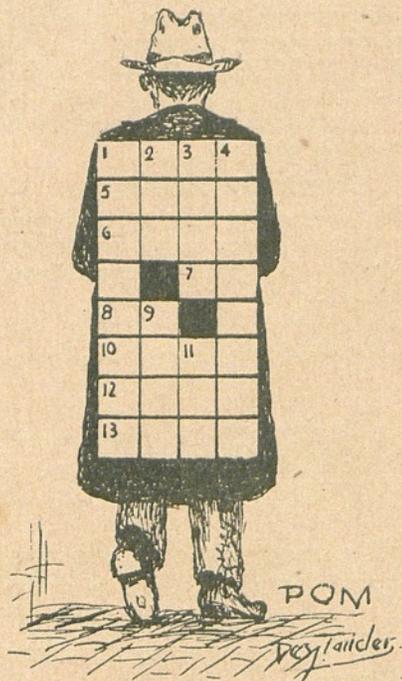
- 33 — Ao pegar a vasilha a substância glutinosa caiu-lhe no pescoço. 2.
- 34 — O móvel de madeira foi colocado no aposento. 3.
- 35 — Pedago de pão amanhecido fica murcho. 3.

- 36 — Desta vez já o vejo crescido. 2.
 37 — A pá para mexer brasas é feita de metal maleável. 2.
 38 — Maior que todos é o nosso axioma. 3.

Miliquinho.

PALVRAS CRUZADAS

39 — PROBLEMA "O ERRANTE"



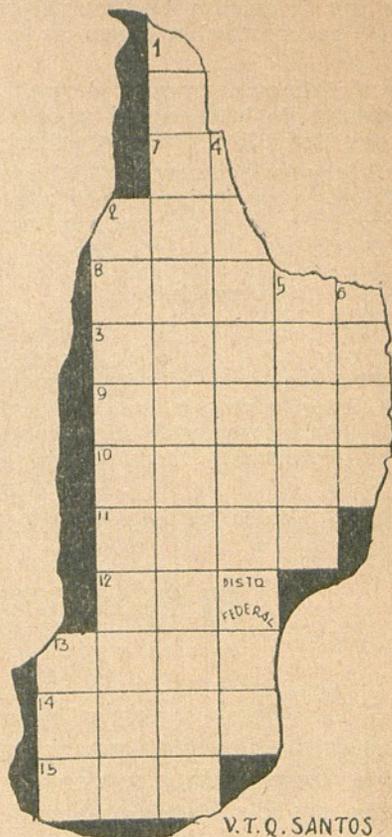
HORIZONTAIS: — 1 - Quiabo. 5 - Ponto pelo qual a semente adere ao funículo. 6 - Lugar onde se vende peixe (inv.). 7 - Graceja. 8 - Azoto. 10 - Resina. 12 - Almofariz. 13 - Comédia (inv.).

VERTICAIS: — 1 - Amor. 2 - Solteirona (inv.). 3 - Beleza. 4 - Aparelho em que se ferve água para mostrar a força do vapor. 9 - Conduz para cá (inv.). 11 - Navio mercante.

40 — PROBLEMA "GOIAS".

HORIZONTAIS: — 2 - Pau ferro. 3 - Prato especial. 7 - Ilha francesa no Atlântico. 8 - As nove deusas filhas de Júpiter. 9 - Publique (inv.). 10 - Marido de Joana Manon Philipon (inv. sem a última). 11 - Íntimos. 12 - Variação de

pronomes. 13 - Erva dos prados. 14 - Besunta. 15 - Limita fim de lugar ou de tempo.



VERTICAIS: — 1 - Por acaso. 2 - Obstinado na culpa (sem a última). 4 - Espaço proporcionado entre duas colunas — Sufixo feminino. 5 - Nomes dos cantores ou poetas gregos. 6 - Costumar. 13 - Espantadiço.

LOGOGRIFOS

Estes enigmas constituem uma distração, muito agradável, para as pessoas amantes dos passa-tempos intelectuais.

Com o fim de estimular o gosto por esta espécie de enigma, apresentamos, neste número, uma pequena orientação ao distinto leitor.

Regra para decifrar

Da combinação das diversas letras contidas nas palavras, decorre a decifração.

No fim do enigma, há uma palavra grifada, que constitui a chave do problema.

Os sinônimos procurados devem ter uma quantia de letras igual a de números que ficam à direita das palavras.

As letras dos sinônimos encontrados, entrarão na ordem indicada pelos números respectivos para formar a palavra procurada.

Exemplo

O jôgo 1-10-11-12 faz com que se gastem 6-9-8-8-5-4 em grande quantidade 1-12-3-2 o tempo e o dinheiro. Para o jogador o mundo é um deserto 5-8-6-7. Só lhe interessa a jogatina que o conserva esquecido dos seus deveres.

Jôgo = D A D O
1 - 10 11 - 12

Gastem = M I R R E M
6 - 9 - 8 - 8 - 5 - 4

Quantidade = D O S E
1 - 12 - 3 - 2

Deserto = E R M O
5 - 8 - 6 - 7

Colocando as letras na ordem indicada pelos números, encontramos a palavra D E S M E M O R I A D O 1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11-12 que é um sinônimo de esquecido, palavra chave do enigma.

Soluções do número 5

Fica prorrogado, até 28 de fevereiro de 1949, o prazo para recebimento das soluções dos problemas publicados no número 5.

HONESTIDADE

Em Tóquio havia um juiz tão honesto, mas tão honesto, que por se recusar a comprar alimentos no câmbio negro acabou doente, tuberculoso, e morreu.

Sua espôsa, face à dieta de fome, ou de morte, em que eram obrigados a viver pelo rigorosíssimo regime de racionamento que vigia no país, sugeriu ao juiz a conveniência de se venderem algumas roupas usadas, no câmbio negro, de sorte que com o produto da transação pudessem comprar, também no câmbio negro, alguns alimentos mais que os permitidos pela lei.

O marido não censurou a consorte, porém, explicou-lhe, pacientemente, que, sendo êle juiz, não lhe era

possível a perpetração de um negócio daquele gênero. Era o aplicador da lei e porisso devia ser o primeiro e o mais impoluto de seus observadores.

Esse magistrado, cujo nome era Iochitada Iamaguchi, quando sua vida já estava irremediavelmente condenada pela doença, escreveu em seu diário: "A lei de controle de alimento é uma lei errada. Entretanto, enquanto for lei, deve ser obedecida".

Que Juiz!...

Depois de morto o marido, a viúva fez uma observação que correu mundo. Disse ela: "Nesta época, é horrível ser casada com um homem honesto!".

Legislação

Abôno Mensal

Institui no corrente exercício, a partir de 1.º de setembro, aos componentes da ativa da F.P., de soldado a aspirante, o abôno mensal:

a) de Cr. \$ 300,00, aos que servem na Capital e em Santos;

b) de Cr. \$ 200,00, aos demais. (Lei 184, de 30-X-48. Bol. Geral 245, de 3-XI-48).

Alimentação

A partir de 1.º de setembro a tabela de diária de rancho passará a ser a que vem especificada no Bol. Geral 201, de 9-IX-48.

Alimentação por conta própria

Apesar da majoração constante do Bol. acima, a diária de alimentação dos soldados, quando por conta própria não sofre alteração, continuando a ser de Cr. \$ 8,00, pois, a diferença excedente é paga pelo Estado.

Da mesma forma os cabos pagarão apenas Cr. \$ 9,00 pela diária, importância correspondente a 1/100 dos vencimentos respectivos, nos termos do art. 90 do C.V.V. (Bol. Geral 213, de 23-IX-48).

Alimentação

Instruções para controle da distribuição, utilização e indenização dos vales para fornecimento de alimentação por conta própria e do Estado. (Anexos ao Bol. Geral 217, de 28-IX-48).

Alimentação por conta do Estado

Autoriza o fornecimento de alimentação por conta do Estado para os alunos-oficiais das Forças Policiais de outros Estados, atualmente cursando o C.O.C. (Bol. Geral n.º 226, de 8-X-48).

Aquisição, Alienação e Recuperação de Material

O Ministério da Guerra baixou a portaria 155, de 23-IX-48, aprovando as Instruções para a aquisição e recuperação de material. São instruções minuciosas e compostas de 114 artigos. (D.O.U. de 25-IX-48, pgs. 14024 e seguintes).

Assistência judiciária

Os pedidos de assistência judiciária devem ser encaminhados diretamente ao T.J.M., se o interessado tiver direito à assistência de advogado por parte da Justiça Militar. Só encaminhar ao Q.G. quando a assistência deva ser prestada por intermédio do S.A.S. (Bol. Geral 242, de 27-X-48).

Bandeira e Braço do Estado de São Paulo

A lei n.º 145, de 3 de setembro de 1948, institui a Bandeira e o Braço do Estado de São Paulo. Acompanham a Lei os modelos e as descrições. (Bol. Geral 216, de 27-IX-48).

Centro de Instrução Militar

Derroga dispositivos do Regulamento do Centro de Instrução Militar (C.I.M. (Dec. 18304-C, de 20-IX-48 e Bol. Geral 229, de 12-X-48).

Competição Inter-policial

A vista do compromisso de comprometimento de diversas Polícias Militares Estaduais, determina seja realizada, no período compreendido de 8 a 13 de novembro do corrente ano, uma competição Inter-Policial sob o patrocínio desta Corporação.

O torneio constará de 4 provas, todas para o círculo de oficiais, a saber: voleibol, hipismo, tiro de revólver e pentatlon militar moderno.

Essa competição visa não só aproximação social das Polícias Militares dos diversos Estados do Brasil, como, também, lançar as bases dos jogos Policiais que viriam cimentar essa aproximação. Seguem-se diversas ordens a respeito. (Bol. Geral 217, de 28-XI-48).

Contingente do Quartel General

Atendendo à conveniência de liberar os Serviços e Estabelecimentos de grande parte de trabalhos administrativos e burocráticos referentes a pessoal, para aumento do rendimento técnico de cada um, este Comando Geral resolve, desde já, a reorganização do Contingente do Quartel General. Os oficiais e praças classificados no Quartel General, no Hospital Militar, na Escola de Educação Física e nos Serviços de Intendência, de Subsistência, de Material Bélico, de Fundos, de Saúde, de Engenharia, de Transmissões e de Transportes e Manutenção serão incluídos no Ctg. do Q.G. para efeito de alterações e distribuídos internamente, nas unidades acima, pelos chefes respectivos. Seguem-se diversas recomendações para a boa execução da ordem. (Bols. Gerais 203 e 205, de 11 e 14-IX-48).

Correspondência

Fixa prazo para o processamento e devolução ao Gabinete do Governador, de pedidos de informação. Resolução 220, de 6-IX-48. (Bol. Geral 204, de 13-IX-48).

A vista da publicação acima fica determinado:

a) — os documentos encaminhados a esta Força pela Sec. Seg. Publ., com procedência do Palácio do Governo são considerados como "Urgentes" e devem ser informados dentro do prazo máximo de 48 horas;

b) — quando o assunto exigir esclarecimentos a serem prestados por unidades aquarteladas no interior, essa providência será tomada através do serviço rádio-telegráfico;

c) — ao devolver o processo deverá a autoridade informante mencionar a data e hora do recebimento e o tempo útil que permaneceu na unidade, serviço ou repartição. (Bol. Geral 210, de 20-IX-48).

Curso Pré-Militar

Reconhece o Curso Pré-Militar realizado no Centro de Instrução Militar da F.P. - Lei 150, de 10-IX-48. (Bol. Geral 203, de 11-IX-48).

Documentos Sanitário de Origem

A correspondência referente aos Atestados de Origem e Inquérito Sanitário de Origem deverá ter o carimbo "Urgente" e que os protocolos prestem a máxima atenção em acelerar o seu trânsito. Reitera e cita diversas recomendações a respeito do "Documento de Origem". (Bol. Geral 200, de 6-IX-48).

Fardamento — Distribuição em 1948

Consoante o n.º 6 do Capítulo V — Disposições Transitórias — do Regulamento de Uniformes, já aprovado pelo Governo do Estado, o Comando resolve aprovar a tabela de distribuição de fardamento em 1948, anexa ao presente boletim. Contém ainda este Boletim diversas instruções e recomendações sobre o fornecimento e escrituração das novas peças de uniformes. (Bol. Geral 215, de 25-IX-48).

Fardamento — Preço de mão de obra

Publica-se em anexo a tabela de preços de confecção de peças de fardamento pela Diretoria do Material da Sec. Seg. Pública. (Bol. Geral n.º 230, de 13-X-48).

Férias

As férias não gozadas por motivo de matrícula em cursos devem ser consideradas ao abrigo do art. 323, n.º 8 do R.I.S.G., sendo asseguradas para gozo em época oportuna. (Bol. Geral 197, de 2-IX-48).

Interrupção de férias por motivo de requisição no interesse da Justiça.

O comparecimento à justiça não deve interferir como gozo des férias, que não devem ser consideradas interrompidas porque fora requisitado para depor. Parecer do D.A.S.P. (D.O.U. de 10-IX-48, pag. 13131).

Forragem — Provimento

Passa a ser da responsabilidade do Serviço de Subsistência o provimento de forragem aos semoventes de carga da Força. (Bol. Geral 238, de 22-X-48).

Insígnias do Governador do Estado

Institui as insígnias do Governador do Estado - decreto 18281, de 6-IX-48. (Bol. Geral 219, de 30-IX-48).

Licenciado atingido pela compulsória

A praça que se encontrar no gôzo de licença, nos termos do art. 94 da Constituição do Estado, e nesse meio termo for atingida pelo limite de idade para permanecer no serviço ativo, deverá continuar licenciada até o prazo máximo de 4 anos. (Bol. Geral 220, de 1-X-48).

Licença-prêmio

Introduz modificação na legislação referente à licença-prêmio. As férias não gozadas por absoluta necessidade do serviço, no quinquênio aquisitivo da licença-prêmio, podem compensar os que ultrapassarem ao limite de faltas estabelecido no Dec.-Lei 17008-47. Assegura ao servidor o direito de contar em dobro as férias não gozadas. (Lei 168, de 4-X-48).

Organização Geral da Força Pública

O sr. Governador do Estado encaminha à Assembléia Legislativa o projeto de lei sobre a organização Geral da F.P., acompanhado das justificativas correspondentes. (D.O. 203, de 10-IX-48, pag. 23 e seguintes).

Promoção de oficiais

Os oficiais integrantes de Quadros em que o posto de capitão seja o mais alto, serão promovidos ao posto imediato se requererem dentro de 60 dias, após haverem completado 30 anos de serviço, transferência para a reserva. Lei 141, de 2-IX-48. (Bol. Geral 198, de 3-IX-48).

Regulamento Disciplinar (R.D.)

Não se capitulou claramente no R.D. a falta de ausência. Entretanto, dado o fato de ausentar-se e afastar-se serem sinônimos, no n.º 26 do art. 13 do R.D. é que se deverá enquadrar a transgressão, visto que, de maneira mais precisa que a constante da letra "b" do art. 12, está especificada a omissão do dever militar. (Bol. Geral 198, de 3-IX-48).

Religião

Consultoria Geral da República — Despacho do exmo. sr. Presidente da República sobre Liberdade Religiosa, de crença, de exercício do culto, de formação e funcionamento de igrejas ou associações religiosas.

A Igreja Católica Apostólica Brasileira, afirmando que adota os cultos das outras Igrejas e seguindo, declaradamente, o culto romano, não está exercendo o seu culto e está usurpando, desrespeitando e perturbando o livre exercício do culto da Igreja Católica Apostólica Romana. O poder de polícia, no assunto, compreende a faculdade de assegurar o livre exercício do culto de uma religião e obstar que êsse culto seja perturbado por quem não pertence à mesma religião. (D.O.U. de 25-IX-48, pags. 14040 e seguintes).

Reorganização de Quadros

Estabelece normas a serem observadas pelas Secretarias de Estado na elaboração dos ante-projetos de reorganização de seus quadros. Resolução n.º 218, de 14-VIII-48. (Bol. Geral 197, de 2-IX-48).

Salário-família

Parecer da Comissão Especial de Leis Complementares sobre o projeto de Lei n.º 31, que assegura a concessão do salário-família aos servidores públicos do Estado. Publicação integral do projeto. (D.O. do Est. 205, de 12-IX-48, pag. 18 e 210, de 18-IX-48, pag. 22).

O sr. Governador do Estado veta parcialmente o projeto de lei organizado pela Assembléia Legislativa instituindo o salário-família a todos os funcionários públicos. Publicação integral do autografo e as razões do veto. (D.O. 236, de 19-X-48, pag. 25).

Sapataria do S.I. - Sec. Reembolsável

Fica criada uma Sec. Reembolsável, na Sapataria do S.I., destinada a atender aos serviços particulares dos oficiais e praças da F.P. nas conformidades das Instruções que se publicam em anexo. (Bol. Geral 238, de 22-X-48).

Serviço de Assistência Social

Atribuições do oficial encarregado do S.A.S. nos Corpos, Serviços e Es-

tabelecimentos. Anexas ao Bol. Geral 210, de 20-IX-48.

Serviço de Engenharia — Venda de material

O S. E. está vendendo material de construção aos elementos da Fôrça que o desejarem, dentro das possibilidades do seu estoque. (Bol. Geral 239, de 23-X-48).

Passa a constituir novamente unidade autônoma, nos moldes dos demais serviços, o Serviço de Engenharia, que fica, em consequência, desligado do Q. G. Dá ainda as atribuições do S. E. (Bol. Geral 242, de 27-X-48).

Serviço de Transmissões — Reorganização

Fica reorganizado, como unidade autônoma, nos moldes dos demais serviços, o S. Trns. Estabelece a competência e funcionamento do S. Trns. (Bol. Geral 226, de 8-X-48).

Serviço de Subsistência

Relação das funções do pessoal da Cozinha Central a serem gratificadas, considerando-se o esforço extraordinário desenvolvido pelos elementos respectivos. (Anexo ao Bol. Geral 210, de 20-IX-48).

Instruções para o pagamento da gratificação do pessoal da Cozinha Central. (Bol. Geral 211, de 21-IX-48).

A Comissão de Subsistência passa a denominar-se Serviço de Subsistência. (Bol. Geral 213, de 23-IX-48).

Sete de Setembro — Dia da Pátria

Nesse dia foi publicado um boletim comemorativo à data máxima da nacionalidade.

Vales de alimentação

Publica novamente as Instruções provisórias para o fornecimento do rancho na Capital, por terem saído com incorreção no Bol. Geral 217-48. (Bol. Geral 220, de 1-X-48).

Vantagens aos participantes da F. E. B. e Rev. de 1932

Veto do sr. Governador do Estado ao projeto de lei da Assembléia Legisla-

tiva concedendo vantagens aos participantes ativos da revolução Constitucionalista de 1932 e da Fôrça Expedicionária Brasileira. (D. O. E. 196, de 1-IX-48, pag. 13).

Veículos motorizados — Restrição no uso

Reduz de 30% a dotação de gasolina para os carros de passeio e estabelece outras medidas de economia. (Bol. Geral 222, de 4-X-48).

Vencimentos e vantagens pessoais — Remessa

Ficam as unidades autorizadas a remeterem pelo correio ou em mão própria os vencimentos e vantagens dos oficiais e praças transferidos ou desligados da unidade, correndo a despesa por conta da correspondência taxada, desde que o credor não seja responsável pela alteração. Seguem-se outras alterações. (Bol. Geral 221, de 2-X-48).

Vencimentos de reformados

O Diretor do Departamento da Despesa da Secretaria da Fazenda determina que independente de novas ordens pague-se, a partir do mês de setembro, aos inativos do Estado, civis e militares, os novos proventos fixados pelo Decreto de 3 do corrente mês, exclusivamente aos que atingirem proventos até Cr. \$ 2.000,00 mensais, inclusive, na nova base.

Para efetivação do pagamento, os Exatores deverão ter em vista as relações anexas ao título declaratório dos proventos anuais, publicadas nos dias 7 e 9-IX-48, bem como as retificações inseridas posteriormente no Diário Oficial.

Com relação aos militares, os pagamentos serão efetuados à vista das respectivas folhas organizadas pelo Serviço de Fundos, como habitualmente.

Quanto aos períodos de 9-VII a 31-XII-47 e 1-I a 31-VIII-48, oportunamente serão expedidas instruções. (Ordem de Serviço 62-48-G. D. (Bol. Geral 218, de 29-IX-48).

Vinte e Nove de Outubro

Boletim comemorativo pela passagem da data da volta ao regime constitucional. (29 de outubro de 1948).

“A MARCHA VERMELHA”

Ten. Hildebrando Chagas

Notável tem sido, nestes últimos tempos, o aparecimento de obras dedicadas ao estudo elucidativo dos atos e fatos que, desde há muito, vêm caracterizando o movimento internacional-comunista. Resultado natural do entrechoque ideológico que os povos assistem, em expectativa dolorosa, a literatura anti-comunista dá-nos a impressão forte de que muito ainda se tem a fazer, quer no terreno da prática construtiva, quer na complexidade da teoria doutrinária, diretiva, dedo responsável da cultura a mostrar o caminho do bem.

Não temos como negar a existência de uma luta terrífica que asoberba a humanidade. Não podemos, em sã consciência, metidos em roupagem de ser que raciocina, e que raciocinando procura dentro das suas possibilidades auscultar as verdades no emaranhado das cousas que nos rodeiam, e que são a própria vida, ignorar, ou pretender ignorar, por quaisquer motivos, o embate dantesco que em suas malhas já envolveu, cataclismicamente, o mundo todo.

Não vai em nós a pretensão descabida de alevantar ânimos. No entanto, temos que no tumultuar dos dias indecisos que não sabemos quando e como terminarão; ou no vai-e-vem interrogativo de problemas seríssimos que desafiam a pertinácia da diplomacia a mais arguta, ninguém deve ficar à margem, em situação cômoda por excelência, como que a antegozar o espetáculo da iminente explosão ciclópica.

As Nações já se definiram. A luta se vem processando aberta e ininterruptamente, afirmando-nos destarte a não possibilidade de trégua antes de um fim verdadeiramente último.



Cap. DAVINO FRANCISCO DOS SANTOS
autor de “A MARCHA VERMELHA”

Mas nem todos os homens se definiram. E por não se definirem, nesta encruzilhada decisiva para a civilização, que é a nossa encruzilhada mais séria porque dela dependerá o futuro das gerações porvindouras, é que a confusão mais e mais se alarga, e domina, e avassala a tranqüilidade das gentes.

Conforta-nos saber, entretanto, que muitos arrostam a incomodidade de uma definição. De um lado ou de outro, vamos encontrando pelo áspero trilhar das convicções, caracteres fortes, afeitos aos solavancos da vida, que não titubeiam, que não fogem ante ferrenhos ataques que do outro lado partem.

“A Marcha Vermelha”, êsse livro arrojado que nos chegou às mãos em tão boa hora, é um exemplo de definição clara, sobejamente elogiável porque, longe de ficar no obscurantis-



mo dos comentários particularíssimos, apresentou-se como documento vivo, palpitante e sem rodeios, ao julgamento da consciência nacional.

Não temos em mente a análise literária da obra. Foge-nos a missão dignificante de crítica, já pelas exigências apreciáveis de erudição e senso artístico que tão bem caracterizam os Álvaro Lins, Tristão de Ataíde, Antônio Candido, Sérgio Milliet e outros, para só falar dos contemporâneos, já porque o autor, no afã de apenas reproduzir o que viu e sentiu, a bem da verdade, não se dedicou a fundo aos encantamentos da arte.

O que nos propuzemos fazer, foi tão somente frizar a coragem, o grande desprendimento de seu autor Capitão Davino Francisco dos San-

tos: ontem, batalhador incansável dos propósitos marxistas; hoje, desiludido das promessas nirvânicos, a formar entre os que não claudicam na defesa da Democracia.

“A Marcha Vermelha” é bem um grito de alerta aos indiferentes.

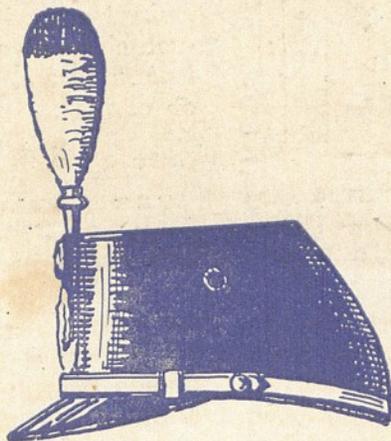
Não se pôde negar que em dados momentos tenha brotado da imaginação do autor algo de lírico. Porém, o que mais se vislumbra em suas páginas, é a eficiência de u’a memória privilegiada a serviço da história.

Libelo tremendo. Exuberante de fatos desconhecidos do povo, em sua quase totalidade, o livro do Cap. Davino arrasta o leitor à meditação.

Kravchenko L. White, Vaultin. Konsenkina, Granovski, Gouzenko, Davino... Quantas coincidências!

E ainda existem indiferentes...

Na contra-capa, flagrantes da Fôrça Pública no grande desfile do dia 7 de Setembro. De cima para baixo: Escola de Oficiais — Banda de Música — Regimento de Cavalaria — Batalhão Policial — Batalhão de Guardas.



Em nossa capa, um aspecto do Monumento do Ipiranga. Obra do notável escultor italiano, Ettore Ximenez, foi inaugurado em 1922, por ocasião das festas comemorativas do 1.º Centenário da Independência Brasileira, quando se encontrava na presidência do Estado de São Paulo o dr. Washington Luiz Pereira de Souza.

